Editora ABRIL
edição 2761 - ano 54 - nº 42
27 de outubro de 2021

ASSIM A CASA CAI

A proposta de criação do Auxílio Brasil, o Bolsa Família de Bolsonaro, veio acompanhada de um ataque ao teto de gastos, a principal regra de responsabilidade fiscal do governo. Com claro objetivo eleitoral e inconsequente em termos econômicos, essa medida pode custar muito caro ao país

7%

steps

7345

8.23 km | 486

121bpm

00h42m12s

Seu corpo
é uma
maquina

Acesse as informações
sobre iniciativas
da Vale na Amazônia.
Na natureza
estamos todos
interli
VALE

A Vale reconhece o valor da biodiversidade e entende que para transformar o amanhã da Amazônia é preciso cuidar do dia a dia de quem vive na região.

E é ouvindo as pessoas que mais conhecem a Amazônia que a Vale está há mais de 30 anos recuperando e protegendo cerca de 1 milhão de hectares de floresta.

gados

Apoiando a economia sustentável de baixo carbono e comprometida em se tornar uma empresa carbono zero até 2050.

Investindo em mais de 80 projetos e negócios socioambientais, gerando empregos e renda, como a produção de mel do Pasto Apícola e a coleta sustentável do jaborandi, usado no combate ao glaucoma, pela Cooperativa Extrativista de Carajás. Por meio de uma rede de parceiros, o Fundo Vale fortalece e desenvolve negócios agroflorestais, que permitem a recuperação de áreas desmatadas, incentivando, ao mesmo tempo, a agricultura familiar e a bioeconomia.

Quando a gente cuida da Amazônia, cuida das pessoas.
Quando a gente cuida das pessoas, cuida da Amazônia.

Cuidar das florestas hoje é transformar o amanhã de todos.

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

Grande São Paulo:
(11) 3347-2121
Demais localidades:
0800-775-2828

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento
www.abrilsac.com.br

Grande São Paulo:
(11) 5087-2112
Demais localidades:
0800-775-2112

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Para baixar sua revista digital
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para: licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

Redatores-Chefes: Fábio Altman, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz

Editora Executiva: Monica Weinberg **Editor Especial:** Daniel Hessel Teich **Editor Sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Amauri Barnabe Segalla, Carlos Eduardo Valim Banhos Henrique, Cilene Gomes Pereira, Clarissa Ferreira de Souza e Oliveira, José Benedito da Silva, Raquel Angelo Carneiro, Sergio Roberto Vieira Almeida, Tiago Bruno de Faria **Editores Assistentes:** Larissa Vicente Quintino, Luiz Felipe de Oliveira Castro, Ricardo Vasques Helcias, Thomaz de Molina **Repórteres:** Alessandro Giannini, Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Augusto Fernandes Conconi, Bruno Franca Ribeiro, Caique Vicentini de Alencar, Eduardo Gonçalves, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Felipe da Cruz Mendes, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, João Pedroso de Campos, Josette Goulart, Julia Teixeira Braun, Laisa de Mattos Dall Agnol, Leonardo Lellis, Luana Meneghetti, Lucas Vettorazzo Rodrigues Barros, Luisa Costa de Oliveira e Sousa, Luisa Purchio Haddad, Meire Akemi Kusumoto, Reynaldo Turollo Jr., Sabrina Gabriela de Brito, Simone Sabino Blanes, Tulio Kruse de Morais, Victor Irajá **Sucursais:** ***Brasília* — Chefe:** Policarpo Junior **Editor Executivo:** Daniel Pereira **Editor Sênior:** Robson Bonin da Silva **Editora Assistente:** Laryssa Borges **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Letícia de Luca Casado, Rafael Moraes Moura ***Rio de Janeiro* — Chefe:** Monica Weinberg **Editoras:** Fernanda Thedim, Sofia de Cerqueira **Repórteres:** Caio Franco Merhige Saad, Carolina Barbosa da Silva, Cássio Bruno Gomes Silva Gonçalves, Cleo Guimarães, Ernesto Augusto de Carvalho Neves, Jana Sampaio, Ricardo Ferraz de Almeida **Estagiários:** Camila Cristina Nascimento, Eduarda Gomes Silva, Marcelo Augusto de Freitas Canquerino, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Matheus Deccache de Abreu, Nathalie Hanna Georges Alpaca, Tamara Yussif Abou Nassif **Checadoras:** Andressa Tobita, Luana Lourenço Alves Pinto **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Infografistas:** Anderson Marçal Leandro, Wander Moreira Mendes **Fotografia — Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadoras:** Ana Paula Galisteu, Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus, Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Preparador Digital:** Luiz Henrique Silva de Azevedo **Colaboradores:** Alon Feuerwerker, Dora Kramer, Fernando Schüler, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços Internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

DIRETORIA EXECUTIVA DE PUBLICIDADE Jack Blanc **DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA** Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Lucas Caulliraux **DIRETORIA EXECUTIVA DE TECNOLOGIA** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 761 (ISSN 0100-7122), ano 54/nº 42. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA ESDEVA INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA. Av. Brasil, 1405, Poço Rico, CEP 36020-110, Juiz de Fora, MG

www.grupoabril.com.br

EDILSON RODRIGUES/AGÊNCIA SENADO

CRISTIANO MARIZ

LONGE DOS HOLOFOTES
A editora Laryssa: bastidores da CPI mostram desejo de vingança de alguns senadores, pressão sobre testemunhas e até espionagem

FECHAM-SE AS CORTINAS

DURANTE SEIS MESES, em horas e horas de transmissão, o Brasil acompanhou com enorme atenção os depoimentos e os embates acalorados entre os parlamentares na CPI da Pandemia. Indignados, os oposicionistas estavam empenhados em provar que milhares de mortes provocadas pela Covid-19 poderiam ter sido evitadas, caso o governo não tivesse se recusado a seguir os protocolos e demorado tanto a implementar o processo de vacinação dos brasileiros. Temerosos do desgaste, os governistas tentavam mostrar que tudo que estava ao alcance do Ministério da Saúde e do Planalto havia sido realizado, incluindo o repasse de centenas de bilhões de reais para estados e municípios. De fato, a CPI foi um espetáculo que transformou alguns senadores desconhecidos em celebridades instantâneas, resgatou a imagem de outros que pareciam condenados ao ostracismo e serviu de eficiente palanque eleitoral para a grande maioria. Por se tratar de instrumento político, é compreensível e até natural que seja assim. Mas há o momento em que a racionalidade precisa prevalecer e as diatribes, postas em seus devidos lugares.

Na quarta-feira 20, o senador Renan Calheiros apresentou finalmente o relatório com as conclusões da investigação. O documento é devastador para a imagem do governo como um todo — e para Jair Bolsonaro em particular. O presidente é acusado de nove crimes, entre eles charlatanismo, fraude de documentos e epidemia com mortes. Para que todo o trabalho feito não se perca por pirotecnia e oportunismos, é recomendável que a encenação política dê agora lugar à realidade e os fatos ocupem o lugar das teorias. Em 1180 páginas, o relator enumerou uma teia de ações e omissões do governo, listando uma série de decisões equivocadas, exemplos de incompetência, suspeitas de corrupção e inúmeras situações que ressaltam o negacionismo e a pregação oficial contra as medidas de prevenção à doença. São acusações sérias e precisam ser investigadas. Nada disso, no entanto, permite concluir que o governo estivesse empenhado numa campanha de extermínio em massa ou, como queria o relator inicialmente, num "genocídio".

Felizmente, alguns sinais de sensatez surgiram antes da apresentação do relatório final. Convencido pelos colegas, Calheiros suprimiu alguns trechos do documento, que ainda terá de ser validado pelo plenário da comissão. Numa decisão acertada, o crime de "genocídio" foi excluído pelo relator das acusações contra o presidente. Afinal de contas, os exageros motivados por conveniências políticas acabam tendo efeito contrário, ao fragilizar a credibilidade do relatório e comprometer todo o árduo trabalho dos senadores. Com a finalização da CPI, a questão é o que acontece a partir de agora. Esse é o tema da reportagem da editora assistente Laryssa Borges, da sucursal de Brasília, que começa na página 30. Depois de uma apuração minuciosa ouvindo senadores, procuradores, servidores públicos, ministros do governo e do STF, a jornalista analisa os prováveis desdobramentos das acusações contra o presidente e revela histórias pouco glamorosas que se passaram nos bastidores da CPI. Bem longe dos holofotes, são relatos impressionantes, que envolvem juras de vingança, ameaças a testemunhas, acertos de contas e até espionagem. Boa leitura. ■

"O GOVERNO É INJUSTIÇADO"

O presidente da Caixa afirma que são intrigas os boatos de que assumiria o Ministério da Economia no lugar de Paulo Guedes e tenta rebater as críticas de que o Auxílio Brasil é um programa eleitoreiro

RAFAEL MORAES MOURA

CRISTIANO MARIZ

UM DOS MAIS assíduos convidados nas *lives* de Jair Bolsonaro, Pedro Guimarães é o único comandante de uma grande estatal que se mantém firme no cargo desde o início do governo. Os outros foram demitidos ou pediram para sair. Aos poucos, o presidente da Caixa Econômica Federal também se transformou num conselheiro frequente do presidente, a ponto de despertar ciúme em alguns gabinetes importantes de Brasília e virar alvo de rumores de que poderia substituir o seu chefe, o ministro Paulo Guedes, na Economia. Intrigas à parte, Guimarães ganhou notoriedade ao coordenar, com sucesso, a logística de distribuição do auxílio emergencial pago a mais de 68 milhões de pessoas durante a pandemia. A Caixa, aliás, será responsável pelo pagamento do Auxílio Brasil, o programa assistencial que vai substituir o Bolsa Família numa manobra claramente eleitoreira — crítica com a qual Guimarães, claro, não concorda. Nesta entrevista a VEJA, o economista, que defendeu a privatização de todas as empresas estatais em sua tese, explica por que mudou de ideia em relação à passagem do banco para a iniciativa privada, fala dos boatos sobre uma candidatura política e afirma que o governo Bolsonaro tem um cartel enorme de realizações importantes, mas que não é devidamente reconhecido.

Em Brasília e no próprio mercado, fala-se muito que o senhor é candidato ao cargo de ministro da Economia do governo Bolsonaro. Eu não controlo o que as pessoas falam. Mas não tenho diferenças com o ministro Paulo Gue-

des. Do ponto de vista objetivo, sou presidente da Caixa com muito orgulho — e essa é a minha missão no governo. Aliás, sou o único presidente de estatal que continua no cargo desde o começo desta administração. Mudou o comando do BNDES, Banco do Brasil, Eletrobras, Petrobras. Se houvesse qualquer problema...

Qual é a relação do senhor com o presidente Jair Bolsonaro? É uma relação de confiança de alguém que conheceu o presidente bem antes de ele se eleger *(ambos se conheceram em 2017)*. Essa relação cresceu porque a Caixa entregou os desafios que lhe foram apresentados. Ressalto que tenho a mesma relação de confiança e lealdade com o ministro Paulo Guedes. Hoje, a Caixa é percebida por todo mundo como um banco sólido, indispensável, fundamental para a operação das políticas sociais do governo.

No passado, o senhor era um defensor radical das privatizações, inclusive dos bancos públicos. O que mudou? Em 2003, quando defendi minha tese de doutorado sobre as privatizações, minha visão era a de que não havia motivos para empresas prestadoras de serviço serem controladas pelo Estado. Com relação à Caixa, sempre tive uma dúvida teórica. Hoje não tenho mais: a Caixa cumpre um papel social de gestão.

Qual a diferença da Caixa para a Eletrobras ou os Correios, cujas privatizações estão em andamento? São negócios que você consegue implantar de maneira mais eficiente com o setor privado. É possível ter outras empresas operando o sistema energético. Você tem várias empresas que conseguiriam fazer com eficiência o que os Correios fazem sem sacrificar o contribuinte. Agora, no caso da Caixa, há um conjunto de operações que nenhum banco realiza. Estamos abrindo

“Sou presidente da Caixa com muito orgulho. Aliás, sou o único presidente de estatal que continua no cargo desde o começo do governo. Mudou o comando do BNDES, Banco do Brasil, Eletrobras e Petrobras”

100 agências dedicadas exclusivamente ao agronegócio. Temos as loterias, o FGTS, a gestão imobiliária, em especial para as famílias de baixa renda, os programas com governos e prefeituras. E ainda há o auxílio emergencial e o Auxílio Brasil. Não me parece real imaginar, mesmo teoricamente, que bancos privados possam assumir essas funções.

Historicamente, a Caixa ficou conhecida por abrigar interesses fisiológicos e ser usada por políticos para operações nem sempre republicanas. Isso mudou. De fato, existia antes a imagem de uma instituição que tinha tido problemas de corrupção. Quando eu assumi, o ministro Paulo Guedes e o presidente Jair Bolsonaro me deram total independência. Dos 120 principais executivos, 105 foram trocados. Dos cinquenta vice-presidentes e diretores, só um continua. Não havia nenhuma mulher, hoje são catorze. Estava muito claro para mim que não existia meritocracia. Hoje há. Promovemos uma racionalização de processos. Também havia desperdício de recursos. Um exemplo: os gastos com espaço físico. Até o fim do ano serão devolvidos 161 edifícios, o que vai gerar 10 bilhões de reais em redução de custos a médio e longo prazo. Também reformulamos a questão dos patrocínios. O objetivo é valorizar o componente social, uma maneira de incentivar determinadas atividades que carecem de apoio.

Como assim? Tem de haver um racional matemático para a Caixa. Ou seja, não adianta fazer um patrocínio que você não consiga mensurar e defender o benefício para o banco. Tem de ser algo focado no grupo mais carente. Ampliamos o patrocínio a orquestras sinfônicas. Já dávamos apoio ao Comitê Paralímpico Brasileiro, mas decidimos espalhar pelo Brasil inteiro, com investimento em atletas de base. Por quê? Porque ninguém faz. Quando nós terminamos os contratos dos clubes de futebol, rapidamente fomos substituídos. Eu sou flamenguista, mas em uma semana o Flamengo já tinha achado vários patrocinadores. E olha que a gente terminou exatamente no começo de 2019. De lá para cá, foram os três melhores anos do clube. Ou seja, o Flamengo não precisava da Caixa. É bom ressaltar que no primeiro trimestre de 2019, quando assumimos, o banco tinha um balanço com ressalva. Faltava capital. Hoje temos avaliação positiva.

O banco foi recentemente acusado de privilegiar pessoas próximas à primeira-dama Michelle Bolsonaro em processos de concessão de empréstimos. O que houve? Todas as operações na Caixa, de micros e pequenas empresas, são feitas e avaliadas de maneira automática, sem nenhum envolvimento de gestor. Portanto, não houve privilégio algum a ninguém. Essas operações são todas independentes, com aval anterior da Receita Federal e sem nenhuma possibilidade de ingerência administrativa ou política.

Pressionar a Federação Brasileira de Bancos *(Febraban)* contra o endosso a um manifesto pela harmonia entre os poderes não é uma forma de uso político da Caixa? Como membro da Febraban, apenas votamos contra. Houve uma diferença de opiniões. Simples assim. A coisa mais normal é ter opiniões divergentes. Isso é um não problema, já tivemos outras reuniões depois disso. Se a gente não puder ter diferença de opinião, as reuniões perdem a razão de ser. Mas esse é um episódio superado.

O Auxílio Brasil vai conseguir resgatar a popularidade do presidente Bolsonaro? Essa questão não é o foco do governo. O foco é ajudar as pessoas mais carentes em um momento de pandemia, como foi no auxílio emergencial.

Mas qual é a percepção que o senhor tem sobre essa relação entre o auxílio e as eleições? Posso garantir que o governo é totalmente responsável sob o ponto de vista fiscal. Você tem um governo que trata a questão fiscal com o máximo de responsabilidade, que faz as reformas, que gerou o Banco Central independente, que está focado em fazer privatizações, e a consequência disso é um recorde de operações de abertura de capital no Brasil. É preciso destacar outro ponto importante: no ano passado, era praticamente unânime que o PIB do Brasil poderia cair 10%. A queda foi de 4,1%, e isso não reverberou. Neste ano, o PIB deve crescer algo em torno de 5%. Se você pegar os dois anos da pandemia, o Brasil teve um dos melhores desempenhos do mundo. As contratações no mercado de trabalho crescem há vários meses. Esses são fatos, a diferença do Brasil para vários países do mundo também, mas poucos reconhecem.

As pesquisas mostram que o governo é considerado ruim por mais da metade dos brasileiros. Temos muitas conquistas em várias áreas. Na economia, como já falei antes, nós fizemos a reforma da Previdência e a independência do Banco Central. Desde que entrei no mercado financeiro, ouço a demanda da independência do BC. Eu vejo um avanço das causas, por exemplo, da privatização da Eletrobras, que é fundamental. A minha sensação é de que nós fizemos muitas coisas, mas esses fatos não reverberam. No caso da Caixa, você tem o banco com resultado recorde, com as menores taxas e a melhor avaliação da sua história por todos os órgãos de regulação.

Mas por que esse cenário não reverbera? Talvez porque ele não seja tão positivo? Há uma injustiça com o governo. Nós estamos concluindo obras que estavam paradas há muitos anos. No caso da Caixa, estamos terminando projetos do Casa Verde Amarela *(antigo Minha Casa Minha Vida)* parados há quatro, cinco, seis anos. A bolsa de valores está onde nunca esteve. Só que você não reverbera isso do ponto de vista de elogios. Já tivemos 115 leilões com 550 bilhões de reais em investimentos contratados e 125 bilhões de reais em outorgas pagas. Só quem confia no Brasil e na sua economia realiza tantos investimentos.

> **"Fizemos a reforma da Previdência e a independência do Banco Central. Houve avanço na privatização da Eletrobras. A minha sensação é de que fizemos muitas coisas, mas esses fatos não reverberam"**

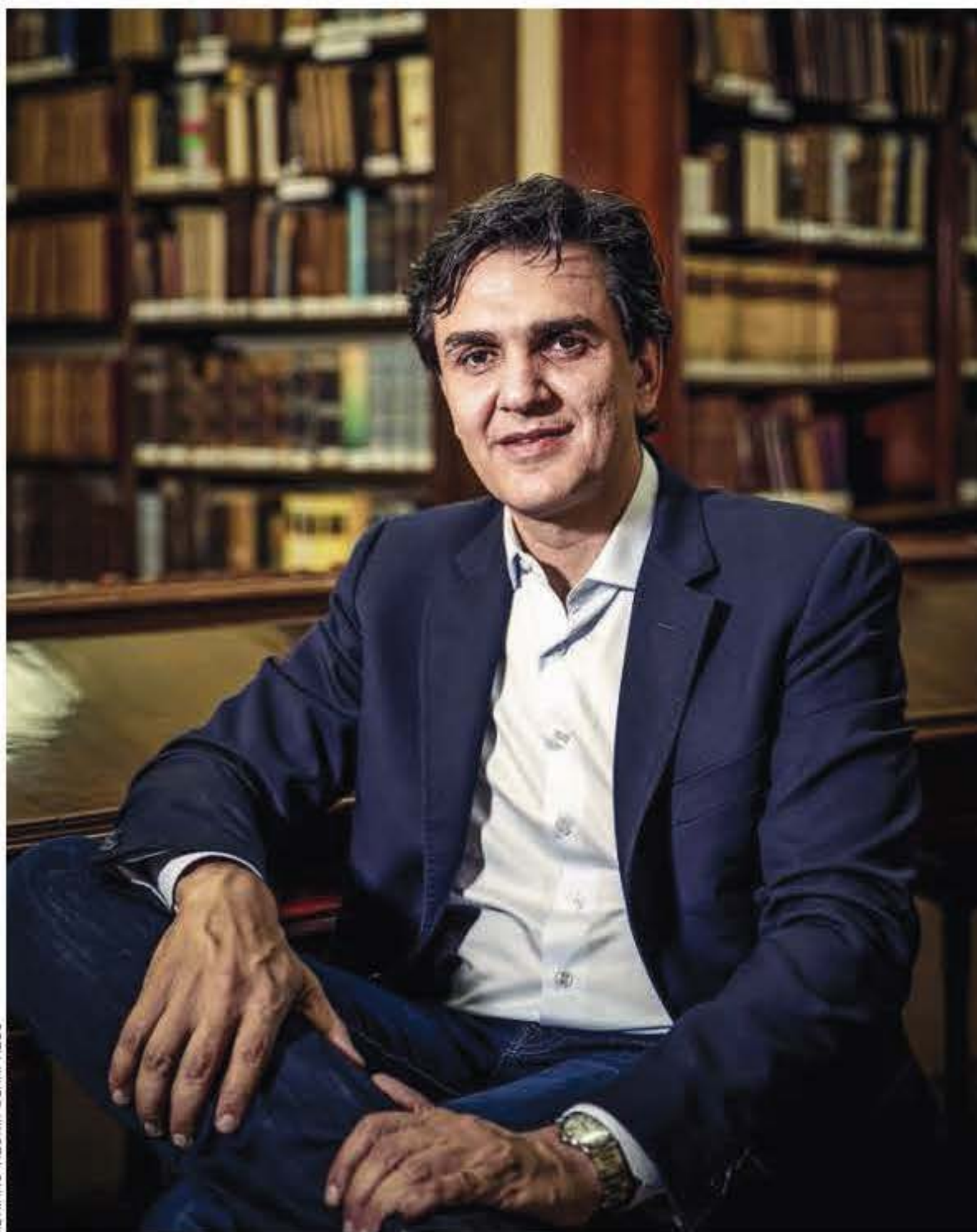
O senhor já fez 114 viagens pelo país, provavelmente mais do que qualquer outro auxiliar membro do governo. Por quê? Sou carioca e morei quinze anos em São Paulo. Então aquela lotérica a que eu ia num shopping, na Faria Lima, não tem nada a ver com a lotérica no interior do Acre e Rondônia, na tríplice fronteira. Esse foi um dos motivos de eu viajar o Brasil inteiro, porque era óbvia a questão social da Caixa. Viajei a lugares a que eu nunca tinha ido, como Roraima, Rondônia, Amapá e Acre. Fui a lugares que não estavam no mapa. No Norte, por exemplo, vi que existe um tipo diferente de pobreza. Há água, comida, mas não tem saneamento. Então você vê pessoas morando em casas flutuantes que bebem água no mesmo lugar onde despejam o lixo e fazem suas necessidades fisiológicas. Há um mundo onde a economia e a parte social dependem da presença da Caixa. Por isso, há um impacto gigantesco quando a gente faz um anúncio de abrir quase 300 novas agências.

O senhor será candidato a algum cargo eletivo em 2022? Não sou político. Eu queria deixar isso muito claro: meu foco único e exclusivo é a Caixa Econômica Federal. A gente não discute outra alternativa. A única conversa que tenho com o presidente da República é sobre a Caixa porque a Caixa já é um desafio gigantesco. A Caixa é quem operacionaliza todas as questões sociais. Se tivermos uma falha aqui, teremos um problema gigantesco no Brasil. ■

A CENA TÃO ESPERADA

POUCAS IMAGENS eram tão esperadas e são tão simbólicas da retomada da vida normal em tempo de pandemia quanto a das salas de aula com alunos sentados nas carteiras. Na segunda-feira 18, as aulas presenciais foram retomadas de forma obrigatória em escolas públicas e particulares do estado de São Paulo. Com 80% da população paulista duplamente vacinada (no Brasil, o índice chega a pouco mais de 50%) e com a queda consistente nos números de casos e mortes em decorrência da Covid-19, deu-se o novo e cuidadoso passo. A partir de 3 de novembro, deixará de ser exigido o distanciamento de 1 metro nas instituições educacionais, assim como o rodízio de estudantes. Máscaras ainda são compulsórias. É movimento que se espalhará pelo país. Os únicos alunos afeitos a continuar com o ensino remoto serão aqueles sem a vacinação completa, com atestado médico e que fazem parte do grupo de risco. Embora a obrigatoriedade das aulas presenciais seja recente, boa parte das escolas particulares de São Paulo, como o **Colégio Humboldt,** já vinha recebendo grande número de seus alunos desde o início do segundo semestre, com afastamento e rígido controle sanitário. No sistema público, contudo, a realidade é outra: de acordo com a Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, somente uma em cada quatro escolas estaduais seria capaz de manter o distanciamento entre os estudantes com capacidade máxima. No pós-pandemia, o Brasil precisará lidar com defasagens históricas e constrangedoras, que vinham de antes e o vírus ampliou. ■

Sabrina Brito

KARIME XAVIER/FOLHAPRESS

ADRIANO VIZONI/FOLHAPRESS

EM CAMPANHA Gabriel Chalita: "Ganhar ou perder faz parte do processo"

ENTRE OS IMORTAIS?

Autor de mais de noventa livros, de títulos de autoajuda a poesia, o ex-parlamentar jura ter deixado de vez a vida política e agora se lança na concorrência a uma vaga na Academia Brasileira de Letras

O senhor se sente mesmo à altura de ocupar uma vaga em uma instituição que já teve nomes como Machado de Assis? É um processo complexo. Ganhar ou perder faz parte. Posso dizer apenas que minha vida é escrever. Escrevo todo dia: artigos, textos, prefácios de livros... Sou advogado, já tive incursões na política. Hoje atuo como professor de filosofia e escritor. Essas são minhas maiores realizações.

Como surgiu a ideia de tentar se tornar um imortal da ABL? A Lygia Fagundes Telles foi uma das primeiras pessoas que me incentivaram a entrar na Academia Paulista de Letras. Acabei me tornando um dos membros mais jovens. No ano passado, o professor Tarcísio Padilha me chamou à casa dele e disse: "Gostaria muito que você fosse candidato na Academia Brasileira". Tarcísio acabou falecendo, e sou candidato na vaga dele.

Acha que tem chances reais de vencer? É natural nesse processo que existam outros candidatos excelentes. Na campanha, você conversa, vai sentindo quem o está apoiando e quem não está. Só esse processo já é muito prazeroso.

Como é possível ter escrito mais de noventa livros ao longo de uma carreira literária tão curta? Sou muito organizado. Dou aulas às quartas, quintas e sextas pela manhã. Durante boa parte do tempo que me sobra, cumpro agenda de outros compromissos e escrevo.

A crítica nunca se impressionou com suas obras. Isso o incomoda? Acabei de ser premiado pela Unesco por um livro que se chama *O Pequeno Filósofo*. Fiquei muito feliz. Tenho uma editora, a Serena, recém-lançada. Vamos publicar no fim do ano o livro do Whindersson Nunes, que é um fenômeno da internet. Sou um defensor de que você tem de fazer com que as pessoas leiam por todos os caminhos possíveis. É legal ler Machado de Assis, é fascinante. Mas, talvez para quem não esteja acostumado, ler o livro do Whindersson Nunes vai ser muito legal, vai abrir portas para outros caminhos.

O senhor já foi secretário de Educação de São Paulo e deputado federal. Não pretende retomar a carreira política? Sempre me proponho a ajudar na construção de políticas públicas. Em alguns lugares até ajudei a fazer projetos educacionais. Mas hoje já faço muita coisa. Foi muito legal a passagem pela política, mas são momentos da vida. Meu momento de vida agora é isto: sala de aula e livro. ■

Tulio Kruse

KARWAI TANG/WIREIMAGE/GETTY IMAGES

"É preciso que mentes e cérebros brilhantes se concentrem em consertar este planeta, em vez de ficar tentando achar um outro lugar para viver."

PRÍNCIPE WILLIAM, em recado, sem citar nomes, a Jeff Bezos, Elon Musk e Richard Branson, os bilionários envolvidos em uma corrida espacial

"Zara zerou."

ARLETE SILVEIRA, delegada da Polícia Civil do Ceará, revelando o código criado pela loja de roupas e divulgado no sistema de som cada vez que uma pessoa negra entrava. A ordem era que fosse seguida de perto pelos funcionários

"A imagem de político perfeito era falsa."

HELMUT BRANDSTÄTTER, deputado da oposição, sobre a queda do primeiro-ministro austríaco Sebastian Kurz. Um inquérito comprovou que ele subornou órgãos de imprensa para publicar pesquisas e notícias falsas que favoreceram sua meteórica ascensão política

"Não aos jogos genocidas."

CARTAZ de ativistas que pularam uma cerca em Olímpia, na Grécia, e interromperam a cerimônia de acender a tocha da Olimpíada de Inverno de Pequim, no ano que vem. Eles protestavam contra a perseguição da minoria uighur pelo governo chinês

"A rainha acha que não cumpre os requisitos necessários para aceitar e espera que encontrem alguém mais merecedor."

TOM LAING-BAKER, secretário particular de Elizabeth II, em carta informando que ela não aceita o prêmio Velhinha do Ano por acreditar que "cada um tem a idade que sente". Apesar do otimismo, a rainha, seguindo recomendação médica, cancelou uma viagem à Irlanda do Norte, porque precisa descansar

"Nessa aí eu acho difícil de acreditar."

MELANIA TRUMP, ex-primeira-dama dos Estados Unidos, referindo-se à célebre *golden shower* incluída em um suposto encontro do marido, Donald, com prostitutas russas. Quem contou a reação de Melania foi o próprio Trump. Ele não revelou em quais alegações ela acredita

LOURDES LEON, filha mais velha de Madonna, afirmando que pagou com seu trabalho de modelo a faculdade e o apartamento onde mora

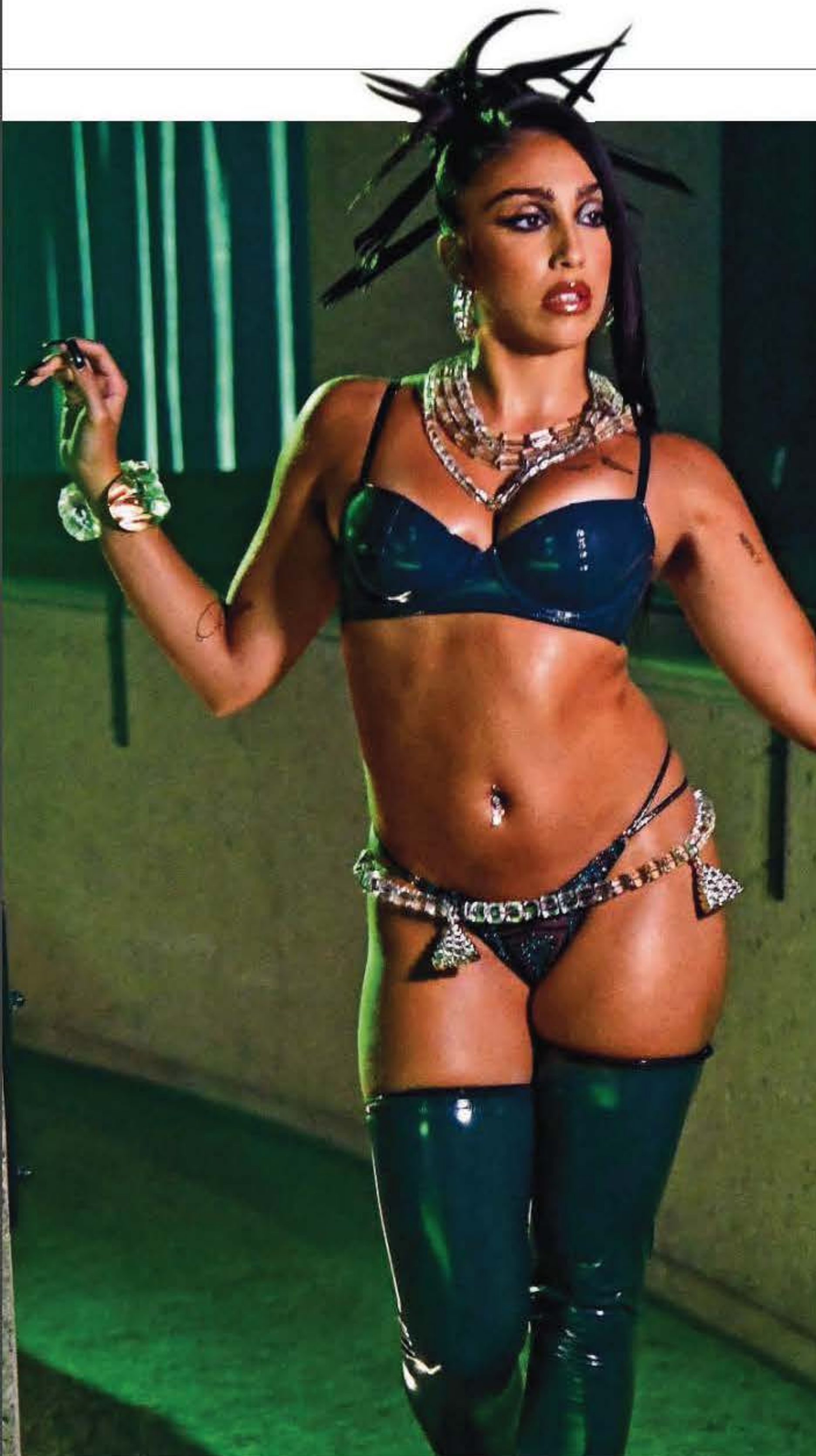
"Querido Balan, Balun, Balin, Balenciagaga..."

HOMER SIMPSON, compondo uma mensagem para Demna Gvasalia, estilista da Balenciaga. Em vez de participar da semana de moda de Paris, a grife divulgou um vídeo de dez minutos em que os Simpsons e amigos desfilam suas criações. Já alcançou 5 milhões de visualizações

"A série e a mensagem não eram muito feministas."

CANDACE BUSHNELL, autora de *Sex and the City*, lembrando que o principal objetivo da independente e liberada Carrie Bradshaw era conquistar Mr. Big

"Não vou revelar se tomei vacina ou não. É uma questão privada."

NOVAK DJOKOVIC, tenista campeão e notório opositor da imunização obrigatória, adiantando que por causa disso deve ficar de fora do torneio da Austrália, em janeiro

KEVIN MAZUR/GETTY IMAGES

FERNANDO SCHÜLER

A NOVA ERA DAS BRUXAS

A ESCRITORA e jornalista americana Anne Applebaum resolveu fazer uma provocação, em um artigo recente, dizendo que vivemos tempos de um novo puritanismo. Lendo o texto me veio à mente a recente decisão da Câmara de Nova York de remover a estátua de Thomas Jefferson, autor intelectual da declaração da independência dos Estados Unidos. Eu me lembrei também da "polêmica", com direito a protestos no Parlamento italiano, em torno da escultura de Emanuele Stifano, na cidade de Sapri, acusada de "sexualizar a mulher", visto deixar em evidência as formas de seu corpo. Me lembrei das esculturas de Rodin, dos óleos de Gauguin no Taiti. Estariam em maus lençóis, hoje em dia, assim como toda "memória suja", diante de toda a nossa pureza.

LEONARDO CENDAMO/GETTY IMAGES

PROVOCAÇÃO A escritora Anne Applebaum: denúncia do puritanismo de nosso tempo

As histórias contadas por Applebaum não falam de estátuas, mas de pessoas. O professor acusado de má conduta sexual por escrever sobre assédio; outro por questionar se desigualdades tinham a ver com preconceito ou exclusão socioeconômica. Histórias como a de Ian Buruma, editor do *The New York Review of Books*, "cancelado" por publicar o texto de Jian Ghomeshi, denunciado (e absolvido) por assédio sexual, e a escritora nigeriana Chimamanda Adichie, quase cancelada por dizer que "mulheres trans são mulheres trans", sugerindo haver diferença entre a sua experiência e a das "mulheres mulheres".

Há um lado sombrio nisso tudo. A pequena intolerância, a ação permanente dos caçadores de bruxas, pedindo a cabeça de jornalistas pela "interpretação errada" de um texto ou um título mal colocado. E há um lado engraçado também. Vale assistir à série *The Chair*, uma sátira da maluquice nos campi universitários americanos, com a história de um professor cancelado a partir de uma montagem na qual aparece fazendo a saudação nazista em sala de aula. Não havia saudação nazista nenhuma, e tudo soa como brincadeira. Coisas que no mundo real, porém, não têm graça nenhuma.

A provocação de Applebaum foi observar que, depois de ter passado parte da carreira estudando as ditaduras comunistas, se dera conta de que "bem aqui nos Estados Unidos, é possível encontrar pessoas que perderam tudo — empregos, dinheiro, amigos — sem violar nenhuma lei". Apenas sob acusação de "quebrar códigos sociais relacionados a raça, sexo, comportamento ou humor".

Há quem veja nisso um exagero. Uma ampla pesquisa feita a esse respeito, mapeando 426 casos de cancelamentos, no mundo acadêmico americano, concluiu o seguinte: o problema existe e vem crescendo. O número de casos documentados foi de 24, em 2015, para 113, em 2020 — 63% se deveram a simples opiniões de professores, a maior parte envolvendo temas de raça. A maioria dos atingidos é de professores brancos (85%), nas áreas de humanas e a partir de movimentos progressistas.

Alguns veem nisso um tipo de justiça. "As pessoas têm de assumir a responsabilidade pelo que dizem", li em um artigo. Achei curioso. Dizem o que e quando, exatamente? Um tuíte de cinco anos atrás, num contexto bastante específico? Uma ideia malposta, em vinte segundos, numa entrevista ou conferência de uma hora? Na investigação de uma hipótese, na academia, que se pode revelar falsa ou verdadeira? A simples divergência em um tema sensível? Há quem goste desse tipo de justiça tribal. Ou "justiça à moda Twitter", sentenças de até 280 caracteres e juízos feitos à base de likes e compartilhamentos.

O ponto crucial aqui é: infrações a direitos devem ser punidas com rigor e o devido processo. Subordinar a Justiça à gritaria e à guerra cultural é transformá-la em sua caricatura. Sua negação, portanto. E um ótimo álibi para o reacionarismo que se põe hoje na contramão da sociedade de direitos.

O resultado mais desastroso dos cancelamentos é a cultura do medo. Converso com professores, Brasil afo-

■ *Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de* VEJA

ra, que são orientados a "cuidar com o que falam", em sala de aula, e com as leituras que indicam. Algumas instituições asseguram o livre trânsito de ideias. Outras não. O medo e a autocensura já se tornaram parte do jogo. A lógica é bastante clara. Veja o que se passou com uma historiadora consagrada como Lilia Schwarcz, quando arriscou escrever sobre um clipe da Beyoncé, ou Leandro Narloch, quando resenhou o mais recente livro de Antonio Risério. Você pode ser o próximo, está bem entendido?

A cultura do cancelamento é a ponta do iceberg de uma época de intolerância. Bari Weiss acha que devemos ter "coragem" para resistir às hordas digitais. O dever de "pensar, em uma era de conformidade". A pergunta interessante é sobre quem, exatamente, deveria ter coragem para resistir. A nova cultura da intolerância não é propriamente a ação de uma minoria ruim e autoritária contra uma maioria de gente bacana e "sob pressão". É difícil medir essas coisas, mas o que vejo são jornalistas, dirigentes de empresas e organizações gostando do jogo, desde que não sejam eles mesmos as vítimas da vez. A chamada cultura woke, feita da contínua reiteração do pequeno moralismo, parece ter fincado raízes bem mais profundas. Pesquisa feita entre estudantes americanos mostrou que 69% concordam que "um professor deve ser denunciado se disser algo que os alunos considerem ofensivo". O número vai a 86% entre estudantes "progressistas", ou "liberais", no vocabulário americano.

Talvez estejamos vivendo um perverso resultado do que Moisés Naím chamou de "o fim do poder". Todos nós nos tornamos mais frágeis diante dos outros na exata medida em que cada um recebeu uma dose a mais de poder. É da igualdade, quem diria, tão bem-vinda que nasce o grande risco. Do fato simples de que estamos cada vez mais conectados, mais grudados uns nos outros. Que nos tornamos cada vez mais uma comunidade de vigilância coletiva, ainda que continuemos a pensar, como sempre, de um jeito radicalmente diferente uns dos outros. O mundo continua plural quanto aos valores, ideias políticas e visões. Prosseguimos, felizmente, como sociedades abertas. Mas nosso desejo de conformidade, de colocar os demais em uma caixinha, cresceu como nunca.

Daí que o medo, que um dia vinha do Estado, agora vem dos outros. Dos outros que podem estar muito perto, no trabalho, na sala de aula, nos seguidores do Twitter. Não importa. A própria ideia de perto e longe foi borrada. Como diz Chimamanda, vivemos o tempo em que "uma história viaja pelo mundo em minutos. Outras pessoas podem sequestrar sua história, e sua versão se torna a história definidora sobre você".

"A cultura do cancelamento é a ponta do iceberg da intolerância"

Ainda me lembro da cena de um filme sobre a II Guerra que mostrava um guarda nazista espancando um velho senhor judeu. A certo momento os demais prisioneiros tomam coragem e encaram o soldado: "Por que você está fazendo isso?". Com desdém, ele responde: "Porque eu posso". No fundo é isso. A cada momento que podemos exercer nossa pequena intolerância, podemos não fazer. A cada momento que podemos exigir que os outros sejam "puros", podemos lembrar que também nós somos impuros. Que a vida é feita de imperfeição e ambiguidade, e talvez resida aí o seu maior encanto. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBEDESCE

SOBE

JOSÉ LUIZ DATENA
Embora se diga candidato a presidente, o apresentador é cortejado por vários candidatos da terceira via como o nome ideal para o posto de vice.

NETFLIX
Impulsionada por sucessos como a série *Round 6 (veja reportagem na pág. 86)*, a plataforma encerrou o terceiro trimestre com 4,4 milhões de assinantes a mais.

ANA JÚLIA MONTEIRO
A estudante de 18 anos é a única brasileira entre os finalistas do Global Student Prize 2021, o "Nobel da Educação". O resultado será conhecido em 10 de novembro.

DESCE

MAURO CARLESSE
O governador de Tocantins acabou afastado do cargo por seis meses pelo STF no curso de uma investigação que apura desvios de 44,8 milhões de reais no estado.

STEVE BANNON
Guru da família Bolsonaro, o ex-assessor de Trump foi denunciado por desacato em invasão ao Capitólio e pode pegar até um ano de prisão.

AUTOMÓVEIS
A alta dos combustíveis fez 62% dos brasileiros reduzirem o uso de carros nos últimos meses, segundo levantamento do Paraná Pesquisas.

MIKE THEILER/GETTY IMAGES

"DOUTRINA POWELL" O general mais influente entre 1990 e o início dos anos 2000: conversa em vez de tiros

UM DIPLOMATA GUERREIRO

Um modo de entender a dimensão histórica do general **Colin Powell,** secretário de Estado americano de 2001 a 2005, durante a Presidência do republicano George W. Bush, é acompanhar a reação dos democratas. "Colin personificava os mais elevados ideais de guerreiro e diplomata", disse o presidente Joe Biden. "Ele nunca negou o papel que a raça desempenhou em sua própria vida e em nossa sociedade de forma mais ampla", sublinhou Barack Obama. Filho de imigrantes jamaicanos, Powell ingressou no Exército em 1958, aos 21 anos, e rapidamente encaminhou uma carreira promissora. Depois de trabalhar como conselheiro de Segurança Nacional de Ronald Reagan nos derradeiros anos da Guerra Fria (1988 e 1990), foi nomeado chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas dos Estados Unidos no governo de Bush pai, durante a primeira Guerra do Golfo, em 1991. Tinha apenas 52 anos, o mais jovem oficial a ocupar o posto e o primeiro de origem afro-americana. Coube a ele costurar uma consistente aliança internacional, que incluía o apoio da Arábia Saudita. Antes dos ataques contra o Iraque de Saddam Hussein, contudo, tentou ao máximo evitar o confronto bélico. Era a implementação de uma estratégia que seria apelidada de "Doutrina Powell". Ele acreditava que os Estados Unidos não deveriam recorrer à força militar até que todos os meios diplomáticos e políticos fossem esgotados. Caso fosse decidida a ação armada, o caminho seria o uso de força máxima, para subjugar o inimigo rapidamente — com o necessário apoio do Congresso e da sociedade.

A doutrina funcionou naquele episódio do início dos anos 1990, mas foi severamente criticada por seus pares logo após os atentados de 11 de setembro de 2001, quando Powell era secretário de Estado. Ele pedia cautela na deflagração da chamada Guerra ao Terror — na contramão do que pensavam Bush e o secretário de Defesa, Donald Rumsfeld, defensores da intervenção americana mesmo sem o apoio internacional. Teve de ceder. Apoiaria, em 2003, a invasão do Iraque. Contudo, um ano e meio depois da deposição e morte de Saddam Hussein, Powell assumiria o mais grave erro de sua vida, ao admitir que as informações de Inteligência sugerindo que o ditador iraquiano tinha "armas de destruição em massa" estavam equivocadas. Fez a confissão e anunciou sua renúncia. Powell morreu em 18 de outubro, aos 84 anos, em Nova York, de complicações de Covid-19. Já havia sido duplamente vacinado, mas seu sistema imunológico estava enfraquecido em decorrência do tratamento contra um mieloma múltiplo, um tipo de câncer que afeta a circulação sanguínea. ■

Figurino pronto
Primeiro passo concreto de **Rodrigo Pacheco** rumo ao Planalto, a filiação ao PSD foi desenhada para posicionar o chefe do Senado no imaginário nacional sob a luz de um grande político mineiro. A assinatura da ficha ocorrerá no Memorial JK, em Brasília.

50 anos em 5
Para Gilberto Kassab, cacique do partido, Pacheco encarna a figura de Juscelino Kubitschek por ser um nome capaz de "pacificar o país" e garantir "estabilidade e previsibilidade para a volta do desenvolvimento".

A hora do sim
Pode até ser que o noivo fuja do altar na última hora, mas o fato é que a festa da candidatura de Sergio Moro ao Planalto já está montada. Será no dia 10 de novembro. Convites estão na praça.

Há vagas
A candidatura de Moro, aliás, já mexe com o mercado publicitário de São Paulo, onde o Podemos contrata os primeiros nomes para a campanha.

Banho de água fria
Jair Bolsonaro chamou aliados de confiança nesta semana para uma conversa sobre a filiação ao PP. Queria o tapete vermelho, mas acabou aconselhado a esperar mais ou buscar outra sigla.

Novos amigos
Na terça, o ex-deputado Gabriel Chalita promoveu um jantar de aproximação entre Fernando Haddad e Geraldo Alckmin na cobertura do CEO da Qualicorp, Bruno Blatt. Para Chalita, a oposição a Rodrigo Garcia e João Doria poderia unir a dupla em 2022.

CRISTIANO MARIZ/AG. O GLOBO

MIRANDO ALTO Rodrigo Pacheco: o PSD quer apresentá-lo como o novo JK

Ajuda externa
Nestas prévias do PSDB, Arthur Lira, também contra Doria, atua pessoalmente para virar votos tucanos na Câmara a favor de Eduardo Leite. "É o melhor nome da terceira via", costuma dizer nas conversas.

Alma delatora
Roberto Jefferson acordou na prisão. Nem em pesadelo imaginava passar tanto tempo preso. Magoado, ainda não chama Bolsonaro de traidor, mas já enviou recados ao palácio.

O esconderijo
Provas guardadas pela CPI mostram que Eduardo Bolsonaro mantém um bunker em Brasília para reuniões secretas. Quem entrega a existência da estrutura, em mensagens de celular, é Allan dos Santos.

Sem mágoas
Numa conversa recente, Luciano Hang combinou de encontrar Renan Calheiros depois da CPI para conversar sobre investimentos em Alagoas. Quer abrir lojas no reduto inimigo. "Não guardo ressentimentos", disse ao senador.

Ficou barato
A Polícia Federal relatou à CPI indícios de destruição de provas durante uma busca na Precisa Medicamentos. Os senadores preferiram não mexer com Francisco Maximiano.

A emoção no Natal
Num evento do Planalto com Luiz Fux, do STF, Bolsonaro celebrou outro dia estar "entre amigos". Essa fraternidade deve durar pouco. O fim de ano na Corte, diz um colega de Fux, será desgostoso para amigos do Planalto.

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia, Laísa Dall'Agnol e Lucas Vettorazzo

Teste de paternidade

Foi uma guerra a reunião no Alvorada que selou o Auxílio Brasil de 400 reais. João Roma e Paulo Guedes cobraram Onyx Lorenzoni por se fazer de pai da solução a interlocutores do governo.

De onde veio

Na sexta, Ciro Nogueira foi a São Paulo conversar com nomes do mercado sobre o futuro da Economia sem Guedes. Eis a origem do rumor surgido no fim de semana sobre a queda do ministro.

Ele segue

Bolsonaro recebeu, de fato, sugestões de nomes para o lugar de Guedes na Economia. O presidente não quis nem estender o assunto com os aliados. Como já disse várias vezes, Guedes só sai se quiser — e ele não quer.

Me inclua fora dessa

A COP26, um importante evento sobre o clima, não terá as presenças ilustres de Bolsonaro, do chanceler Carlos França e de Tereza Cristina. Para ouvir crítica, ninguém viaja.

Previsão pessimista

A ministra da Agricultura foi cobrada por bilionários dos frigoríficos sobre o risco de a Europa adotar barreiras comerciais contra o Brasil na COP26. E nem disfarçou: esperem pelo pior.

Baita incompetência

O pior aconteceu, aliás. O Brasil vai à COP26 basicamente para pedir dinheiro. Nada consistente a mostrar.

Pesadelo sem fim

Lúcio Funaro voltou a assombrar Joesley e Wesley Batista. Ele é informante em pelo menos dois processos abertos pelo MPF em Brasília para apurar crimes que violariam o acordo firmado pelos irmãos com a Justiça.

Mãos à obra

Há seis meses no comando do Banco do Brasil, **Fausto Ribeiro** se aproximou de Bolsonaro, acalmou o Centrão e ampliou a tal ponto as ações no agronegócio (quase 50 bilhões de reais liberados desde julho) que o crédito subsidiado já está no fim.

BANCO DO BRASIL/DIVULGAÇÃO

CALMARIA Ribeiro: linha direta com Bolsonaro e fim das turbulências no banco

MARCOS HERMES

PÓS-BARÃO Maurício: o músico lança seu primeiro disco-solo em novembro

A sorte será lançada

Relator do marco dos jogos de azar, o deputado Felipe Carreras mira três áreas: investir nos cassinos de resorts para atrair turistas, tributar apostas on-line e reativar os onze jóqueis do país com novas modalidades de jogos. Fundos para investimentos em turismo e combate ao crime também fazem parte do texto em estudo.

Voo-solo

Fundador do Barão Vermelho, **Maurício Barros** lança em todas as plataformas digitais, em novembro, *Não Tá Fácil pra Ninguém*, seu primeiro disco-solo. São dez faixas em parceria com nomes ilustres da música brasileira, como Arnaldo Antunes e Fausto Fawcett. ■

Aponte a câmera do celular para o QR code ao lado para ler notas diárias e exclusivas dos bastidores de Brasília. Todo assinante de VEJA tem acesso ilimitado. Basta se logar.

LEIA MAIS NO SITE DE VEJA

POR TRÁS DAS CORTINAS

Os interesses inconfessáveis, as provocações, ameaças e casos de espionagem que permearam os bastidores da CPI que acusa o presidente da República de ter cometido crime contra a humanidade

LARYSSA BORGES

Na noite de 22 junho, o senador Omar Aziz, presidente da CPI da Pandemia, estava radiante. "Pegamos o governo", comemorou, durante uma reunião com alguns de seus principais assessores. Ele havia acabado de se encontrar com Renan Calheiros, o relator da comissão, e finalmente definido a data de um depoimento classificado por ambos como letal. O servidor do Ministério da Saúde Luis Ricardo Miranda, que havia sido ouvido sigilosamente pelo Ministério Público, hesitava em reproduzir publicamente o teor de uma conversa que tivera com Jair Bolsonaro meses antes, no Palácio da Alvorada, quando informou ao presidente que estava em andamento um golpe bilionário envolvendo a compra de vacinas. Bolsonaro teria ouvido a denúncia e prometido tomar providências, mas nada fez. A história era a bomba que faltava, a prova que a comissão perseguia para demonstrar que, além de incompetente, omisso e negacionista, o governo também era conivente com malfeitos. E o que era ainda melhor: o funcionário concordou em narrar a história diante das câmeras.

"Tudo vai desmoronar", previu Omar Aziz, sem saber que a conversa estava sendo ouvida. Entusiasmado, o senador explicou aos assessores que a revelação, além de demolir o discurso de Bolsonaro de que não havia corrupção no governo, também serviria para ele, Omar, se vingar do presidente da República, que o desqualificava frequentemente em *lives* transmitidas pela internet. "Virou uma questão de

MATEUS BONOMI/ANADOLU/GETTY IMAGES; PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

NEGACIONISMO Jair Bolsonaro: acusações da CPI são devastadoras para a imagem do presidente

OS CRIMES DO PRESIDENTE

1
CAUSAR EPIDEMIA COM RESULTADO DE MORTE
Por ter atrasado a compra de vacinas contra o coronavírus

2
INFRAÇÃO A MEDIDAS SANITÁRIAS
Por promover aglomerações e não utilizar máscara

3
CHARLATANISMO
Por defender a cloroquina como medicamento contra a Covid

4
INCITAÇÃO À PRÁTICA DE CRIME
Por estimular a população a se aglomerar, a não usar máscara e a não se vacinar

5
FALSIFICAÇÃO DE DOCUMENTO PARTICULAR
Por adulterar um documento sobre supernotificação de óbitos

6
EMPREGO IRREGULAR DE VERBAS PÚBLICAS
Por incentivar a produção de medicamento ineficaz

7
PREVARICAÇÃO
Por não tomar providências sobre uma denúncia de irregularidade

8
CRIMES CONTRA A HUMANIDADE
Por atos e omissões que prejudicaram a população indígena

9
CRIME DE RESPONSABILIDADE
Por não implementar políticas efetivas de combate à pandemia

SEM EXAGERO
Renan Calheiros: relatório recheado de provas e testemunhos que mostram as omissões do governo durante a pandemia

ROQUE DE SÁ/AGÊNCIA SENADO

"OU EU OU ELE" Omar Aziz: provar que havia corrupção no governo era uma questão de honra para o presidente da CPI

honra: ou eu ou ele", desabafou o senador, que ainda fez uma última previsão: "Esse governo não se aguenta. Todo o resto vai virar titica de galinha". Três dias depois, Luis Ricardo Miranda, acompanhado do irmão, o deputado federal Luis Miranda (DEM-DF), confirmou na CPI ter alertado o presidente da República sobre irregularidades em um contrato que havia acabado de ser assinado para a compra da Covaxin, a vacina indiana contra a Covid. O presidente, segundo eles, se comprometeu a solicitar uma apuração do caso. No encontro, Bolsonaro ainda teria sugerido que o líder do governo, o deputado Ricardo Barros (PP-PR), poderia estar envolvido na trama.

A sessão da CPI que ouviu os irmãos Miranda foi eletrizante, como se esperava, mas o governo não desmoronou, como o senador previu. A informação de que o presidente foi avisado e nada fez, porém, deu à comissão argumento para acusar Bolsonaro de prevaricação — crime que ocorre quando o servidor público deixa de praticar um ato de sua responsabilidade para preservar outros interesses. No relatório final de Renan Calheiros, apresentado na quarta-feira 20, depois de seis meses de investigação, Bolsonaro é acusado por mais outros oito crimes, entre eles charlatanismo, fraude, extermínio, emprego ilegal de verba pública e prática de atos desumanos *(veja o quadro na pág. 31)*. O relator solicitou o indiciamento de outras 65 pessoas. Na lista estão quatro ministros do governo (Marcelo Queiroga, Onyx Lorenzoni, Wagner Rosário e Braga Netto), três ex-ministros (Eduardo Pazuello, Ernesto Araújo e Osmar Terra) e três filhos do presidente (Flávio, Eduardo e Carlos Bolsonaro).

É a primeira vez na história que o Congresso produz um inventário tão extenso de imputações penais a um presidente da República. O fato é que, desde o início da pandemia, Jair Bolsonaro, de maneira absolutamente irresponsável, colocou o governo na contramão de praticamente todas as recomendações feitas pelas autoridades sanitárias — foi contra o isolamento social, a obrigatoriedade do uso de máscaras e demorou a comprar as vacinas. A CPI ouviu vários depoimentos que mostraram ações explícitas de negacionismo e pregação oficial contra as medidas de prevenção. Também obteve relatos de omissões que podem ter ampliado a contaminação e o número de mortes. E, por fim, concluiu que o presidente da República teve a intenção deliberada de exterminar uma parcela da população brasileira, como sugeriu o se-

JEFFERSON RUDY/AGÊNCIA SENADO

ESPIONAGEM Luis Miranda, que denunciou corrupção no Ministério da Saúde: bolsonaristas filmaram e seguiram os passos do deputado

nador Renan Calheiros. Deduções como essa servem para adornar discursos, colher dividendos eleitorais e agradar a uma parte da plateia. O problema é que deduções como essa também minam a credibilidade do trabalho da comissão.

Desde a instalação da CPI, Calheiros mirou de maneira certeira o governo, mas, no meio do caminho, fixou entre os alvos a família presidencial, especialmente o senador Flávio Bolsonaro. Os dois trocaram ofensas durante uma sessão transmitida ao vivo. O filho do presidente chamou o relator de "vagabundo", cena que viralizou nas redes sociais. O troco veio em forma de uma investigação paralela. O relator transformou um cômodo de sua casa num bunker, cujo objetivo era exclusivamente rastrear o que chamou de "círculo de influência" de Flávio. A lista incluía 26 advogados, lobistas, empresários, assessores e funcionários de alto escalão. A tese era de que o Zero Um usava sua condição para viabilizar negócios no governo. Meses de investidas infrutíferas, no entanto, levaram o senador a abandonar a missão. No relatório final, Flávio foi acusado de incitação ao crime por meio da propagação de *fake news* durante a pandemia, a mesma imputação atribuída a Carlos e a Eduardo Bolsonaro.

Os governistas também lançaram mão de investigações clandestinas. Logo após surgirem os primeiros rumores da tal "bomba" que estava sendo armada no gabinete de Omar Aziz, o deputado Luis Miranda passou a ser monitorado. Na época, um conselheiro do presidente procurou VEJA para informar que o depoimento do parlamentar e de seu irmão era parte de

VINGANÇA Flávio: alvo de uma investigação paralela do relator, que montou um "bunker" dentro de casa

ROQUE DE SÁ/AGÊNCIA SENADO

uma conspiração orquestrada para atingir o governo — tudo combinado com os senadores Omar Aziz e Renan Calheiros em reuniões secretas. Ao ser indagado se tinha provas do que estava dizendo, o conselheiro mostrou um vídeo em que um homem de camisa azul, que seria Miranda, é filmado de longe, descendo de um carro e entrando por uma porta lateral do Congresso. As imagens seriam parte de um acervo, mas nada além disso foi mostrado. "Desde que prestei depoimento, muita coisa estranha começou a acontecer. Meu celular pegou fogo, recebi ameaças, mas não percebi que estava sendo seguido", disse o deputado.

As suspeitas do conselheiro-espião, ao que parece, tinham algum fundamento fático. Em meados de julho, depois de prestar o depoimento, Luis Miranda apresentou aos senadores da comissão um policial militar que se dispunha a levantar informações comprometedoras contra os parlamentares governistas da CPI. Um dos alvos citados era o senador Marcos Rogério (DEM-RO), um ferrenho defensor do presidente da República. Não se sabe se essa parceria prosperou. Mas é fato que, em outra frente, um conhecido policial civil de Brasília, também de maneira clandestina, coordenou um grupo arregimentado para bisbilhotar as relações entre membros do governo e empresas investigadas pela CPI. Foi esse grupo de espiões que levantou as primeiras suspeitas sobre os contratos da VTCLog, empresa de logística que presta serviços ao Ministério da Saúde. No relatório final, Calheiros pediu o indiciamento dos sócios da VTCLog e também da Precisa Medicamentos, a empresa que intermediaria a venda das vacinas indianas a preços superfaturados, segundo a denúncia de Luis Miranda, negócio que acabou cancelado após a intervenção da comissão. Ainda faltava a prova de corrupção.

Diferentemente de outras CPIs, não foi fácil obter qualquer tipo de colaboração das testemunhas ou investigados — das quase sessenta pessoas convocadas a depor, metade compareceu municiada de habeas-corpus que garantia o direito ao silêncio. Para tentar driblar essa dificuldade, muitos dos depoentes foram convidados para uma conversa informal, na antessala da comissão, onde eram instados a co-

MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

TENSÃO Braga Netto: a CPI preferiu não convocá-lo por medo das consequências

SERGIO LIMA/AFP

DELAÇÃO Pazuello: a CPI tinha informantes que trabalharam com o ex-ministro

laborar com a CPI diante de um argumento bem convincente: a ameaça de prisão. Em um caso relatado a VEJA pelo próprio depoente, que pediu para ter o nome preservado, Omar Aziz não só insinuou que ele poderia ser preso como disse o que gostaria de ouvir: "Só quero três nomes, três nomes. Flávio Bolsonaro, Ricardo Barros e Roberto Dias *(ex-diretor de Logística do Ministério da Saúde)"*. Na hora do depoimento, diante das respostas evasivas, Aziz chegou a desligar o seu microfone, cobriu a boca com a mão e fez uma última investida: "Três nomes, três nomes".

"Como seria bom se aquela CPI estivesse fazendo algo produtivo para nosso Brasil. Tomaram tempo de nosso ministro da Saúde, de servidores, de pessoas humildes e de empresários", discursou Bolsonaro no exato momento em que o documento da CPI era lido em Brasília. O presidente provavelmente desconhece, mas pelo menos cinco desses servidores se converteram em delatores informais. Em troca de proteção, revelaram bastidores e entregaram documentos que foram usados para sustentar as acusações contra o ex-ministro da Saúde Eduardo Pazuello e Walter Braga Netto, ex-chefe da Casa Civil. O general e atual ministro da Defesa, aliás, protagonizou um dos momentos mais tensos, quando a comissão começou a discutir a possibilidade de convocá-lo. "O que aconteceria se o ministro se recusasse a comparecer?", perguntou um assessor do presidente da República, emendando ele mesmo a resposta: "A Polícia Federal vai levá-lo à força? E, se na hora de conduzi-lo, o general estiver acompanhado de algumas pessoas armadas de fuzil?". O recado foi compreendido, a oitiva nunca aconteceu, mas o militar foi incluído na lista de autoridades acusadas por crime de epidemia culposa.

Como peça política, o relatório é devastador para a imagem do governo — e para Jair Bolsonaro em particular. Sob o ponto de vista jurídico, ainda há um caminho longo a ser percorrido. Depois de aprovadas pelo plenário, as conclusões da CPI, na parte que envolve o presidente, serão encaminhadas à Procuradoria-Geral da República (PGR) e à Câmara dos Deputados, responsável por analisar a acusação de crime de responsabilidade e decidir se há evidências que justifiquem a abertura de um processo de impeachment. Já a continuidade das ações penais ficará sob a batuta do procurador-geral Augusto Aras. Para que o presidente da República seja julgado por crime comum, também é necessário que pelo menos 342 deputados autorizem o andamento do processo, o que, diante da confortável base de apoio do governo, hoje seria praticamente impossível. No plano internacional, as acusações de crime contra a humanidade também não devem produzir nada além de mais desgaste para Jair Bolsonaro. O Tribunal Penal Internacional, em Haia, onde a denúncia será apresentada, normalmente atua quando há comprovação de que as instituições de determinado país perderam as condições de funcionar adequadamente — o que, felizmente, não é o caso do Brasil. ■

MARCOS CORRÊA/PR

2022 É ALI Bolsonaro na Bahia com João Roma, Tarcísio de Freitas e Gilson Machado: agenda intensa de inaugurações

CONTAGEM REGRESSIVA

Mesmo em um governo impopular e com sérias dificuldades pela frente, metade dos ministros se prepara para a eleição, um recorde desde a redemocratização **JOÃO PEDROSO DE CAMPOS**

A MARCA dos 1000 dias do governo de Jair Bolsonaro, em 27 de setembro, funcionou como uma espécie de tiro de partida: a pretexto de divulgar o que a gestão fez nesse período, o presidente e seus ministros iniciaram na sequência uma verdadeira peregrinação pelo país. O poderoso chefe da Casa Civil, o piauiense Ciro Nogueira, um dos líderes do Centrão, inaugurou uma unidade da Polícia Rodoviária Federal em Piripiri (PI) e novas instalações do Instituto Federal do Piauí, em Floriano. O gaúcho Onyx Lorenzoni (Trabalho e Previdência) foi a Canoas (RS) abrir um posto de autoatendimento do INSS. No Rio Grande do Norte, o titular das Comunicações, o potiguar Fábio Faria, entregou internet de banda larga gratuita em um assentamento de Mossoró, enquanto o ministro do Desenvolvimento Regional, o também potiguar Rogério Marinho, concedeu sistemas de dessalinização de água e maquinário agrícola a 41 municípios. O ministro do Turismo, o pernambucano Gilson Machado, levou a sua inseparável sanfona a Caruaru (PE) para inaugurar uma "pracinha da Cultura". A titular da Secretaria de Governo, a brasiliense Flávia Arruda, exibiu, em cerimônia no Palácio do Planalto, um balanço de investimentos no Distrito Federal, com 275 milhões de reais na construção de um túnel, 2 bilhões de reais para enfrentar a pandemia e 1200 casas populares. Além do mesmo chefe, todos têm algo em comum: boas chances de estarem nas urnas eletrônicas em 2022.

O sexteto não está sozinho: levantamento de VEJA mostra que doze dos 23 titulares da Esplanada cogitam se

MINISTROS EM CAMPANHA

Quem pode enfrentar as urnas em 2022

Ciro Nogueira (Casa Civil)

Cargo cogitado Governo do Piauí

João Roma (Cidadania)

Cargo cogitado Governo da Bahia

Flávia Arruda (Secretaria de Governo)

Cargo cogitado Senado do Distrito Federal

Anderson Torres (Justiça e Segurança Pública)

Cargo cogitado Governo, Senado ou deputado pelo Distrito Federal

Tarcísio de Freitas (Infraestrutura)

Cargo cogitado Senado por Goiás ou Mato Grosso, ou governo de São Paulo

Tereza Cristina (Agricultura)

Cargo cogitado Senado pelo Mato Grosso do Sul

Fábio Faria (Comunicações)

Cargo cogitado Senado pelo Rio Grande do Norte

Gilson Machado (Turismo)

Cargo cogitado Senado por Pernambuco

Rogério Marinho (Desenvolvimento Regional)

Cargo cogitado Senado pelo Rio Grande do Norte

Onyx Lorenzoni (Trabalho e Previdência)

Cargo cogitado Governo do Rio Grande do Sul

Marcelo Queiroga (Saúde)

Cargo cogitado Senado pela Paraíba

Marcos Pontes (Ciência, Tecnologia e Inovação)

Cargo cogitado Deputado federal por estado a definir

COMO FOI EM CADA GOVERNO

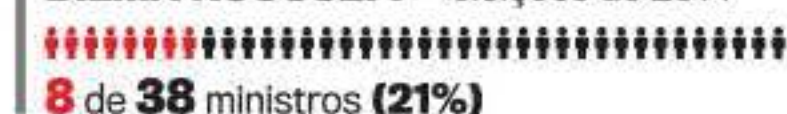
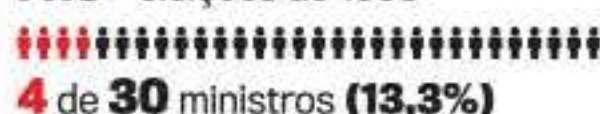
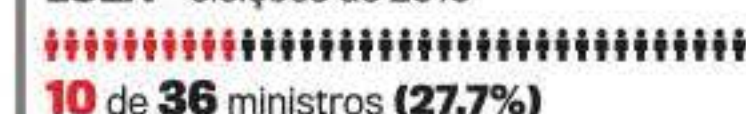
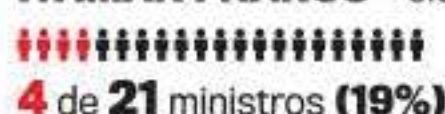
BOLSONARO - eleições de 2022
12 de **23** ministros **(52,2%)**

MICHEL TEMER - eleições de 2018
10 de **28** ministros **(35,7%)**

DILMA ROUSSEFF - eleições de 2014
8 de **38** ministros **(21%)**

LULA - eleições de 2010
10 de **36** ministros **(27,7%)**

LULA - eleições de 2006
6 de **35** ministros **(17,1%)**

FHC - eleições de 2002
8 de **27** ministros **(29,6%)**

FHC - eleições de 1998
4 de **30** ministros **(13,3%)**

ITAMAR FRANCO - eleições de 1994
4 de **21** ministros **(19%)**

candidatar, o que faz deste governo o recordista de ministros candidatos desde a redemocratização *(veja o quadro ao lado)*. O balaio bolsonarista tem de tudo: auxiliares mantidos em alta conta pelo presidente, como os comandantes da Infraestrutura, Tarcísio Gomes de Freitas, e da Agricultura, Tereza Cristina, dividem a lista com o chamuscado Marcelo Queiroga (Saúde) e o quase desconhecido Anderson Torres (Justiça e Segurança Pública). "É um governo de ministros com viabilidade eleitoral", afirma o senador Eduardo Gomes (MDB), líder do governo no Congresso, ele próprio cotado ao governo do Tocantins.

Curiosamente, essa enxurrada de candidatos se dá em meio a um governo impopular — segundo o Datafolha de setembro, apenas 22% o classificam como ótimo ou bom, o menor índice desde a posse. Mas há atrativos para se lançar à disputa, como os estímulos do presidente aos subordinados para que encarem as eleições, sobretudo ao Senado, onde o seu mandato tem sofrido em votações, e a existência de um eleitorado bolsonarista cativo, de 20% a 30%. Por outro lado, diante do ibope em baixa do presidente e do risco real de derrota no projeto de reeleição do capitão, há também o instinto de garantir uma sobrevivência política, seja no Congresso ou em nível regional. Não à toa, o segundo governo que proporcionalmente mais teve ministros nas urnas foi o de Michel Temer, que não continuaria no cargo após o pleito de 2018. "Alguns ministros têm suas bases nos estados, que eles têm atendido há algum tempo. Isso é mais importante do que a relação com Bolsonaro", diz o cientista político David Fleischer, professor da Universidade de Brasília (UnB).

O grande número de ministros dispostos a encarar as urnas pode ser bom para Bolsonaro, mas embute um problema: trocar metade do primeiro escalão daqui a pouco mais de cinco meses, em meio ao processo eleitoral e dentro

MARCOS CORRÊA/PR

MARLON COSTA/FUTURA PRESS

DISPUTA Fábio Faria *(acima)* e Rogério Marinho *(à dir.)*: dois ministros interessados na vaga de senador pelo Rio Grande do Norte

de um governo que já não prima por ser um modelo de gestão. A lei eleitoral prevê que os ocupantes de ministérios devem deixar seus cargos até o início de abril. O espaço para concluir prioridades é, portanto, bastante curto, mas há quem veja tempo suficiente para mostrar trabalho e resultados. Interessado em uma cadeira no Senado, Fábio Faria disse recentemente ao programa *Amarelas On Air*, de VEJA, que trabalha pela conclusão da privatização dos Correios, já aprovada pela Câmara, e para encaminhar a implantação do 5G em 2022 — tarefa que, segundo ele, ocupou 80% do seu tempo desde a posse. Cotado ao governo da Bahia, João Roma tem como trunfo o Auxílio Brasil, substituto do Bolsa Família, lançado oficialmente na quarta 20, e que começa a ser pago em novembro.

Outro risco para Bolsonaro é ele perder o pouco de coordenação política que ainda tem no governo. Caso se confirmem as candidaturas de Ciro Nogueira ao governo do Piauí (aliados locais preferem que ele continue na Casa Civil) e de Flávia Arruda ao Senado, o presidente ficaria sem dois de seus articuladores. Os aliados, é claro, minimizam eventuais prejuízos e argumentam que as áreas técnicas das pastas não foram loteadas entre políticos. “Antigamente os partidos tinham cargos e na época da eleição todo mundo saía”, diz Eduardo Gomes.

Além da possibilidade de perder vários homens de confiança em um momento importante, há questões eleitorais que podem provocar alguma dor de cabeça ao presidente. Um exemplo é a

MAÍLSON DA NÓBREGA

disputa ao Senado no Rio Grande do Norte — há só uma vaga em jogo e dois ministros (Fábio Faria e Rogério Marinho) interessados. Caberá a Bolsonaro dizer quem é o seu candidato. Será uma escolha de Sofia. O primeiro se tornou um dos principais conselheiros políticos do capitão e o segundo é dono de uma das canetas com mais capacidade de gerar ativos eleitorais (não por acaso, Marinho teve onze agendas oficiais em quatro cidades potiguares nos últimos dois meses).

Há ainda casos de quem não sabe ao certo o cargo, nem por qual estado poderá concorrer. Exemplo disso é Tarcísio de Freitas, que admitiu disputar o Senado por Goiás ou Mato Grosso, mas pode ser candidato até ao governo de São Paulo, cargo para o qual Bolsonaro já o lançou mais de uma vez. Cogita-se a possibilidade de Freitas se filiar ao PP para debutar nas urnas, destino partidário que pode ser o mesmo de Bolsonaro. Outros ministros também devem se filiar ao partido de Ciro Nogueira, como Fábio Faria e Tereza Cristina, esta atualmente no DEM. Ela está no DEM e deve ir para o PP junto com Bolsonaro, se for essa mesmo a opção dele. Enquanto isso, ela não perde tempo: cotada como candidata ao Senado por Mato Grosso do Sul, recebeu entre agosto e esta semana dezenove prefeitos do estado, além de vice-prefeitos e vereadores. Onyx, que pode ficar no União Brasil, mas só se puder se aliar e tiver aval de Bolsonaro, não fica atrás: desde setembro, fez 21 reuniões com autoridades, empresários e entidades de classe do Rio Grande do Sul e políticos, incluindo dez prefeitos, e viajou a quatro cidades gaúchas. Assim, o governo em peso se apressa desde já em jogar todas suas fichas em 2022. ■

Com reportagem de Caíque Alencar

A LITURGIA DO CARGO

A compostura é essencial no exercício da Presidência

GEORGE WASHINGTON, o primeiro presidente dos EUA, foi um mestre na arte da liturgia do cargo. O termo denomina os ritos e as cerimônias das igrejas cristãs. A área política adotou a ideia por seu conteúdo solene. Fala-se também em majestade do cargo.

O presidente Jair Bolsonaro é o antípoda de Washington. Entre os que viram sua foto comendo pizza com ministros, em pé, numa calçada de Nova York, há os que idealizaram a cena como o retrato de um presidente autêntico. Na verdade, ali se viu desleixo e comportamento lamentáveis. Altos servidores precisam dar-se ao respeito.

O cargo de presidente da República tem alto valor simbólico. Como ele discursa, se veste e se dirige ao público repercute. Líder maior do país, deve servir de exemplo. Dele se esperam compostura, tolerância, sobriedade, temperança e autocontrole.

“O líder do país deve servir de exemplo. Dele se esperam tolerância, temperança e autocontrole”

Bolsonaro não deveria calçar sandálias de plástico em público, nem receber autoridades trajando camisetas de clubes de futebol. Nada a ver com elitismo. Na democracia representativa, pressupõe-se que a eleição é um processo de seleção de pessoas da elite com atributos para o trato da coisa pública. Isso implica a percepção da liturgia e do significado do exercício do poder, requerendo posturas compatíveis com essas qualificações.

Foi assim com George Washington. Herói épico da vitória na Guerra da Independência contra a Inglaterra, renunciou à remuneração de comandante das tropas. Liderou com equilíbrio, firmeza e dignidade a assembleia que escreveu a Constituição. Lá, perguntado se o chefe do governo deveria ser tratado como “Sua Alteza”, ele optou por chamá-lo simplesmente de “Senhor Presidente”, como é até hoje. A força de seu caráter foi fundamental para a aprovação do texto final e para sua ratificação pelos treze estados originais.

Eleito por unanimidade pelo Colégio Eleitoral, Washington pensou nos mínimos detalhes quando se deslocou, em 1789, de Mount Vernon para Nova York, onde tomaria posse do cargo (a cidade foi a capital entre 1785 e 1790). Avaliava que cada gesto e cada ação criariam precedentes para os próximos governos. No discurso de posse, declarou que gostaria de renunciar a seus honorários. Seu desprendimento não resistiu à lógica. Não foi atendido nessa pretensão. Se fosse assim, somente os ricos, como ele era, poderiam exercer a Presidência. Washington foi talvez o presidente que mais honrou o cargo.

Aqui, o desapreço de Bolsonaro pela forma como procede no cargo bem diz de seu despreparo para ocupar a posição mais excelsa do Brasil. Falar aos berros contra as instituições — como fez na Avenida Paulista no último dia 7 de setembro —, chamar de canalha um ministro do Supremo Tribunal Federal e arvorar-se de rei medieval ao dizer que não cumpriria determinação judicial são provas eloquentes de seu destempero e desequilíbrio. São muitos os casos de comportamento reprovável. Não é estranho, pois, que ele não se preocupe em seguir, com bons modos, a liturgia do cargo. ■

INSTAGRAM @ANDREPORCI

RADICAIS Mario Frias e André Porciuncula: a dupla reforça a cruzada de direita que marca a secretaria na gestão do presidente

A MULTIPLICAÇÃO DA VERBA

Reduto bolsonarista que vai com fé na guerra ideológica, a Secretaria de Cultura dá um salto no aval a projetos religiosos usando como base a Lei Rouanet **TULIO KRUSE**

O SECRETÁRIO ESPECIAL de Cultura, o ex-ator de *Malhação* Mario Frias, costuma repetir que a palavra "cultura" tem sua origem em "culto" — a rigor, vem do latim *colere* (cultivar) —, termo que dá nome às reuniões de fiéis em templos. "A cultura é um insight espiritual de primeira grandeza, é o evento teofânico *(manifestação divina)* em que o culto (cultura) brota em uma sociedade e define todos os demais aspectos da existência humana", disse em julho na reunião de ministros da Cultura do G20, em Roma. A referência é um aceno aos religiosos, que constituem uma base fundamental de apoio ao governo Bolsonaro, em especial os evangélicos. O secretário não perde a oportunidade de mostrar sua fé: ele já descreveu o Brasil como uma "nação majoritariamente cristã" e prometeu que o orçamento de sua área refletiria esse ponto de vista.

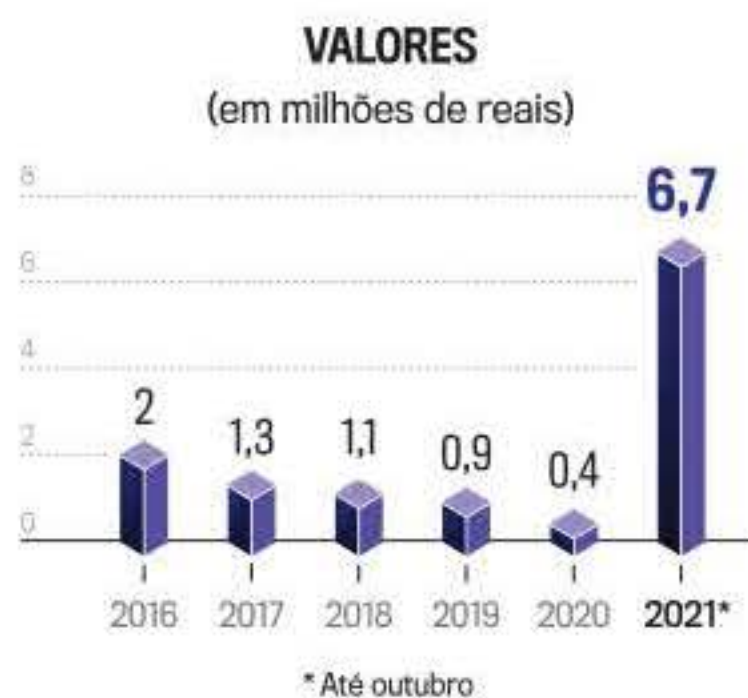
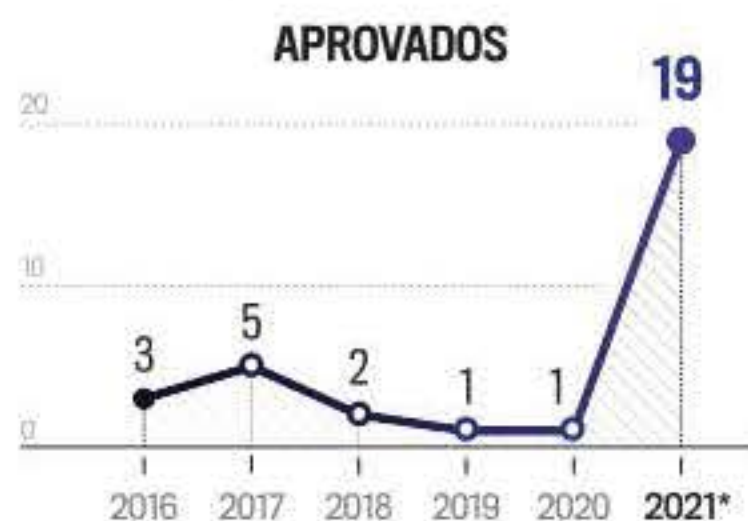
Sucessor da atriz Regina Duarte no setor, o ex-ator de *Malhação* vem sendo muito questionado desde a posse devido à inexpressividade de seu currículo. Frias só não pode ser criticado por descumprir a promessa de transformar a cultura em um instrumento da guerra ideológica bolsonarista — em prejuízo de uma visão mais ampla e arejada da ação do Estado no fomento à cultura. Levantamento feito por VEJA constatou um aumento expressivo no número de iniciativas com teor religioso que tiveram aval para a captação de dinheiro via isenção fiscal permitida pela Lei Rouanet: foi de um projeto em 2020 (Frias assumiu em junho) para dezenove neste ano *(veja o quadro na pág. ao lado)*.

A lista inclui peças de teatro com personagens bíblicos, festivais com temática cristã, livros e filmes sobre santos, álbuns de música gospel e oficinas musicais ou pedagógicas capitaneadas por entidades religiosas. Uma produtora, a Oinc Filmes, teve a chance de captar 187 000 reais para shows de inspiração religiosa com público infantil, que reúnem hits como *Cristo Ama as Criancinhas* e *O Céu É um Lindo Lugar*. A companhia de teatro BR116 vai poder buscar 997 000 reais para a peça *Qohélet/O-Que-Sabe*, baseada em um poema do livro de Eclesiastes. Dois cantores gospel, Thais Souza e Iago Santos, tiveram aval para obter 200 000 reais cada um para os seus discos.

FACEBOOK @FESTIVJAZZCAPAO

BARRADO Festival de Jazz do Capão (BA): parecer cita Deus para negar recursos

Outra figura essencial na implementação dessa política é o assessor André Porciuncula. Capitão da Polícia Militar, ele já defendeu que a arte cristã ganhe espaço no fomento oficial. Nas redes sociais, Porciuncula publica trechos da *Bíblia*, elogia o escritor e astrólogo Olavo de Carvalho, guru da direita brasileira, e, ao lado do chefe Frias, posa empunhando armas. Até o início do ano, uma comissão julgava as propostas, mas o mandato dos 21 membros venceu em abril e Porciuncula passou a ser o único responsável pela aprovação. Adeptos da exótica mistura de fé e armas, a dupla age o tempo todo como se travasse uma espécie de "guerra cultural", cujos inimigos mais citados são os anticristãos e o comunismo. O termo era usado à exaustão no início do governo, mas foi caindo em desuso com a saída de baluartes como o ex-ministro Abraham Weintraub (Educação). A Cultura acabou se tornando uma espécie de último reduto dessa cruzada.

Curiosamente, o uso da lei de incentivos fiscais está no alvo de Jair Bolsonaro e de seus seguidores mais radicais desde a campanha. Segundo o capitão, era preciso acabar com a "mamata da Rouanet" (tradução: dificultar a aprovação de projetos de artistas "de esquerda"). A dupla Frias e Porciuncula tem levado ao pé da letra a missão. O novo viés na secretaria pode ser sentido não só no aval, mas também na rejeição de projetos. Em julho, eles negaram o pedido do Festival de Jazz do Capão, que acontece há dez anos na Chapada Diamantina (Bahia), após o evento divulgar que teria caráter "antifascista". "O objetivo e finalidade maior de toda música não deveria ser nenhum outro além da glória de Deus e a renovação da alma", diz trecho do parecer, citando frase atribuída ao compositor alemão Johann Sebastian Bach. Apoiada pela Comissão de Cultura da Câmara dos Deputados, a organização está recorrendo à Justiça. O escritor Paulo Coelho também entrou na polêmica e transferiu 145 000 reais de sua fundação para bancar o evento.

Essa tentativa de aparelhamento tacanho do setor cultural é uma marca registrada da era Bolsonaro e não ocorre de hoje. Entre outros episódios tristemente célebres do passado, houve o pronunciamento em que o ex-secretário Roberto Alvim reproduziu a estética e a frase de Joseph Goebbels, ministro da propaganda nazista ("A arte brasileira da próxima década será heroica e nacional"). Devido à avalanche de críticas, acabou sendo defenestrado do cargo. O governo também já teve na direção da Funarte um maestro que classificava o rock como "coisa do diabo". A gestão atual da Lei Rouanet é o exemplo mais recente de direcionamento ideológico. Além de pôr em dúvida o uso de critérios técnicos para a distribuição de verba pública, ela representa mais um lamentável — e desnecessário — capítulo da confusão entre igreja e Estado promovida pelo atual governo. ■

NOVO FOCO

A evolução dos projetos religiosos nos últimos anos

APROVADOS

VALORES

(em milhões de reais)

2016	2017	2018	2019	2020	2021*
2	1,3	1,1	0,9	0,4	6,7

* Até outubro

Fonte: *Secretaria Especial da Cultura/ Ministério do Turismo*

FOTOS REPRODUÇÃO

VERSÕES Thayna, a babá de Henry que mudou o depoimento *(ao lado, à dir.)*: sua mãe trabalha há anos para a família de Jairinho e seu pai foi cabo eleitoral

LAÇOS ESTRANHOS

A sombra do clã político de Jairinho, acusado de matar o enteado de 4 anos, paira sobre testemunhas do caso. Umas falam demais, outras se calam **SOFIA CERQUEIRA** E **MARINA LANG**

A ESCANDALOSA MUDANÇA de versão de Thayna de Oliveira Ferreira, em depoimento à Justiça no início do mês, expôs o estranho padrão de comportamento que caracteriza algumas testemunhas do trágico caso Henry Borel. Thayna, babá do menino de 4 anos assassinado em março no apartamento em que morava, no Rio de Janeiro, com o padrasto, o ex-vereador Jairo Santos Júnior, o Dr. Jairinho, e a mãe, Monique Medeiros, fala demais — já contou três histórias diferentes sobre a família, um clã político comandado pelo pai de Jairinho, o deputado estadual Coronel Jairo (Solidariedade), com o qual ela e vários parentes têm laços antigos. Outras duas testemunhas de acusação, ao contrário, não falaram: deixaram de comparecer ao 2º Tribunal do Júri fluminense. Uma é a empregada doméstica Leila Rosangela Mattos, que trabalhava para o vereador e a mulher e segue prestando serviços à família. Outra é a cabeleireira Tereza dos Santos, que atendia Monique quando Henry relatou à mãe, pelo celular, as agressões de "tio" Jairinho.

De todas, a mais enrolada é a babá Thayna, que agora pode ser investigada por falso testemunho em juízo, depois de haver sido indiciada por mentir na delegacia. Na primeira vez que falou à polícia, Thayna disse que a família era "harmoniosa". Diante de suas conversas no celular com Monique que mostravam o contrário, voltou atrás e narrou ao menos três episódios de agressões de Jairinho contra Henry ocorridos quando estava no apartamento. No tribunal, de novo, torceu a história: alegou se sentir "usada" por Monique e induzida por ela a pensar que Jairinho era "um monstro".

Sua relação com o clã é antiga. Antes de ser babá, trabalhou como cabo eleitoral do ex-vereador nas últimas duas eleições. Em 2015, quando ele era líder do governo na Câmara de Vereadores, chegou a ser nomeada para um cargo na prefeitura. Seu pai e seu marido igualmente atuaram em campanhas de Jairinho, que ainda teve um tio dela como assessor pessoal e ajudou uma tia a ser nomeada para cargo público. Mais: a mãe de Thayna trabalha até hoje na casa do Coronel Jairo, como babá

de seu neto. "Evidentemente, o depoimento dela foi mentiroso, só não sabemos se por intimidação ou vantagem financeira", afirma o promotor Fábio Vieira. Procurada, Thayna não quis se manifestar.

A empregada Leila não apareceu no tribunal porque não foi localizada pelo oficial de Justiça. Como Thayna, ela tem relação próxima com a família de Jairinho. Sua mãe, Geralda, contou a VEJA que Leila foi empregada por dois anos na casa do Coronel Jairo, onde continua indo passar roupa aos sábados. Contatada por telefone, a empregada despistou: "Esse é um assunto chato, que perturba, entendeu? Estou aproveitando que as pessoas se esqueceram de mim". A cabeleireira Tereza tampouco recebeu a intimação — forneceu à polícia um endereço diferente do salão do shopping onde trabalha. Ela tem dito a interlocutores que "o que tinha para falar, já falei". Foi procurada por VEJA no salão, mas, extremamente nervosa, não disse uma palavra.

Em paralelo, advogados de Leniel Borel, pai de Henry, que fazem parte da equipe de acusação, relatam tentativas de intimidação em ligações de números privados. Em uma delas, de madrugada, um homem disse: "O que vocês querem? Já não está bom o que vocês têm?". Outro desconhecido avisou: "Fica no seu canto. Você está invadindo o espaço dos outros e não vai querer que invadam o seu". O próprio Borel disse em seu depoimento que foi seguido por um carro da polícia por 2 quilômetros, sem ser abordado. As próximas audiências, dessa vez para ouvir as pessoas listadas pelas defesas do ex-vereador e de Monique, estão marcadas para 14 e 15 de dezembro. A lógica — de mudanças de versões das testemunhas e o silêncio de outras — deve continuar. ■

ALON FEUERWERKER

A FORÇA DO CONVENCIMENTO

Os candidatos costumam esconder seus planos, se eleitos

O SISTEMA político-eleitoral brasileiro, como as engenharias de qualidade duvidosa, tem uma falha estrutural: o processo de escolha dos governantes procura contornar o debate sobre o que farão caso eleitos. E isso é potencializado pela esperteza dos diretamente interessados: quanto menos se antecipa o plano de ação, teoricamente mais liberdade de ação haverá.

A eleição brasileira de 2022 ameaça ser um caso típico. O espectro político está dividido em três grandes campos. Uns querem evitar a volta de Luiz Inácio Lula da Silva. Outros desejam impedir a continuidade de Jair Messias Bolsonaro. Outros ainda propõem ao eleitor derrotar ambos. E, portanto, escolher algo ainda desconhecido, mas que segundo esse campo certamente será preferível às duas alternativas.

A crítica aqui não pretende ser moral, pois os políticos estão apenas escolhendo o caminho aparentemente mais fácil. Como quando o votante é convencido a votar no "novo", em contraposição ao "velho". Foi mais ou menos o ocorrido em 2018. E nem dá para condenar o eleitor que de tempos em tempos decide fazer uma faxina, a única atitude à mão diante do descalabro geral, real ou construído no imaginário.

Mas, infelizmente, a conta tem sido pesada. A experiência brasileira com a democracia representativa instituída em 1984-85 não vem sendo boa. Os donos da pátria declaram dia sim outro também o apreço pela Carta de 1988, mas o produto do sistema por ela formalizado é uma cena persistente de baixo crescimento econômico, resiliência da desigualdade social e desorganização política.

Qual a conexão entre as duas coisas, um método de escolha dos governantes baseado na rejeição e as imensas dificuldades para enfrentar os desafios históricos do Brasil? Toda. Um poder político não se sustenta só no convencimento pela força, precisa da força do convencimento. O processo de escolha do líder é a oportunidade para reunir a musculatura política necessária ao enfrentamento de interesses encastelados na economia e na política.

> **"Vale o ditado, supostamente mineiro: esperteza quando é muita vira bicho e come o dono"**

E aqui se explica aquele "teoricamente" no primeiro parágrafo. O governante que se acha esperto, e surfa só a rejeição do outro para ascender, enxerga rapidamente nos espelhos do palácio a imagem de um pato manco prematuro, ocupado somente em sobreviver, enquanto observa o poder de decisão sobre as políticas governamentais ser retalhado por concorrentes que não foram eleitos para tal, mas reinam, por antiguidade, sobre o Estado real.

E o problema multiplica-se quando o governante, por erros ou circunstâncias, tanto faz, entra num ciclo de dificuldades novas e crescentes. É a hora em que talvez olhe para trás e note a sabedoria do ditado, que dizem ser mineiro e segundo o qual esperteza quando é muita vira bicho e come o dono. E costuma ser o momento do vale-tudo. No qual a única pergunta que não apenas o líder, mas o grupo, se coloca é: "O que devemos fazer para continuar?".

E ai de quem ousar lembrar "mas isso não é o contrário do (pouco) que dizíamos que faríamos?". ■

ENIGMA ELEITORAL

Sergio Moro já tem uma estrutura partidária para viabilizar a sua candidatura à Presidência. O problema: a quantidade de bons motivos que ele tem para não entrar na disputa **BRUNO RIBEIRO**

EM JULGAMENTO mais racional do contexto político e pessoal, Sergio Moro parece ter um punhado de bons motivos para ficar longe de qualquer palanque em 2022, sobretudo aquele no qual a disputa promete ser mais sanguinolenta, o que pavimenta o caminho ao Palácio do Planalto. Pesa contra ele, por exemplo, a falta de experiência em embates do tipo, algo ainda mais complicado levando-se em consideração que os atuais líderes das pesquisas são Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Bolsonaro, adversários experientes que não poupam munição nas cargas explícitas de populismo e estão entre os principais desafetos do ex-juiz. Outro dilema envolve trocar uma confortável carreira na iniciativa privada para mergulhar de cabeça nessa disputa eleitoral duríssima e de resultados incertos. Desde novembro, ele tem um contrato com a consultoria americana Alvarez & Marsal, que só se encerrará no fim de outubro de 2022 e, segundo rumores de mercado, rende uma remuneração perto de 1,7 milhão de reais ao ano. Satisfeita com o graduado funcionário, aliás, a empresa já estaria negociando a renovação do acordo nos mesmos termos financeiros. Por fim, caso resolva mesmo abrir mão desse belo emprego, terá também a dificuldade de escolher

BEM NA FOTO
Moro: pesquisas mostram sua viabilidade eleitoral e ajudam a calibrar a imagem

CRISTIANO MARIZ

CRISTIANO MARIZ

EMPOLGADO Alvaro Dias: o senador do Podemos conversa para atrair o ex-juiz

no campo congestionado da terceira via o melhor caminho para embarcar numa campanha.

Diante de todos esses senões, seria natural pedir escusas aos apoiadores e pular fora do que pode se tornar uma aventura perigosa. Mas o fato de Moro ainda abrir uma fresta à possibilidade de embarcar na corrida para 2022 movimenta políticos no seu entorno. O ex-juiz prometeu definitivamente bater o martelo em novembro, após a consolidação de dois fatos relevantes relacionados ao campo da terceira via: as prévias que vão definir o candidato do PSDB e a ratificação da fusão de DEM e PSL, que criará o União Brasil. A falta de um nome forte para se contrapor hoje aos extremos políticos representados por Lula e Bolsonaro alimenta a esperança de quem deseja ver Moro na campanha. Um levantamento recente feito pela Quaest mostrou que ele só fica atrás de Lula e Bolsonaro *(veja o quadro na pág. 46)*. "O cenário é muito favorável para disputar contra Bolsonaro, que tem uma popularidade pior do que a de presidentes anteriores no terceiro ano de mandato", afirma a socióloga Fátima Pacheco Jordão, especialista em pesquisas de opinião pública.

É esse tipo de avaliação que agita os políticos que gravitam hoje ao redor de Moro, a ponto de estarem sendo construídos os alicerces de uma possível campanha, com o discreto apoio do ex-juiz. A equipe já conta com marqueteiro, advogado e até uma "embaixatriz" disposta a pavimentar alianças. Uma das preocupações é a forma como ele será inserido na disputa. O Podemos, partido responsável pela estrutura oferecida, evita desde já o termo "terceira via" e tenta emplacar a versão de que Moro seria o "futuro", enquanto Bolsonaro é o presente e Lula, o passado, ambos em condições de ser superados.

A legenda tem feito pesquisas qualitativas quinzenais sobre a imagem do possível candidato e compartilha com ele os resultados. Nelas, aparece ainda muito associado à luta contra a corrupção, bandeira que não pode ser empunhada pelos atuais favoritos, sobretudo Lula. Bolsonaro, por sua vez, também aparece associado a desemprego, inflação e fome. Como economia não é exatamente a praia de Moro, ele foi aconselhado a se aproximar de economistas respeitados, mas com o cuidado de não criar um "fiador", como foi Paulo Guedes para Bolsonaro. O ex-presidente do Banco Central Persio Arida é um dos nomes. Caso decida seguir em frente, Moro sabe que precisará expandir o apoio partidário para além do pequeno Podemos. A presidente da sigla, Renata Abreu, que atua como "embaixatriz" da candidatura, leva o nome do ex-juiz a conversas com Novo, Patriota e PSL enquanto trabalha a pré-campanha com o marqueteiro Fernando Vieira e com a equipe jurídica do ex-ministro do TSE Joelson Dias.

Seja como candidato, seja como apoiador de um nome de centro, o certo é que a entrada de Moro no jogo de 2022 terá um impacto considerável nas eleições. Não por acaso, os presidenciáveis da terceira via procuram manter um contato amistoso com ele. Em setembro, Moro jantou com o ex-ministro Luiz Henrique Mandetta

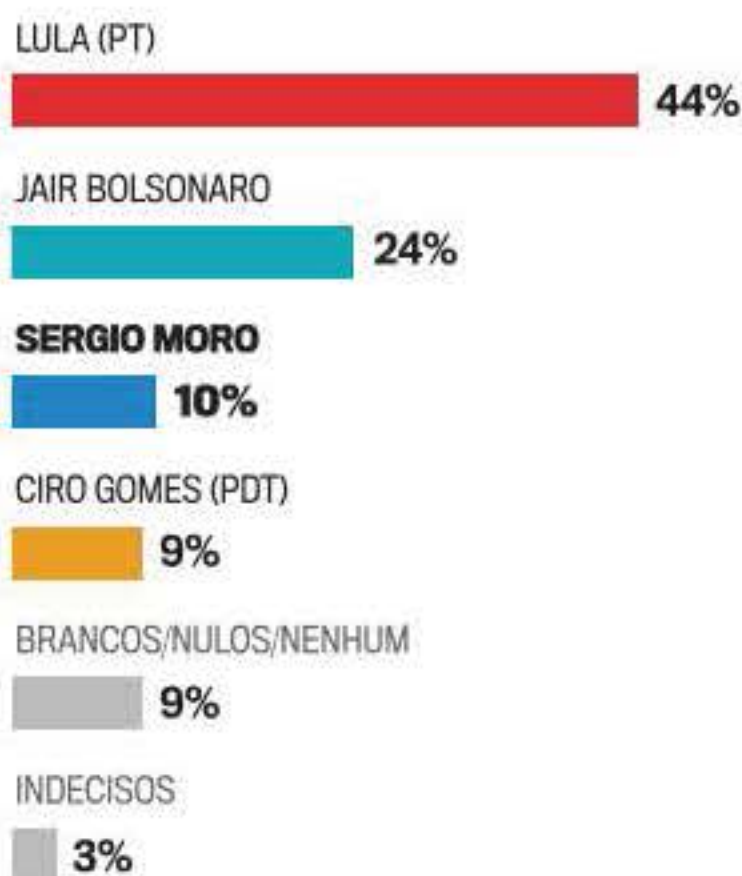
AFP

POPULAR Manifestação em São Paulo: apoio ao ex-juiz da Lava-Jato é uma constante em atos contra a corrupção no país

(DEM, futuro União) e o governador paulista João Doria (PSDB). Mantém ainda conversas com João Amoêdo (Novo) e com o Movimento Brasil Livre. Caso não decida concorrer ao Palácio do Planalto, uma possibilidade é a de entrar na disputa pelo Senado, por Paraná ou São Paulo. A amigos, que perguntam o que ele vai fazer, costuma apenas dizer: "Estou pensando".

Na hipótese de encarar uma briga direta com Lula e Bolsonaro, o ex-juiz já sabe que levará chumbo forte dos dois lados. Apoiadores do atual presidente o atacam constantemente desde que rompeu com o governo e deixou o Ministério da Justiça acusando o capitão de deixar de lado a luta contra a corrupção. Enquanto isso, Lula, livre da Justiça, posa de injustiçado pelo carrasco Moro. A ida para a Alvarez & Marsal será fartamente explorada. Quando aceitou o convite, ele foi duramente questionado pelo fato de a companhia ter entre os seus clientes a Odebrecht, que foi bastante atingida pelas decisões do então juiz Moro. "Ele será alvo de uma campanha pesada dos adversários, que já têm estruturas para ataques na internet", afirma Roberto Gondo, professor de comunicação política do Mackenzie. Para os entusiastas de sua candidatura, a esperança é a de que pesem na decisão o tratamento que recebeu de Bolsonaro e a maneira como foi humilhado na volta por cima de Lula. Mas ele não dá sinais aos interlocutores de que esteja em busca de uma redenção pessoal. Quando deixou a toga, Moro ouviu conselhos sobre as diferenças entre a vida partidária e a segurança da magistratura. Agora, caminha para optar entre a segurança da vida corporativa e as incertezas da política. O ex-juiz, por ora, não dá seu veredicto. ■

O FATOR MORO

Como candidato único da centro-direita, o ex-juiz só ficaria atrás de Lula e Bolsonaro

Fonte: *pesquisa Quaest feita entre 30 de setembro e 3 de outubro, com 2 048 eleitores em todo o país. A margem de erro é de 2,2 pontos porcentuais*

LICENÇA PARA GASTAR

A proposta de criação do Auxílio Brasil veio acompanhada de um ataque ao teto de gastos, a principal regra de responsabilidade fiscal do governo. Com claro objetivo eleitoral, essa iniciativa pode custar caro ao país

LARISSA QUINTINO, FELIPE MENDES E **VICTOR IRAJÁ**

MUDANDO DE LADO Guedes: antes defensor do teto, ele agora admite o uso de 30 bilhões de reais fora do limite exigido

CAPA: MONTAGEM COM FOTOS DE SHUTTERSTOCK

No mundo dos sonhos de qualquer político, o dinheiro para gastar é ilimitado, e quaisquer contas a acertar ficam para o mandato seguinte (de preferência para algum adversário). O que costuma separar essa concepção onírica — e equivocada— da realidade são as regras que forçam os governantes a agir com critério em relação ao dinheiro público e preveem punições em caso de infrações. Nos últimos anos, o Brasil avançou nessa seara. Criamos a Lei de Responsabilidade Fiscal, que obriga o governo a fazer planejamento orçamentário e a se prevenir contra gastos acima da sua capacidade de arrecadação, e a chamada regra de ouro, que proíbe dívidas para pagar despesas correntes, como salários, aposentadoria e contas de luz. Mais recentemente, logo depois da gestão temerária de Dilma Rousseff, foi aprovada também a terceira e mais importante das chamadas âncoras fiscais: o limite do teto de gastos. Por meio dela, os aumentos do Orçamento da União são limitados a um reajuste pela inflação registrada no ano anterior.

Pois justamente sob o governo de Jair Bolsonaro, autodefinido como liberal e teoricamente cioso da responsabilidade fiscal, o teto de gastos enfrenta agora seu maior risco em quatro anos de vigência. Na última semana, diversos membros do governo — até o antes defensor Paulo Guedes — discutiram abertamente formas de burlar o mecanismo e abrir espaço no Orçamento de 2022, ano de eleição presidencial, para novos gastos. Claramente eleitoreiro, o objetivo é vitaminar o programa de transferência de renda Bolsa Família, agora rebatizado com o nome de Auxílio Brasil, para 400 reais. Com a medida, os articuladores políticos do presidente pretendem eliminar de vez o vínculo do programa com a imagem do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, hoje o principal rival de Bolsonaro nas urnas, e elevar a popularidade do atual ocupante do Palácio do Planalto.

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

VALTER CAMPANATO/AGÊNCIA BRASIL

FAZ DE CONTA Roma: anúncio do programa sem detalhamento da receita

Em um cenário de agravamento das condições de vida da população mais pobre, principalmente depois do desastre sanitário da Covid-19, programas de transferência de renda tornam-se necessários — especialmente em um país marcado pela desigualdade econômica e social como o Brasil. A questão não é adotar ou criar tais programas, mas, principalmente, como custeá-los. O caminho previsto pelas regras fiscais é claro: a criação de novas despesas exigem uma gestão mais eficiente de recursos, com uma priorização nos gastos. O problema é que, no decorrer de seu governo, o presidente Bolsonaro sistematicamente engavetou projetos que propunham cortes de custos, como a reforma administrativa, por receio de desagradar a aliados e corporações. “A solução seria um caminho do meio, desativando outros tipos de gastos públicos um tanto quanto desfocados em nome do novo auxílio mais abrangente. O problema é que o governo não quer cortar nada e sempre acaba caindo no conflito entre o social e o econômico”, diz o economista Marcelo Neri, ex-presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

Na semana passada, esse conflito atingiu o paroxismo e se transformou em uma demonstração explícita de falta de coordenação de um governo sem rumo. Desde 2020, o Planalto flerta com o aumento do Bolsa Família. A distribuição dos 600 reais de auxílio emergencial durante a pandemia acabou aumentando a aprovação de Bolsonaro naquele difícil momento, um fator que transformou o presidente, antes um crítico desse tipo de programa, em seu fiel defensor. Ele passou então a cobrar a equipe econômica a fim de turbinar um bolsa para chamar de seu. Mas como as soluções propostas pela equipe econômica não foram bem recebidas, a ala política do governo, que vê nessa manobra a única chance de Bolsonaro ganhar no ano que vem, partiu para o ataque e articulou uma alternativa agressiva. Na quarta-feira 20, o governo anunciou o projeto de um novo benefício de 400 reais, valor a ser pago até o fim de

2022, o que significa um acréscimo de 111% no valor médio atual de 189 reais do Bolsa Família. Detalhe: para pagar o aumento, o governo admitiu que gastaria pelo menos 25 bilhões de reais fora do teto de gastos no próximo ano (o número pode ser bem maior do que esse).

Era o que o mercado mais temia: um ataque frontal à credibilidade econômica e à responsabilidade fiscal. O resultado foi uma disparada no dólar e nos juros futuros e queda na bolsa, com as empresas listadas na B3 perdendo 152 bilhões de reais em valor de mercado em um único dia. Inesperado pela ala amadora, o turbilhão provocado pelas reações à ruptura do teto chacoalhou o governo. Integrantes do Ministério da Economia, último bastião da responsabilidade fiscal do governo, ameaçaram se demitir, preocupados em participar de uma decisão que poderia constituir crime de responsabilidade. O evento de lançamento do Auxílio Brasil, que aconteceria na mesma tarde, acabou cancelado em cima da hora, sem maiores explicações. O dia seguinte foi marcado por desencontros de informação e mais confusão. Pela manhã, o presidente reiterou em um pronunciamento que o benefício teria o valor mínimo de 400 reais, com a ressalva de que não incorreria no rompimento do teto de gastos. À tarde, o ministro da Cidadania, João Roma, veio a público anunciar formalmente o Auxílio Brasil, que entraria em vigor em novembro e seguiria a "responsabilidade

MARCOS OLIVEIRA/AGÊNCIA SENADO

CONTA ERRADA
Ciro Nogueira: para ele, reeleição é mais importante que o Orçamento

BURACOS NO ORÇAMENTO

Uma série de recursos adicionais que não estão previstos no texto enviado ao Congresso deve surgir para o próximo ano

RISCOS	REFORMA DO IMPOSTO DE RENDA	AUMENTOS NO BOLSA FAMÍLIA
O QUE PODE MUDAR	O projeto está no Senado, que pode rejeitar ou alterar o texto, aumentando ou diminuindo a renúncia fiscal	O benefício pode subir para 300 ou 400 reais ao mês
VALOR (EM REAIS)	**21,8** bilhões	**18,7** bilhões ou cerca de **50** bilhões

fiscal". No entanto, não explicou de onde virão os recursos.

Horas depois, em um evento online, o ministro Paulo Guedes acrescentou novos elementos à tempestade — e rasgou sua própria biografia. Ao tentar explicar a proposta deixada em aberto pelo colega, admitiu que uma das saídas seria pedir uma licença (definida por ele de forma eufemística pelo anglicismo "*waiver*") para gastar 30 bilhões de reais fora do teto, a título de "atenuar o impacto socioeconômico da pandemia". A resposta à declaração veio na manhã de quinta-feira com a bolsa registrando antes mesmo da abertura do pregão à vista uma queda de 2% no Ibovespa futuro e o dólar batendo em 5,67 reais na abertura do mercado. "Essa é uma reação à forma como o benefício social está sendo implementado e não ao mérito da proposta, ou seja, do aumento em si. Está claro que é uma resposta ao rompimento do teto, que é a única âncora fiscal do país", afirma o economista Sergio Goldenstein, ex-chefe do departamento de operações do mercado aberto do Banco Central. "O Auxílio Brasil deixou a percepção de que se abre uma porteira por onde a boiada vai passar."

Mesmo antes do anúncio tumultuado, a proposta que sustentava a criação do Auxílio Brasil já não gozava da confiança do mercado — e isso antes das manobras no teto. A equipe de Guedes defendia um benefício menor, de 300 reais, e para bancar tal aumento, o ministro precisava de uma dupla anuência do Congresso. A primeira delas era a aprovação da PEC dos precatórios, que coloca um limite anual para o pagamento de dívidas judiciais da União. A segunda é a reforma do Imposto de Renda, que, entre outras mudanças, propõe a volta da tributação sobre dividendos e juros sobre capital próprio. Nesse caso, pelo menos, se criaria uma fonte de renda permanente para o programa. Apesar de aprovada na Câmara, a proposta está parada no Senado e não deve ser aprovada em prazo hábil para as necessidades urgentes do governo. Ainda mais agora que o presidente da Casa, Rodrigo Pacheco, anunciou a filiação ao PSD e sonha em ser adversário de Bolsonaro em 2022. "Você ajudaria um inimigo que está se atrapalhando todo sozinho?", pergunta, pedindo anonimato, um cacique de um dos partidos da terceira via.

Organização e planejamento são palavras que parecem não constar do vocabulário do governo Bolsonaro. Certas decisões são tomadas na base do improviso, muitas vezes sem a avaliação das consequências, e com dados fantasiosos. O Orçamento de 2022, aliás, poderá trazer um rombo ainda maior do que esse do auxílio. De acordo com o economista Manoel Pires, coordenador do Observatório Fiscal do Ibre/FGV, a lei orçamentária para 2022, como foi entregue ao Congresso, já não incluía 66,5 bilhões de reais em gastos adicionais que poderiam vir, como no caso da inflação mais alta do que o esperado *(veja o quadro na pági-*

CAROLINA ANTUNES/PR

IRRESPONSABILIDADE Lorenzoni: articulação para burlar o teto de gastos

ATUALIZAÇÃO DO INPC	DESONERAÇÃO DA FOLHA DE PAGAMENTOS DAS EMPRESAS	FUNDO ELEITORAL
O Orçamento foi entregue com inflação estimada de 6,2% para 2021; a projeção do governo foi corrigida para 8,4%, mas ainda pode variar	A medida se encerra em dezembro e há projeto de lei no Congresso para prorrogar o benefício para os anos de 2022 a 2026	Incluído na Lei de Diretrizes Orçamentárias, vetado pelo presidente, mas ainda em discussão na Lei Orçamentária Anual
18,03 bilhões	**6** bilhões	**2** bilhões

Fontes: *FGV-IBRE, Projeto de Lei Orçamentária de 2022 e Ministério da Economia*

na anterior). Se adicionar o impacto do auxílio de 400 reais, essa conta será maior, próximo de 100 bilhões a mais, o equivalente a quase todo o espaço orçamentário não obrigatório de que a União dispõe para o ano. "O governo subestimou valores, em especial os reajustes nas despesas obrigatórias que deverão ocorrer em decorrência da alta da inflação", afirma Gil Castelo Branco, secretário-geral da associação Contas Abertas. Na quinta-feira 21, foi anunciada uma gambiarra associada à PEC dos Precatórios para diminuir esse impacto. A manobra, no entanto, pouco altera a essência do problema. No mesmo dia, dois importantes secretários de Guedes pediram demissão.

Divergências e rivalidades entre grupos com concepções e objetivos conflitantes são comuns em qualquer governo, principalmente no que diz respeito à destinação dos recursos públicos. Na gestão de Fernando Henrique Cardoso (1995-2003), tornou-se notório o embate do grupo dos desenvolvimentistas, encabeçados por José Serra, e dos monetaristas, representados por Pedro Malan. No confronto pelo controle da política econômica, o presidente se posicionou em favor do último grupo, o que garantiu coesão e um bom desempenho a seu governo. Em seu pragmatismo de governante, FHC fez o básico: preferiu dar ouvidos a quem entendia de economia em assuntos econômicos e acatar conselhos de políticos em temas eleitorais e negociações com o Congresso. Mas ele nunca deixou os dois territórios serem invadidos pelo grupo oponente.

No caso do governo Bolsonaro, esse posicionamento simplesmente não existe. O discurso liberal de Paulo Guedes é continuamente afrontado pela ala política de ministros como Ciro Nogueira (Casa Civil), João Roma e Onyx Lorenzoni (Trabalho) — a turma do Centrão. No episódio envolvendo o Auxílio Brasil, o grupo defendeu abertamente junto ao presidente a ruptura do teto de gastos entre 11 e 15 de outubro, quando Guedes participava de uma reunião no Fundo Monetário Internacional (FMI), em Washington. O argumento era de que o modelo da equipe econômica teria pouco efeito, principalmente levando-se em conta o cenário eleitoral. Simultaneamente, circularam por Brasília rumores da saída do ministro *(leia a coluna Radar, na pág. 28).* Ao voltar da viagem, ele foi recebido por Bolsonaro e reforçou os alertas quanto ao teto de gastos. O presidente, no entanto, manteve-se irredutível — Guedes, por sua vez, consentiu e não pediu para sair. Ao contrário. Vai ficar com a esperança de mudar o jogo lá na frente.

Equivocada, a ruptura do teto de gastos pode lançar o país em uma espiral de problemas. Entre os economis-

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

CURTA DURAÇÃO Aprovação do teto em 2016: uma vitória importante para o país

NELSON ALMEIDA/AFP

POBREZA Fila para se alimentar: a fome aumentou e serviu de justificativa para medida eleitoreira

tas, o chamado populismo fiscal, em que medidas eleitoreiras se sobrepõem à responsabilidade orçamentária, é um dos principais motivos pelos quais a economia brasileira vem se arrastando há mais de vinte anos, sem crescimento sustentável e provocando desconfiança de investidores nacionais e estrangeiros. Uma violação de forma tão ostensiva do teto lançará o país de volta ao velho regime fiscal, marcado por taxas de juros e inflação mais altas e perspectiva de investimento menor, uma decorrência direta da incerteza econômica. “Se levarmos em conta os efeitos sobre a inflação, o dólar mais alto, a fraca recuperação da atividade e do nível de emprego, fica evidente que o cenário piorará bastante”, afirma Carlos Kawall, diretor da gestora ASA Investimentos e ex-secretário do Tesouro Nacional. E, mais uma vez, a triste maldição do país condenado à mediocridade pode voltar a valer para o Brasil. ■

MURILLO DE ARAGÃO

ELEIÇÕES E PREVISIBILIDADE

O capitalismo de mercado deve ser considerado no cálculo político

DESDE a redemocratização, as eleições gerais no Brasil são motivo de preocupação para o mercado, para quem investe e para quem emprega. A preocupação tem origem na possibilidade de o novo presidente adotar políticas anti-investimentos e populistas. Alguns vizinhos nos dão exemplos negativos, caso da Argentina, que não consegue sair dos anos 80, e da Venezuela, que naufraga em um socialismo de fome para a maioria.

As ameaças socialistas do primeiro mandato de François Mitterrand levaram muitos franceses a abandonar o país rumo à Suíça. No segundo mandato, ele já havia entendido a dinâmica do mercado e dos interesses e passou a administrar de forma mais previsível. O capitalismo de mercado, ainda que imperfeito e sujeito a intervenções, está dado e deve ser considerado no cálculo político.

Nos próximos meses, a relação entre a política, as eleições e o mercado será, no mínimo, interessante no Brasil. E certamente intensa. A volatilidade das especulações será alimentada tanto pelas expectativas eleitoreiras quanto pelos riscos associados à imprevisibilidade. Quanto mais confiável for o ponteiro da campanha, mais calmo estará o mercado. E vice-versa. Em 2002, Lula comprou previsibilidade levando um empresário para a sua chapa e produzindo a Carta aos Brasileiros. Em 2018, Jair Bolsonaro trouxe consigo Paulo Guedes, seu “Posto Ipiranga”, para transmitir segurança econômica.

Em 2022, a situação será diferente, ainda que não se tenha uma percepção clara de quão diferentes das anteriores serão as próximas eleições. Cada disputa tem suas características. Porém, a análise da relação entre as eleições e o mercado deve estar centrada em dois fatores novos, básicos e essenciais: a independência do Banco Central e a maior autonomia do Congresso Nacional na tomada de decisões de repercussão econômica.

Na prática, a política econômica de hoje é gerida por uma espécie de triunvirato: Banco Central, Ministério da Economia e Congresso. A volatilidade das eleições passadas era mais condicionada ao comportamento do presidente. Em 2022, continuará submetida ao comportamento e às declarações do presidente, mas também à inter-relação dos três focos de poder e ao modo como o mercado percebe tal dinâmica. Para o investidor consciente e mais informado, o Brasil permanecerá gerando mais luz que calor em termos de problemas. E as oportunidades continuarão sendo oferecidas aos que tiverem visão estratégica e sangue-frio.

> “Não há força política relevante que pense em propor ideias que tragam retrocesso à agenda reformista”

Isso porque, salvo as franjas do radicalismo, que pouca ou nenhuma chance tem de ganhar eleições, não há força relevante que pense em propor ideias que tragam retrocesso à agenda reformista posta. Mesmo o PT, que foi contra a Constituição, o Plano Real, a Lei de Responsabilidade Fiscal, o teto de gastos, as reformas trabalhista e previdenciária, a autonomia do Banco Central e as privatizações, não teria ânimo nem força para reverter tais processos. Até porque seriam altamente prejudiciais a uma eventual futura gestão petista.

Os marcos institucionais e a gestão responsável das reservas em moeda forte poderão propiciar, para além de 2022, a devida segurança para que investimentos gerem emprego, renda, tributos e divisas. O eleitor quer a mesma agenda, traduzida em poder de compra e previsibilidade no cotidiano. Mercado, políticos e candidatos não devem perder isso de vista. ■

COSTFOTO/BARCROFT MEDIA/GETTY IMAGES

GARGALO LOGÍSTICO Porto de Xangai: o tempo para uma mercadoria deixar o país praticamente dobrou neste ano

A LOCOMOTIVA FREOU

Risco de uma bolha imobiliária, falta de energia e deficiências logísticas reduzem o ritmo de crescimento da China, o que é preocupante para o Brasil **LUANA MENEGHETTI** E **LUISA PURCHIO**

NENHUM PAÍS do mundo experimentou uma transformação tão radical nos últimos anos quanto a China. Com uma receita robusta de exportações de bens manufaturados, o país se tornou a segunda maior economia do planeta, permitindo vertiginosos crescimentos anuais nas últimas quatro décadas. Cidades inteiras surgiram. Quase 10% da população vive como milionária. Além da produção de gadgets criados em outras nações, os chineses hoje estão na briga pela liderança tecnológica em diversas áreas. Muito da energia dessa locomotiva que parecia irrefreável veio de gastos governamentais massivos e dívidas monumentais que foram criando distorções preocupantes para o governo do Partido Comunista. Uma quebradeira geral, em um sistema financeiro baseado em quatro bancos estatais, poderia provocar um colapso na economia. Para mitigar esse risco, bem conhecido dos líderes locais, o governo de Xi Jinping decidiu implementar um plano de crescimento sustentável batizado de "prosperidade comum", baseado no incentivo ao consumo interno e no combate às desigualdades.

Tudo caminhava bem até que veio a pandemia. Em razão dos efeitos da Covid-19, com as pessoas dentro de casa, o PIB chinês cresceu em 2020

ROMAN PILIPEY/EPA/EFE

DESAFIO Xi Jinping, do PC Chinês: plano de crescimento sustentável em risco

apenas 2,3%, muito pouco para os padrões do país. Já, para este ano, a retomada está sendo revisada para baixo, depois de a China anunciar um crescimento de 4,9%, no terceiro trimestre, ante o mesmo período do ano passado, e de apenas 0,2% em relação ao trimestre anterior. Com isso, a projeção do PIB de 2021 baixou de 8% para 7,7%, segundo o Bank of America. Ainda que sejam cifras de dar inveja a muitos países emergentes, elas estão distantes do ritmo chinês. "Essa desaceleração já era esperada mas terá impacto a médio e longo prazo. A grande questão é qual será efetivamente a desaceleração que o governo chinês está disposto a tolerar para ajustar a economia", avalia Marcos Caramuru, ex-embaixador do Brasil no país.

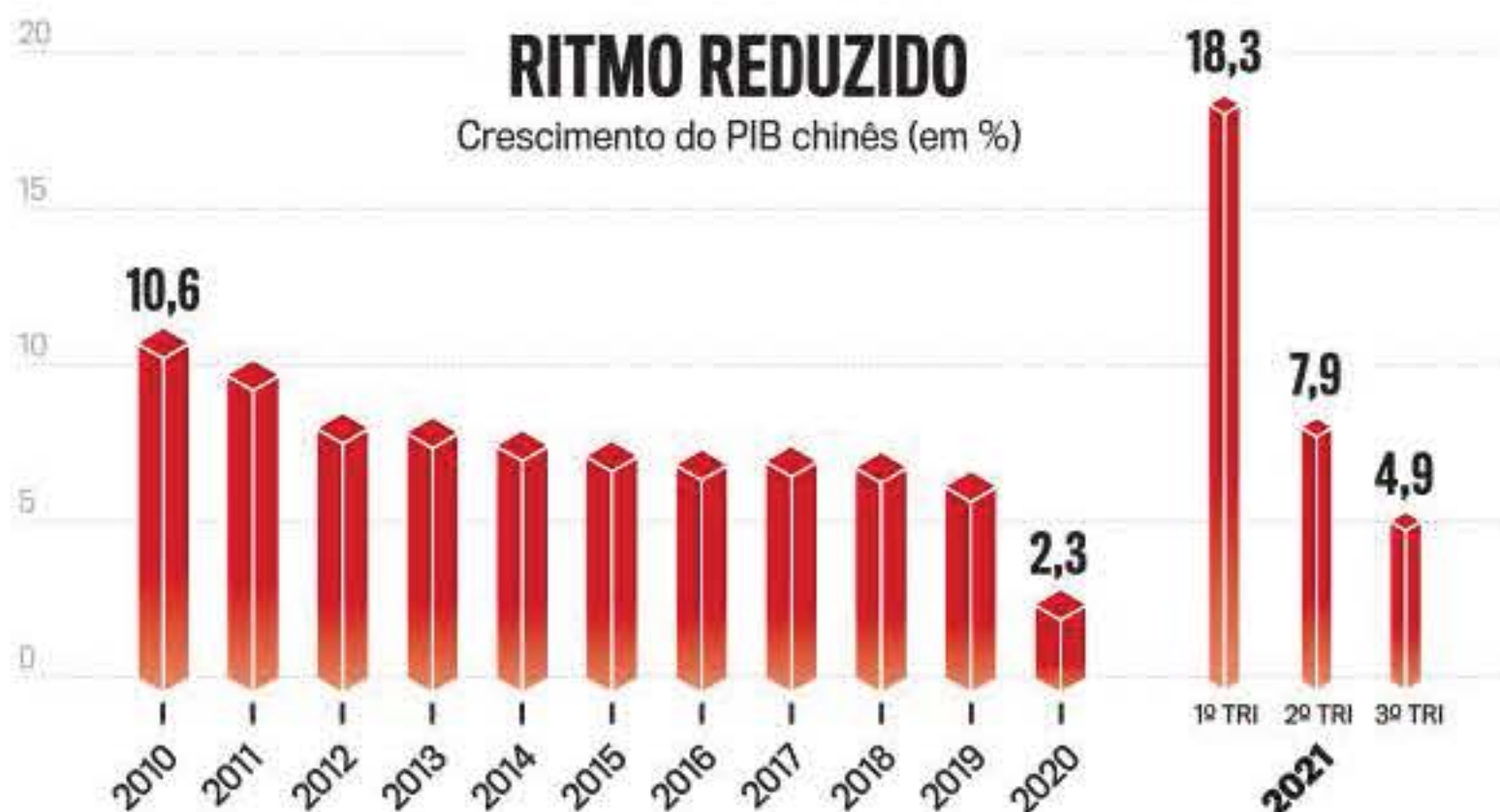
Algumas causas para a queda de ritmo geram grande temor — e podem sair do controle. O setor imobiliário, que vinha sendo responsável por movimentar 30% do PIB, passa por uma diminuição de lançamentos e uma luta para acabar com o endividamento excessivo que era incentivado no passado — o caso da Evergrande, que enfrenta a possibilidade de uma falência, continua a ser um exemplo preocupante. "Dependendo do aperto regulatório imobiliário necessário, 2022 também pode ter um crescimento modesto, na faixa de 5% a 6%, com uma aceleração começando em 2023", diz Albert Keidel, professor na Universidade George Washington e ex-economista do Banco Mundial.

Igualmente impactante para a desaceleração atual tem sido a crise de energia enfrentada pelo país. Nos últimos meses, aconteceram diversos apagões e paradas de produção nas fábricas do gigante asiático. Uma vez que a China se recuperou da pandemia antes de todos, recebendo uma enxurrada de encomendas, houve um aumento superior a 20% nas exportações em relação a 2020. O sistema de geração de energia, porém, não suportou o crescimento repentino da demanda e ainda criou significativos gargalos logísticos nos portos. Hoje, o tempo para uma mercadoria deixar o país praticamente dobrou, aumentando de duas para quatro semanas. Em resumo: uma tempestade perfeita.

Todas essas questões atingem em cheio o Brasil, que tem no país o seu principal parceiro comercial. Com a pandemia, a dependência do nosso comércio com a China aumentou ainda mais e já representa 28,1% das exportações. Os principais produtos em volume são a soja, com 33%, seguida pelo petróleo, com 24%, e pelo minério de ferro, com 21%. Em 2001, eles representavam 11,9% da pauta exportadora e, de janeiro a setembro deste ano, atingiram expressivos 43,7% do total. Uma crise na China pode ter impactos severos na economia brasileira, afetando principalmente a venda de petróleo e minério de ferro — a demanda por grãos, carnes e celulose, segundo a avaliação de especialistas, em princípio deve resistir. Ainda assim, as instabilidades do gigante da Ásia preocupam. ■

RITMO REDUZIDO

Crescimento do PIB chinês (em %)

Período	%
2010	10,6
2011	
2012	
2013	
2014	
2015	
2016	
2017	
2018	
2019	
2020	2,3
2021 – 1º TRI	18,3
2021 – 2º TRI	7,9
2021 – 3º TRI	4,9

UM CLUBE SELETO

Desmentindo a profecia de que a União Europeia ia se desintegrar, seis países pressionam para ingressar no bloco — trazendo junto uma nova e pesada carga de conflitos

ERNESTO NEVES

ALBERT ZAWADA/EPA/EFE

Apresentada como modelo de integração em torno de valores e interesses voltados para o bem comum, que deu nova configuração a um continente historicamente conflagrado, a União Europeia (UE) já passou por várias crises desde sua fundação, em 1993. Mais recentemente, deu-se um clima de descontentamento nas populações empobrecidas por um terremoto financeiro que quase quebrou Espanha, Portugal e Itália e levou a Grécia à falência, em 2010. Some-se o choque provocado por levas de refugiados amontoados em suas fronteiras, fugindo da guerra e da pobreza na África e no Oriente Médio, e eis o terreno aberto para o avanço de um populismo xenófobo e divisionista que culminou com a saída do Reino Unido do bloco, o célebre Brexit, no ano passado. Mais do que nunca, colocou-se a questão: a UE vai se desintegrar? Não só isso não aconteceu, como mais nações estão batendo na porta querendo entrar.

No início de outubro, os líderes dos 27 países-membros se reuniram em Brdo, na Eslovênia, para discutir a adesão de seis candidatos — Albânia, Macedônia do Norte, Bósnia e Herzegovina, Sérvia, Montenegro e Kosovo. O grupo, tirando a Albânia e acrescentando a Croácia (que já faz parte da UE), compõe a colcha de retalhos estendida sobre a península dos Bálcãs, no extremo sul do continente, e costurada a toque de caixa sob a bandeira da antiga Iugoslávia nos tempos da Guerra Fria.

A mais recente expansão da União Europeia ocorreu em 2013, quando justamente a vizinha Croácia foi aceita. Antes disso, saído de um conflito sanguinário com a Bósnia, o país precisou fazer a lição de casa, restaurando os direitos civis e reafirmando sua adesão a instituições e princípios democráticos. O grupo de esperançosos de agora, que aglomera 20 milhões de pessoas, pressiona há quase duas décadas por um lugar ao sol. Para ele, seria a forma de solucionar o atraso econômico da região, a mais pobre da Europa. “Essa é uma questão crucial para os seis países”, diz Edward Joseph, do Centro de Estudos Internacionais da Universidade Johns Hopkins. Do lado da UE, porém, a ampliação do quadro de sócios, que é positiva, precisa ser contrabalançada pelo histórico de rivalidades, pelas batalhas e divergências culturais e religiosas no seu currículo — sem falar na oposição da Bulgária, membro da UE com pretensões territoriais em algumas regiões.

Os países balcânicos queriam estabelecer 2030 como prazo-limite das negociações, mas a proposta não foi aceita — estão em jogo, antes da aprovação, reformas cruciais para a segurança da democracia na região. No encontro, deliberou-se que Albânia, Macedônia do Norte, Montenegro e Sérvia são candidatos oficiais à integração com a UE, enquanto Bósnia e Kosovo permanecem como candidatos potenciais. Também ficou decidido que a península receberá investi-

A FAVOR Poloneses vão às ruas apoiar a integração europeia: os atos do governo desafiam a UE

ELES QUEREM ENTRAR

Seis países dos Bálcãs pleiteiam a inclusão na União Europeia

HUNGRIA
CROÁCIA
ROMÊNIA
BÓSNIA
SÉRVIA
MONTENEGRO
KOSOVO
MACEDÔNIA DO NORTE
ALBÂNIA
Mar Mediterrâneo
ITÁLIA
GRÉCIA

- Candidatos potenciais
- Em negociação
- Sob veto da Bulgária

mentos de 9 bilhões de euros em melhorias sociais e de infraestrutura.

O fortalecimento do nacionalismo populista, acirrado a extremos com a entrada na Europa de mais de 1 milhão de refugiados em 2015, facilitou a chegada ao poder de opositores da UE — um movimento que ainda causa muita dor de cabeça aos executivos do bloco, apesar de parecer estar em refluxo. Em eleições realizadas neste mês, as cinco principais cidades da Itália, um dos epicentros do novo populismo, escolheram prefeitos pró-integração europeia, no que foi visto como uma expressiva derrota do Movimento 5 Estrelas (M5S), de extrema direita. Na República Checa, o que soava como impossível aconteceu: a oposição se uniu e removeu do poder o primeiro-ministro Andrej Babis, bilionário comparado a Trump.

Na Polônia, onde o Tribunal Constitucional — dominado por aliados do primeiro-ministro nacionalista Mateusz Morawiecki — decidiu que as leis do país se sobrepõem às da União Europeia, mais de 100 000 pessoas foram às ruas se manifestar pela permanência no bloco. “Partidos que atacam a União Europeia vêm perdendo apelo, porque a população está ciente dos benefícios trazidos pela integração”, diz Mitchell Orenstein, especialista em Europa Central e Rússia da Universidade da Pensilvânia. Mesmo com esses sinais, o bloco europeu segue tendo de pisar em ovos para lidar com autocratas como o próprio Morawiecki e o inspirador de todos eles, Viktor Orbán, há dez anos no poder na Hungria — uma hora fechando os olhos a seus excessos ditatoriais, outra punindo medidas antidemocráticas com a retenção de verbas. Nesse contexto, a entrada de seis nações complicadas, sendo duas delas — Sérvia e Montenegro — também governadas por populistas, corre o risco de passar um bom tempo na mesa de negociação. ■

CLAUDIO REYES/AFP

"RENUNCIE" Manifestantes pedem a saída do presidente: irritação com as desigualdades e com a política tradicional

LADEIRA ABAIXO

Batendo recordes de impopularidade e sob investigação, o presidente chileno Sebastián Piñera contribui para estimular ainda mais o clima de insatisfação social **CAIO SAAD**

SAUDADO como um raro exemplo de estabilidade e solidez econômica na América Latina, o Chile, logo ele, atravessa um maremoto de insatisfação popular e de irritação com a política tradicional de consequências imprevisíveis. Uma onda de violentos protestos ao longo de 2019, centrados principalmente na escancarada e pouco combatida desigualdade social no país, acabou sendo contida pelos protocolos da pandemia, mas deixou na população um gosto amargo de demandas não atendidas que tem se traduzido nas urnas em apoio a novatos adeptos de ações radicais. Com eleições presidenciais e legislativas marcadas para 21 de novembro, o presidente Sebastián Piñera, de centro-direita, encara um pedido de impeachment e uma investigação policial por irregularidades financeiras, enquanto enfrenta mais de 70% de desaprovação. "O presidente infringiu abertamente a Constituição, em relação ao princípio de probidade, e comprometeu a honra da nação", declarou o deputado socialista Jaime Naranjo, ao protocolar o pedido de afastamento apresentado pela oposição.

ESTEBAN FELIX/AP

PRESSÃO O bilionário Piñera: investigado por suborno e crime fiscal

A justificativa para o impeachment seria a revelação de negócios escusos praticados por Piñera (bilionário que já foi apontado pela revista *Forbes* como o homem mais rico do Chile) e detectados na lista vazada pelos chamados Pandora Papers de detentores de empresas e contas bancárias em paraísos fiscais. Uma investigação foi aberta para apurar a ocorrência de suborno e crimes fiscais na venda de uma mineradora da família Piñera a um dos melhores amigos do presidente em 2010. Em paralelo, ele decretou estado de emergência e despachou tropas para conter uma rebelião de indígenas mapuches, que reivindicam autonomia e restituição de terras ancestrais em mãos de multinacionais da mineração. Os indígenas são justamente os mais afetados pela ausência de amparo social e pelas restrições nas aposentadorias em vigor desde a ditadura militar, questão central dos protestos populares e agora bandeira de campanhas eleitorais. "O estouro social resultou da constatação de que

o Chile tomou um caminho equivocado em seu modelo de desenvolvimento. A ideia de um 'novo Chile', com maior presença do Estado, se tornou muito atraente", explica Patricio Navia, diretor do Observatório Eleitoral da Universidade Diego Portales. Ou seja: há uma grande chance de o Chile trocar um caminho equivocado, o da falta de assistência absoluta aos mais necessitados, por outro — o dos males provocados pelo gigantismo do Estado.

Na tentativa de amainar o descontentamento, o governo colocou em plebiscito, no fim do ano passado, o projeto de uma nova Constituição para substituir a deixada pelo ditador Augusto Pinochet, totalmente desprovida de apoio à população pobre. O "sim" teve vitória esmagadora e a Assembleia Constituinte eleita em maio abriu vasto espaço para os candidatos dos extremos, sobretudo da esquerda. O ex-líder estudantil Gabriel Boric, de 35 anos, crítico do livre mercado e favorável a aumento de impostos, também está à frente nas pesquisas para presidente, seguido de perto pelo ultraconservador José Antonio Kast, que por seus comentários sobre aborto e homossexuais é chamado de "Bolsonaro chileno" (qualquer semelhança com o cenário brasileiro não é mera coincidência). A subida de Kast nas últimas semanas derrubou para o quarto lugar Sebastián Sichel, de centro-direita, ex-aliado de Piñera que se afastou dele e concorre como independente. Seja qual for o eleito, o novo presidente receberá uma economia que encolheu 5,8% em 2020 — a pior queda em quatro décadas — e terá de adaptar o orçamento para a elevação de gastos sociais que a nova Constituição deve aprovar. Não será tarefa fácil. ■

VILMA GRYZINSKI

O MUNDO FICA DISTANTE DE NOVO

A crise nas cadeias de abastecimento é golpe na globalização?

EM ABRIL DE 1956, um cargueiro zarpou de Nova Jersey para Houston levando uma novidade: "caixas" de aço corten de tamanho padronizado que podiam ser transferidas diretamente para carrocerias de caminhões especialmente adaptadas para transportá-las. Chamavam-se contêineres e tinham sido inventadas por Malcom McLean, um empreendedor que havia começado no ramo dos transportes como menino paupérrimo do interiorzão da Carolina do Norte, trabalhando com um caminhão de segunda mão. As humildes "caixas" mudariam o mundo. Ao racionalizar e baratear os custos do transporte marítimo, elas confluíram para transformações muito mais celebradas, como a revolução digital, a transformação da China em economia de mercado e a entronização do capitalismo e do livre fluxo de mercadorias como sistemas consensuais. O conjunto dessas mudanças foi chamado de globalização.

Levantar de manhã e tomar um café com cápsula feita na Suíça — um país que não produz um único pé de arábica —, teclar num celular fabricado em Zhengzhou e pegar um carro alimentado a chips semicondutores vindos de Taiwan são atos que a globalização normalizou. E os contêineres viabilizaram, em escala estonteante. O maior navio cargueiro do mundo tem capacidade de levar 23 992 contêineres. Cabem neles 145 milhões de pares de tênis. Tão revolucionárias quanto as ânforas para o transporte de vinhos e azeites disseminadas pelos fenícios, as caixonas de transporte inauguraram problemas que se tornaram clássicos da globalização. A começar pela redundância dos estivadores, uma categoria altamente sindicalizada e boa de briga, características que não impediram seu drástico encolhimento. Das fábricas de calçados gaúchas às siderúrgicas de Detroit, a transferência da produção para a China provocou o mesmo efeito exterminador nos empregos. A promessa da economia globalizada era que os postos de trabalho sugados "aqui" — no setor manufatureiro — ressurgiriam "ali" — na indústria de serviços e de tecnologia avançada. Nem sempre foi uma promessa cumprida, redundando em rebeliões eleitorais como a vitória de Donald Trump e do Brexit, mas a economia globalizada tirou 1,1 bilhão de pessoas da pobreza e barateou o custo de vida de outros bilhões.

> **"Não adianta ter tudo mais barato se as mercadorias ficam empilhadas nos portos"**

É todo esse processo de escala planetária que hoje está estremecido. A Covid-19 assustou mesmo os governos mais liberais, ao fazê-los descobrir que os suprimentos médicos, de máscaras a substâncias para a fabricação de vacinas, dependiam totalmente da China. E o pós-Covid está provocando outra constatação: não adianta ter tudo mais barato, de brinquedos a autopeças, se as mercadorias trazidas do outro lado do mundo ficam empilhadas nos portos, sem caminhoneiros suficientes para esvaziar os contêineres. Pode ser apenas um susto passageiro, um soluço num mundo ainda sob os efeitos traumáticos da pandemia. Pode ser uma nova fase que exija adaptações como mais espaços para armazenagem — e, portanto, custos maiores. Pode ser que o mundo encolhido pela globalização esteja ficando menos pequeno de novo. ■

OS GATES EM FESTA

Separados desde agosto, Bill e Melinda Gates voltaram a se encontrar na festança monumental de casamento da filha mais velha, **JENNIFER,** 25 anos, com o cavaleiro egípcio **NAYEL NASSAR,** 30, realizada no sábado 16 na fazenda dos Gates perto de Nova York. Os dois se conheceram no circuito hípico – ela competia antes de estudar medicina, ele segue carreira e participou da Olimpíada de Tóquio. Nassar nasceu em Chicago e foi criado no Kuwait, onde moram os pais egípcios. Um tabloide noticiou que, antes da recepção para 300 convidados, Jennifer e Nassar se uniram em uma cerimônia muçulmana privada. A noiva, coitada, deve herdar só 10 milhões de dólares do pai, que pretende doar a maior parte da fortuna. Felizmente, o noivo tem patrimônio familiar avaliado em 100 milhões de dólares.

INSTAGRAM @JENNIFERKGATES

INSTAGRAM @GIOEWBANK

TARDOU, MAS NÃO FALHOU

Chegou à fase final o processo de estelionato que **GIOVANNA EWBANK,** 35 anos, move na 3ª Vara Cível da Barra da Tijuca, no Rio, contra Isabela Guerra – uma "amiga de extrema confiança" que lhe deu prejuízo de 100 000 reais. A história começou em 2010, quando Giovanna transferiu a quantia para a conta de Isabela, que prometeu multiplicá-la comprando um imóvel em um leilão judicial. De acordo com o processo, Isabela "aproveitou da confiança de amigos para se apropriar do dinheiro entregue por eles" e sumiu. Julgada e condenada, terá de devolver à apresentadora quase o dobro: o valor corrigido bate nos 185 000 reais. "Se não pagar em até três dias depois de ser intimada, ela pode ter seus bens penhorados", informa Mariana Zonenschein, advogada de Giovanna.

INSTAGRAM @LAURAPIGOSSI

PRONTA PARA VENCER

Ah, a importância de estar mentalmente saudável. **LAURA PIGOSSI,** 27 anos, passou a lidar com uma dose extra de pressão depois de conquistar, ao lado de Luisa Stefani, a única medalha olímpica do tênis brasileiro em toda a história dos Jogos. O bronze em Tóquio levou o país a outro patamar no esporte, multiplicou por dez seus seguidores no Instagram e a alçou à condição de favorita nas competições que vieram a seguir. Em meio a tudo isso, Laura está "de boa" – tanto que venceu o Torneio de Lima, dias atrás, e volta às quadras na próxima semana, no Equador, cheia de confiança. "Trabalho com uma psicóloga desde os 9 anos e sei que o tênis é um esporte em que você perde muito mais do que ganha", diz a atual número 2 do Brasil.

EM FAMÍLIA

VALERIE MACON/AFP

Quando **ANGELINA JOLIE,** 46 anos, aparece, gloriosa, em uma pré-estreia acompanhada de cinco dos seis filhos, todo mundo para pra ver. No lançamento em Los Angeles de *Eternals*, em que vive uma destemida guerreira, Angelina, de tomara que caia Balmain, chamou a atenção pela joia inusitada: um filete dourado que ia do lábio ao queixo. Entre a filharada, a mais brilhante era **ZAHARA,** 16, exibindo o mesmo longo metálico de Elie Saab usado pela mãe no Oscar 2014. "Todos os meus filhos misturam peças vintage e reciclam minhas coisas velhas", diz Angelina. A maior surpresa, porém, partiu de **SHILOH:** a menina que queria ser chamada de John e só usava roupas de menino surgiu, no alto de seus 15 anos, de vestido assimétrico e sapatilhas. As redes sociais ferveram. ■

INSIDE CREATIVE HOUSE/GETTY IMAGES

O PESO NA BALANÇA

A proibição da venda de anfetamínicos no Brasil volta a tocar na polêmica sobre o uso de remédios para emagrecer. Se bem indicados por um profissional, não há problema algum nisso

SIMONE BLANES

DILEMA Perfil: obesos com doenças como diabetes ou aterosclerose podem se beneficiar

Falta de força de vontade, de autocontrole. São muitas as fragilidades atribuídas ao indivíduo obeso. Infelizmente, até hoje prevalece o estigma de que a obesidade seria consequência de um comportamento preguiçoso, quando, na verdade, se trata de uma doença complexa contra a qual não há caminhos únicos. Na esteira da desinformação, quem mais sofre é o paciente, que se vê perdido e incapaz de compreender a própria condição. O fardo é maior para os que necessitam de remédios, com facilidade tachados de dependentes, fracos ou outras bobagens do gênero. Na semana passada, essa parcela de pacientes foi surpreendida com a notícia de que alguns medicamentos não estarão mais disponíveis no mercado. Isso graças a uma resolução do Supremo Tribunal Federal tomada na quinta-feira 14, derrubando uma lei que autorizava a produção, venda e consumo dos anfetamínicos anfepramona, femproporex e mazindol. Na prática, o tribunal voltou a deixar a decisão a cargo da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), que em 2011 já havia proibido a utilização das medicações.

Só ficou de fora da proibição a sibutramina, o emagrecedor com registro mais antigo no país — desde março de 1998 — e o único disponível no Sistema Único de Saúde. Criado como antidepressivo, ele aumenta a sensação de saciedade. Embora seja a primeira escolha quando é preciso usar medicamento, é contraindicado para quem tem doença cardiovascular ou faz acompanhamento psiquiátrico. Existem também pessoas que não respondem à droga. “Agora, com a proibição dos outros remédios, há pacientes que podem ficar sem medicamento nenhum”, diz Maria Edna de Melo, presidente do Departamento de Obesidade da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM).

A situação ocorreria porque, segundo a especialista, os outros dois fármacos para emagrecer liberados pela Anvisa, a liraglutida (retarda o esvaziamento gástrico, aumentando a saciedade) e o orlistat (impede a absorção de gordura), são caros e dificilmente serão disponibilizados pelo SUS. Uma caixa de liraglutida custa em média 450 reais e a do orlistat, 150 reais. A Anvisa, porém, mantém a posição de que os riscos dos anfetamínicos superariam os benefícios. Entre os perigos, estariam a possibilidade de desenvolvimento de dependência física e psíquica, ansiedade,

NO BRASIL

SUBSTÂNCIAS PROIBIDAS

Anfepramona ou dietilpropiona

É um fármaco anorexígeno utilizado como adjuvante no tratamento da obesidade. Tira a fome porque atua diretamente no centro da saciedade no cérebro

Nome comercial: Hipofagin S (25 e 75 mg)

Femproporex

Medicamento das classes químicas feniletilamina e anfetamina, que atua no sistema nervoso central e é usado como um supressor do apetite

Nome comercial: Desobesi-M

Mazindol

Remédio anorexígeno, estruturalmente relacionado com a anfetamina, que tem efeito no hipotálamo sobre o centro de controle do apetite, sendo capaz de reduzir a fome

Nome comercial: Absten S, Fagolipo, Moderine, Mazanor e Sanorex

SUBSTÂNCIAS PERMITIDAS

Sibutramina

Remédio usado no tratamento da obesidade que inibe a recaptação de noradrenalina e serotonina, dois neurotransmissores que atuam no cérebro e regulam diversas funções, como o apetite, o sono e o humor

Nome comercial: Reductil, Biomag, Nolipo, Plenty e Sibus

Lariglutida

Fármaco antidiabético que libera uma substância no intestino, promovendo alteração do esvaziamento gástrico e aumentando a saciedade

Nome comercial: Victoza (1,8 mg) e Saxenda (3 mg)

Orlistat

Medicamento que age no intestino inibindo a lipase, enzima produzida no pâncreas que faz a quebra de gorduras

Nome comercial: Xenical

Fonte: *Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia*

GILBERTO TADDAY

EPIDEMIA Números crescentes: 96 milhões de brasileiros estão acima do peso

taquicardia, hipertensão e problemas cardiovasculares. A agência também afirma que não existem evidências de eficácia a longo prazo.

As questões em torno da anfetamina são antigas. Droga sintética que estimula a atividade do sistema nervoso central, com indicações médicas para o transtorno do déficit de atenção e narcolepsia — distúrbio que causa sonolência excessiva —, foi preparada em laboratório pela primeira vez em 1887, pelo químico romeno Lazár Edeleanu, na Universidade de Berlim, na Alemanha. Utilizada durante a II Guerra Mundial, tinha a finalidade de manter os soldados acordados e ativos. Naquela época, observou-se que ela reduzia a fome e a fadiga. Mais tarde, quando se comprovou que realmente inibia o apetite, passou a ser usada por pessoas que queriam perder peso. Até hoje, é o remédio para emagrecer mais popular do planeta. Particularmente no Brasil, porém, ela se tornou um problema. Em 2007, o país apareceu como o maior consumidor de anorexígenos — medicamentos moderadores de apetite à base de anfetamina — do mundo em relatório anual da Organização das Nações Unidas, com ingestão de cerca de 12,5 doses diárias, contra 11,8 na Argentina, 9,8 na Coreia do Sul e 4,9 nos Estados Unidos.

No ano seguinte, surgiu no levantamento do Escritório das Nações Unidas contra Drogas e Crimes como o terceiro maior consumidor de anfetaminas do globo. "Representa um padrão preocupante que indica abuso no número de receitas", dizia o documento. Hoje, sabe-se, o problema envolvendo as anfetaminas por aqui é seu uso indiscriminado e excessivo. "Existe muita venda ilegal e prescrição abusiva com altas doses receitadas por médicos que não são da

ESCOLHA CUIDADOSA

A indicação de remédios contra o excesso de peso obedece a vários critérios

PARA QUEM

Considera-se possível a indicação a indivíduos com índice de massa corporal (IMC) de sobrepeso ou obesidade e que apresentem outras condições, como diabetes tipo 2, hipertensão e doença cardíaca

QUANTO PERDE

Pessoas que fazem uso de medicação e adotam hábitos saudáveis perdem em média de 3% a 12% ou mais de peso depois de um ano do que o total perdido por quem só muda o estilo de vida

COMO USAR

- Siga somente as instruções de seu médico
- Sempre use em conjunto com a adoção de hábitos saudáveis
- Se você não está perdendo peso depois de doze semanas tomando a dose máxima, converse com o médico e reveja a estratégia
- Informe o médico se utiliza outras medicações

Fonte: *NIH, US Department of Health and Human Services*

área", diz a endocrinologista Maria Edna de Melo, da SBEM. O resultado são pacientes com agitação, irritabilidade acentuada, algo que não aconteceria com a dose correta. "Esses remédios estão há décadas no mercado e não se tem registro de efeitos colaterais graves quando usados adequadamente", afirma.

A médica toca no ponto fundamental que determina se a utilização de remédios para perder peso será efetiva ou não. Assim como em todo tratamento, é preciso saber a quem, quais e como as medicações devem ser empregadas. Nas diretrizes brasileiras de tratamento, a indicação leva em conta o IMC (índice de massa corpórea) acima de 30 kg/m^2 e a presença de doenças associadas à obesidade, como triglicérides aumentado, gordura no fígado e apneia do sono. Entre 30 e 25, faixa de sobrepeso, recomendam-se mudanças de estilo de vida com dietas, atividade física e hábitos saudáveis.

Nos Estados Unidos, onde é permitida a venda de anfetaminas para emagrecimento, o Instituto Nacional de Saúde preconiza que indivíduos com IMC 27 podem ser medicados caso apresentem enfermidades correlatas. Segundo a Pesquisa Nacional de Saúde, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 96 milhões de brasileiros apresentam IMC maior do que 25 kg/m^2, o que equivale a cerca de 60,3% da população adulta do país. É muita gente com a saúde sob ameaça, sabendo-se que o excesso de peso é fator de risco para infartos, acidente vascular cerebral e alguns tipos de câncer. Portanto, como qualquer outra doença, a obesidade precisa ser enfrentada adequadamente. Se tiver de ser com remédio, que seja. ■

LUCILIA DINIZ

AS DORES DA CONQUISTA

O segredo é saber diferenciá-las do sofrimento

A DOR é o denominador comum a todo tipo de sucesso. Sem aquele esforço extra que a provoca, pouco ou nada se conquista. Pode reparar: sem muito trabalho não se obtêm resultados excelentes — uma regra de ouro que vale para atletas profissionais e amadores, concertistas, chefs, executivos, empresários ou qualquer pessoa que se imponha um desafio. Não importam o tamanho e a natureza do obstáculo a ser contornado. Pode ser a complexidade da burocracia para dar início a um novo empreendimento, a disposição de acordar mais cedo, a determinação de emagrecer. Em qualquer caso, a labuta resulta em superação, em excelência, em aperfeiçoamento.

Ah, Lucilia, então vai dizer que é bom sentir dor? Claro que não. Como diz Shakespeare numa comédia, "todo mundo é capaz de dominar uma dor, com exceção de quem a sente". Mas a questão não é se é bom ou ruim sentir dor. A questão é: se a dor é inevitável para progredir na vida, então como lidar com ela? Em primeiro lugar, é preciso ter consciência de que toda dor sempre é localizada. Ela emana a partir de um determinado ponto de nosso organismo. O cérebro é que se encarrega de transmitir a sensação da dor generalizada, como se uma torção no tornozelo, por exemplo, tivesse reflexo no corpo inteiro. Aprendi isso por experiência própria. Anos atrás, depois que emagreci — perdendo metade dos 120 quilos que cheguei a pesar —, estava feliz da vida, sentindo-me estimulada a me exercitar todos os dias, e é provável que, em momento de maior animação, eu tenha passado do ponto. Resultado: fiz uma tremenda hérnia na coluna cervical. Até hoje meu pescoço dói muito. Esse episódio me deu oportunidade de perceber que a dor, por mais aguda, está restrita a um lugar — e nós não somos apenas esse lugar. A dor é no meu pescoço, mas eu não sou o meu pescoço. Não deixo que o restante do meu corpo se contamine por aquela dor pontual. Não nego que ela exista, mas não lhe dou atenção excessiva e convivo com ela — nós nos entendemos muito bem, obrigada.

> "Qualquer dor é chata, mas ganhamos quando conseguimos colocá-la em seu devido lugar"

O segredo para suportar uma dor qualquer é estabelecer a diferença que ela guarda com o sofrimento. Dor é algo concreto, aquela sensação desagradável produzida pela excitação de terminações nervosas sensíveis ou por lesões de algum tecido do organismo. Já o sofrimento tem a ver com a expectativa da dor futura ou a lembrança da dor passada. Ela existe, sim, mas na nossa imaginação. Assim, se é fruto de um processo mental, pode ser amplificado ou aliviado, dependendo de nossa atitude. Até certo ponto, temos controle sobre isso. O corpo humano parece ter sido projetado para aguentar trancos de diversas intensidades. Basta, para tanto, preparar o espírito para enfrentá-los. Quando as estruturas mentais estão voltadas para a obtenção de determinado resultado, o corpo reage segundo esse comando, impedindo que a dor embace o êxito final.

Qualquer dor é chata, claro, e não quis aqui dourar a pílula. Mas ganhamos quando conseguimos colocá-la em seu devido lugar — o lugar onde ela deveria ficar circunscrita. Não é impossível. Para ajudar, pense nela como aquele ingrediente amargo sem o qual não calibramos a doçura de um coquetel. ■

IMAGINAÇÃO NÃO TEM IDADE

O Walt Disney World, em Orlando, completa cinquenta anos com novidades e uma programação especial, à espera de milhões de turistas sedentos por recuperar o sorriso **LUIZ FELIPE CASTRO**

PARA WALT DISNEY (1901-1966), o genial criador do ratinho que viraria sinônimo de entretenimento para crianças e adultos, os sonhos não tinham limites. No fim dos anos 1960, quando ousou fazer de um terreno alagado na Flórida uma extensão do bem-sucedido parque temático na Califórnia, ele resumiu a empreitada com a concisão das grandes mentes: "A Disneylândia nunca será completada. Ela continuará a crescer enquanto houver imaginação no mundo". E assim foi desde sempre, como nos melhores contos de fadas, apesar dos percalços. A infinita capacidade de inovação — e o uso do adjetivo não é uma hipérbole — é o mantra da temporada de festas inaugurada agora em outubro, em dezoito de meses de celebração pelos cinquenta anos de história da Disney World de Orlando. Haverá uma coleção de inaugurações e novidades, algumas delas adiadas em decorrência da pandemia que parou o mundo e freou a fantasia — mas não a ponto de destruí-las. E, numa feliz coincidência, o cinquentenário calhou de ocorrer no momento em que a civilização busca o sorriso aberto, a alegria que já não encontrava entre quatro paredes.

Os números traduzem o interesse renovado. O setor de parques da Disney, que tem outras sedes fora dos EUA (Paris, Tóquio, Hong Kong e Xangai), obteve lucro de 356 milhões de dólares no balanço do segundo trimestre de 2021. No mesmo período do ano passado, em quarentena, houve prejuízo de 1,9 bilhão de dólares e 28 000 postos de trabalho foram suprimidos. O pulo do gato (ou melhor, do rato Mickey) virá a partir de novembro, quando as fronteiras americanas serão reabertas a viajantes que estiverem completamente vacinados, inclusive brasileiros. "Muita gente arriscou e comprou pacotes para a Disney mesmo sem saber se poderia ir", diz Bruna Milet, diretora de publicidade e assuntos institucionais da agência Decolar. A procura pela Disney World no site e no aplicativo da empresa subiu 47% nos últimos quatro meses. Nem mesmo o dólar a mais de 5,50 reais assusta. "O câmbio sempre afeta o setor, mas o sentimento de demanda reprimida é um impulso", afirma Bruna.

EARL THEISEN/GETTY IMAGES

GÊNIO Criador e criaturas eternas: Walt Disney posa orgulhoso com Mickey, Pato Donald e Pateta

CARA NOVA
O Castelo da Cinderela, no Magic Kingdom: decoração especial para o cinquentenário

GERARDO MORA/GETTY IMAGES

Há surpresas magnéticas para a farra das cinco décadas, como a chegada à Flórida da espetacular montanha-russa Tron Lightcycle Roller Coaster, a principal atração da Disney de Xangai, na qual os visitantes permanecem inclinados, como se estivessem efetivamente pilotando uma moto fluorescente a quase 100 quilômetros por hora. Os inigualáveis shows pirotécnicos no Castelo da Cinderela e no globo do Epcot ganharam tons ainda mais vivos. Os novos espetáculos andam de mãos dadas com uma ferramenta que era obsessão do próprio Walt Disney: a tecnologia. Os parques, antes mesmo do que a Nasa, serviram de palco de testes de invenções que depois tomariam o cotidiano — e eles sempre abrigaram as inovações com pioneirismo. Hoje, a empresa tem mais de 500 patentes de robôs e conta com mais de 1 500 *imageneers* (jogo de palavras entre imaginadores e engenheiros), profissionais responsáveis por conceber as ideias e viabilizar novos projetos, sempre sob máximo sigilo. Um deles, a MagicBand, pulseira de borracha que abre as portas dos quartos dos hóspedes e acelera os pagamentos em lojas e restaurantes, virou peça comum em grandes cidades americanas e europeias — e celebrada em tempos pandêmicos, de medo do toque.

Outro truque global da Disney— uma mágica, para usar expressão tão querida de seus profissionais e frequentadores, mas também de seus fascinantes personagens — foi a criação de uma modalidade de turismo que instalou a hospedagem dentro dos próprios parques, como se estar acordado e sonhar fosse a mesma coisa. O conceito de resorts é 100% Disney. Não por acaso, um dos passos fundamentais dos cinquenta anos é radicalizar ainda mais essa conexão. O mais espetacular dos 27 resorts na Disney World oferecerá, a partir de 2022, uma experiência imersiva dedicado à saga Star Wars *(veja o quadro na pág. ao lado).*

REMY'S RATATOUILLE ADVENTURE

PARQUE: **Epcot**

Lançado em 1º de outubro

Inspirada no filme de 2007 da Pixar, a atração promove um passeio em 4D pelo famoso restaurante parisiense Gusteau's. Assim como já ocorre na Euro Disney de Paris, os visitantes se sentem "encolhidos" no tamanho do adorável roedor cozinheiro

GERARDO MORA/GETTY IMAGES

A MAGIA EM CIFRAS

Em 2022, a Disney espera superar as estatísticas de 2019, o último ano sem reflexos da pandemia

55 milhões

de visitantes por ano recebeu o Disney World, na Flórida. Somando todos os parques da companhia no mundo, incluindo Paris e Xangai, o número passou de 155 milhões de turistas

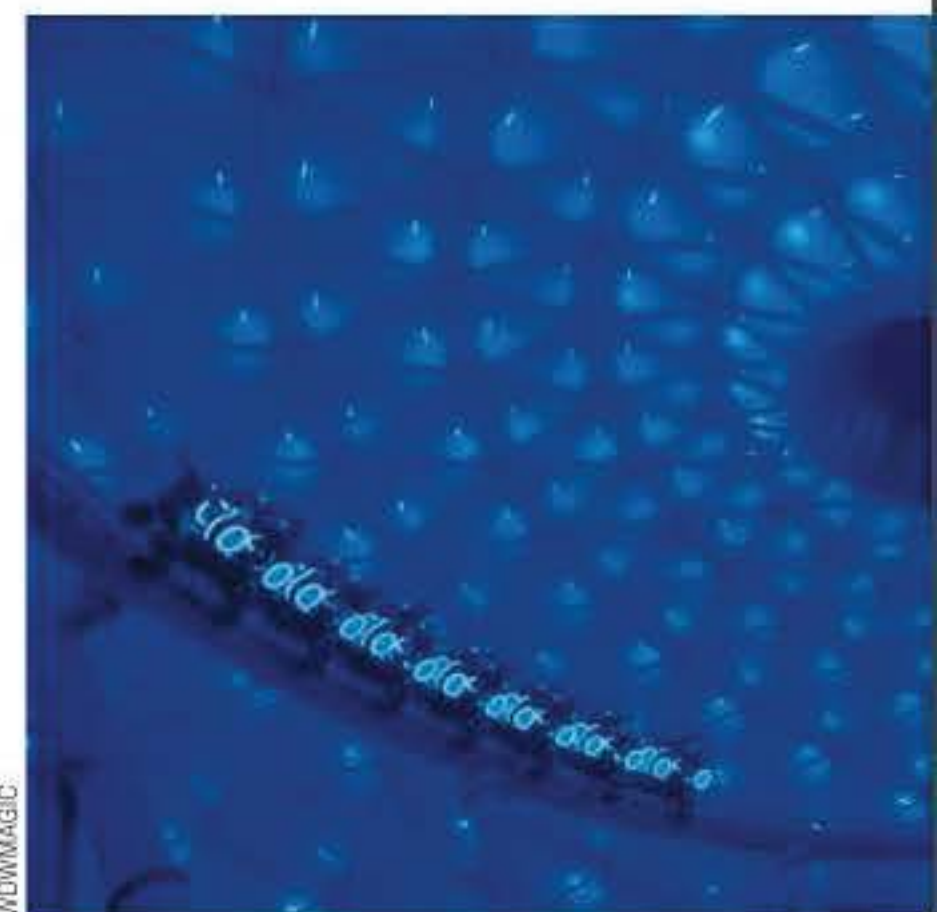
850 000

brasileiros vão anualmente para Orlando

26,2 bilhões

de dólares é a receita média anual dos parques, o equivalente a 37% do total da empresa

WDWMAGIC

Como nem tudo são flores, e há sempre um vilão a incomodar os heróis, os executivos dos parques trataram de se debruçar sobre um dos mais sérios problemas da brincadeira, um desmancha prazeres arrasa-quarteirão: a espera em filas que podem durar até duas horas nas altas temporadas. Acaba de ser lançado, como troféu de aniversário, o Disney Genie, um sistema no qual o Gênio da Lâmpada do filme *Aladdin* auxilia os visitantes a planejar seu dia, com um itinerário personalizado. O app gratuito informa o tempo de espera em cada brinquedo. A versão paga (15 dólares por dia) permite fazer reservas e passar à frente de outros visitantes em determinados brinquedos.

Fazer a fila andar, embora pareça banal, não é — trata-se de postura decisiva para quem lida com pessoas

WDWMAGIC

DISNEY KITE TAILS

PARQUE: **Animal Kingdom**

Lançado em 1º de outubro

É um show musical de dez minutos, realizado seis vezes por dia, no qual artistas empinam pipas dos mais variados tamanhos e formatos representando famosos bichanos da Disney, como os personagens de *Rei Leão*, *Timão & Pumba* e *Procurando Nemo*

TRON LIGHTCYCLE ROLLER COASTER

PARQUE: **Magic Kingdom**

LANÇAMENTO: **2022**

Montanha-russa com carros em forma de motocicletas, inspirada na franquia Tron, com filmes lançados em 1982 e 2010. Há uma versão da brincadeira na Disney Xangai desde 2016, com velocidade de até 95 quilômetros por hora

WDWMAGIC

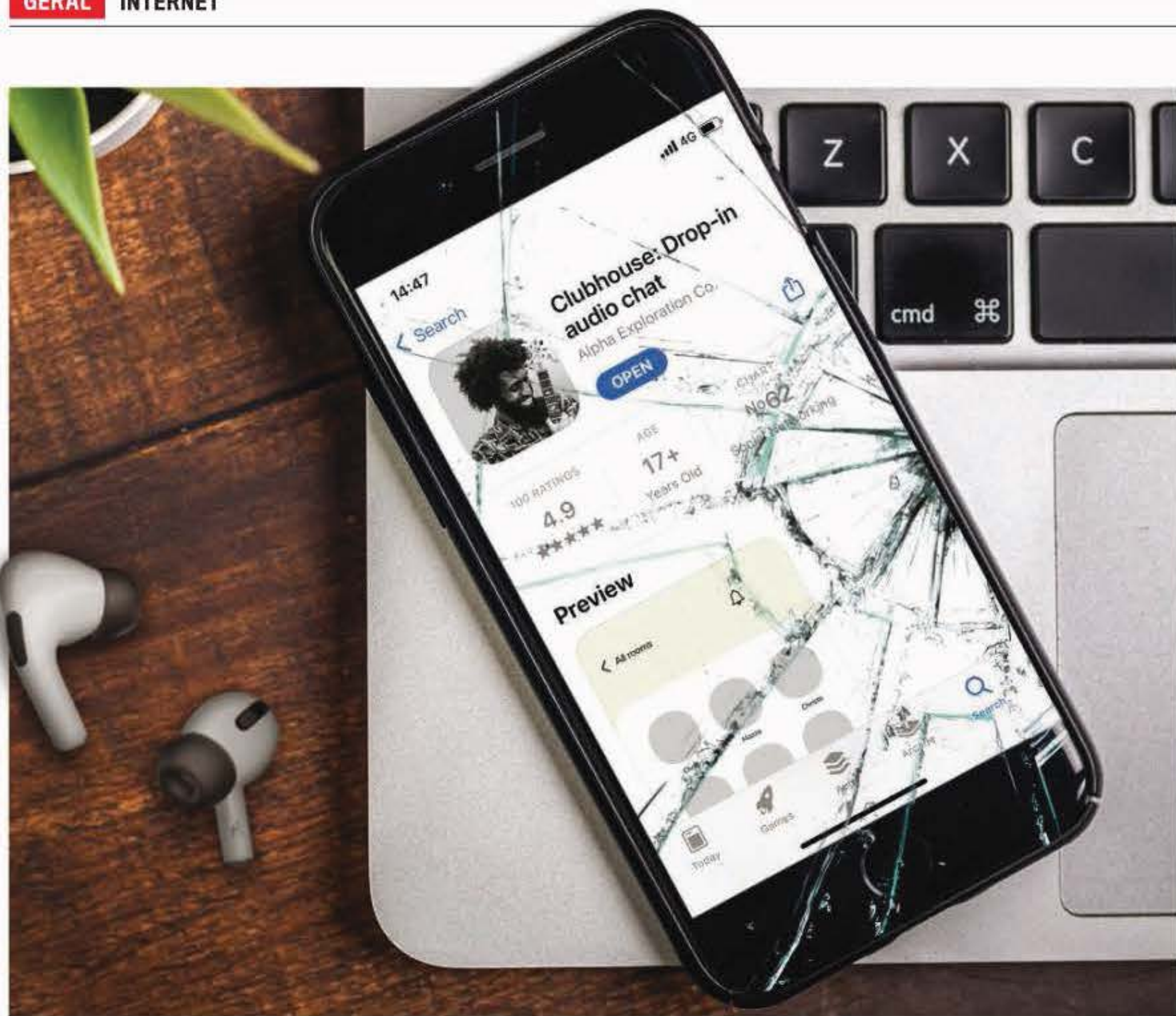
de carne e osso, ainda que envoltas em ambiente onírico. Em *Onde os Sonhos Acontecem — Meus 15 Anos como CEO da Walt Disney Company*, lançado em 2020, Bob Iger foi direto ao ponto, meses antes de deixar o cargo, em uma transição esperada: "A busca incansável pela perfeição não significa uma busca pela perfeição a todo custo, mas uma recusa em aceitar a mediocridade ou arranjar desculpas por algo ser 'bom o suficiente'. Se acreditar que algo pode ser melhorado, faça um esforço para isso. Se você trabalha criando coisas, torne suas criações as melhores possíveis". Como na Disney a fila anda, o raciocínio de Iger ecoa a sacada inaugural do pai de todos — enquanto houver imaginação, haverá espanto. Nunca é tarde para exibi-lo, mesmo aos cinquenta anos. ■

STARS WARS GALACTIC STARCRUISER

PARQUE: **Epcot**

LANÇAMENTO: **2022**

É um resort temático inspirado em *Guerra nas Estrelas*, no qual os hóspedes se sentem a bordo da nave intergaláctica Halcyon. Fantasias, atividades exclusivas e até mesmo o cardápio propiciam uma experiência "100% imersiva" durante duas noites

YALCIN SONAT/SHUTTERSTOCK

DESAFINADO O promissor aplicativo: chegou a quase 10 milhões de downloads por mês, que agora caíram a 900 000

MORTE ANUNCIADA

A regra no já hiperlotado campo das redes sociais é clara: ser úteis ou acabar, engolidas pelas grandes empresas e pelo cotidiano, como parece ser o destino do Clubhouse **ALESSANDRO GIANNINI**

O CLUBHOUSE, a rede social destinada a bate-papos em áudio, lançada com ruidoso estardalhaço há um ano e meio, é retrato de quão frágil pode ser a vida de projetos que estreiam de modo açodado em um mar de negócios com tubarões à espreita. Rápida como despontou, a partir da ideia do empresário Paul Davison e do engenheiro Rohan Seth, já dá sinais prematuros de fadiga. O ritmo de downloads vem caindo, e nada silenciosamente. O ápice de interesse ocorreu em fevereiro deste ano, com 9,6 milhões de downloads. No mês seguinte, foram 2,7 milhões e, em abril, 900 000. E o que no início despontou como uma novidade inescapável, um lugar obrigatório, onde todo mundo queria estar, caminha para fazer valer a máxima do humorista Groucho Marx: "Eu nunca faria parte de um clube que me aceitasse como sócio". Em entrevista para a Bloomberg Television, Davison, o criador e CEO da empresa, avaliou que a largada talvez tenha sido intensa demais para o tamanho da companhia e suas ambições. "Rapaz, acho que crescemos muito, muito rápido", disse, com falso espanto. "O que realmente queremos fazer é estar no caminho de um crescimento gradual e estável." Conseguirão?

ETERNAS ENQUANTO DURARAM

O apogeu e a decadência de três redes sociais que minguaram

NASCIMENTO >	2004	2005	2003
TEMPO DE VIDA	**10 anos**	**12 anos**	**Ainda existe, mas não é a sombra do que já foi**
SITUAÇÃO >	No Brasil, o Orkut chegou a ter 30 milhões de usuários ao redor de 2010, na liderança mundial. Depois seria fragorosamente engolido pelo Facebook	Foi a mais popular rede voltada a crianças e pré-adolescentes, que interagiam em um mundo virtual com avatares em forma de pinguins	Destinada a agregar amantes de música, foi imensamente influente. Em 2005, foi vendida por seus criadores para a Fox por 580 milhões de dólares. Em 2011, foi passada à frente por 35 milhões de dólares. E então emagreceu lentamente

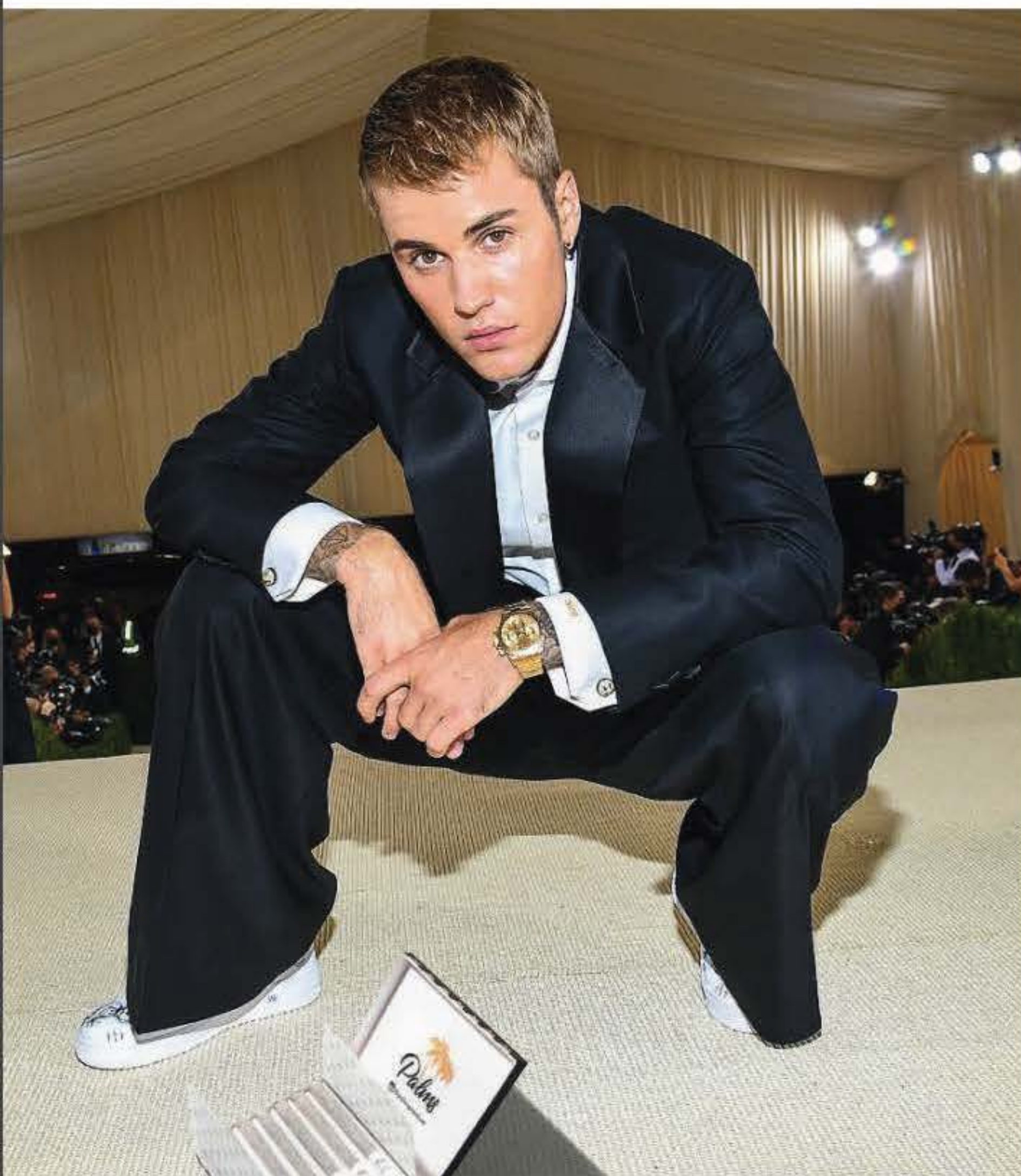
É estrada com pedras. Havia, logo nos primeiros momentos, indícios da morte anunciada. No princípio, o aplicativo só poderia ser baixado para iPhone. A brincadeira exigia convites, o único caminho para participar de salas e nelas ouvir perorações de personagens como o bilionário Elon Musk e o executivo e diretor da Globo Boninho. Sim, com calma e perseverança era possível até entrar em reuniões interessantes, de conteúdo decente. Mas proliferaram, e proliferam ainda, como sempre na internet, tolices discutíveis, bobagens vestidas de *fake news*. Prato cheio para não dar certo. Sem a possibilidade de publicar fotos, vídeos e textos, o Clubhouse se apoia exclusivamente em conteúdos sonoros. Versão mais moderna das salas de bate-papo dos primórdios da web, elas são divididas em cubículos virtuais de até 5 000 pessoas, mas nem todas podem falar — possibilidade que, de fato, acabaria em caos. Como resultado, poucos discursam e a esmagadora maioria escuta, quase como uma conferência, em que os moderadores escolhem quem faz pergunta depois das exposições. Parecia tudo muito bacana, mas hoje soa aborrecido — e nada muito diferente de um podcast.

Contudo, mesmo com essa leva de problemas originais, e como os modismos vicejam na velocidade da internet, menos de um mês depois da estreia a plataforma estava avaliada em 100 milhões de dólares. Em maio passado, o aplicativo passou a ser oferecido também para o sistema Android, o que explica um novo pico na procura em junho, com 8 milhões de downloads. O mercado piscou: o Twitter estaria negociando a compra do Clubhouse por 4 bilhões de dólares. É muito dinheiro, sem dúvida, mas não necessariamente sinônimo de sucesso. A estratégia é comum no terreno da tecnologia: os grandões compram os pequenos para tirá-los de cena, muitas vezes para matá-los. Não por acaso, o próprio Twitter, o Facebook, o Instagram e o Reddit já desenvolveram recursos semelhantes, mas com menos exigências e mais chances de participação ativa dos sócios.

O pecado original, ressalve-se, talvez não seja apenas o da largada que se queimou, como intui Davison. O Clubhouse pode ser o clássico caso de uma sacada inteligente, alimentada pelas circunstâncias, mas que o tempo fez encolher — comum a tantas grifes das redes sociais *(veja o quadro acima)*. Antes de tudo, cabe um pouco de contexto. O Clubhouse foi lançado no momento em que a pandemia de Covid-19 confinou a população mundial dentro de casa. Nessas condições, as redes sociais, que se reproduzem como coelhos, viraram porto seguro. Na quarentena rigorosa, fazia algum sentido passar quatro horas numa sala qualquer, ouvindo o que quer que fosse. "É improvável que esse hábito se mantenha", diz a britânica Dani Barker, especialista em mídias sociais.

A regra do jogo é cruel: só sobrevivem os recursos tecnológicos que de fato sejam úteis. Apesar de tudo, das mentiras e da desinformação que propagam, o Facebook, o Twitter e o Instagram são uma boa ferramenta de comunicação. Não é ruim que existam. O problema é o que se faz delas, com exagero. Some-se ainda um outro fator decisivo: a tendência à cartelização. Só os gigantes sobram para contar a história. Ficaram no meio do caminho, em passado recente, redes como o Orkut, o Club Penguin e o Myspace *(veja o quadro acima)*. Foram superadas ao perder a personalidade, engolidas pelos concorrentes e pelo cotidiano. "O Clubhouse parece mas não é", resume Adriano Sá, consultor de empresas e professor convidado da Fundação Dom Cabral, de Minas Gerais. "Parece podcast, mas não é. Parece reunião de Zoom sem vídeo, mas não é." De tanto querer se passar pelo que não consegue ser, vai ficar para trás — até que surjam outras redes. Poucas permanecerão — e, de muitas, nunca mais ouviremos falar delas. ■

MACONHA INC.

A *Cannabis* legalizada se transforma em investimento preferencial de famosos na linha da promoção de bem-estar **ERNESTO NEVES**

KEVIN MAZUR/MG21/GETTY IMAGES

VANTAGENS DO FUMACÊ
Bieber, patrocinador dos cigarros Peaches: notório consumidor desde muito antes da legalização, o cantor canadense alardeia haver aprendido, com o tempo, que a maconha contribui com benefícios "para a experiência humana"

ENCARADA de forma cada vez mais relaxada nos Estados Unidos, onde é permitido acender um cigarrinho em dezoito estados e na capital, Washington, assim como nos vizinhos México e Canadá, que descriminalizaram seu uso, a maconha está movimentando um vigoroso mercado no Hemisfério Norte. Atrai, portanto, startups e investidores de peso, dispostos a aplicar bilhões de dólares no novo negócio. Entre os emergentes da *Cannabis* destacam-se nomes famosíssimos — estrelas da música, do cinema e da TV interessadas em ganhar dinheiro e, ao mesmo tempo, associar sua imagem a um produto que, saído da ilegalidade, ganhou uma embalagem moderninha e *cool*. A mais recente adesão partiu de um apreciador de longa data, o cantor canadense Justin Bieber, que em outubro lançou uma edição limitada de cigarros prontos batizada com o nome de uma de suas músicas — Peaches (pêssegos). "As pessoas tentavam me fazer ter peso na consciência por gostar de maconha. Mas entendi que o consumo é benéfico para minha experiência humana", filosofou o astro no lançamento de seu baseado de luxo.

Antes de Bieber, vários famosos já haviam dado seu tapinha no ramo da *Cannabis*. Em abril, a atriz Whoopi Goldberg anunciou na edição de estreia da revista *Black Cannabis* o patrocínio de uma linha de produtos que, além de cigarros, inclui doces e acessórios para o consumo. Trata-se de sua segunda incursão na área — no ano passado, por rixas com a sócia, ela se afastou de sua marca de artigos medicinais. Antes de Beyoncé revelar que está investindo parte de seus milhões em fazendas de cultivo de maconha, Jay Z, a outra metade do casal vip da indústria da música, já lucrava com sua marca premium, a Monogram, que oferece uma elegante embalagem negra contendo quatro cigarros ao preço de 50 dólares (270 reais), mesmo valor de um único e exclusivo

INSTAGRAM @FORBIDDENXFLOWERS

AS FLORES PROIBIDAS
Bella Thorne, dona e garota-propaganda dos baseados Forbidden Flowers: a atriz divulga o cigarro pronto em vídeos e fotos postados no Instagram para seus 25 milhões de seguidores

charuto de maconha enrolado a mão. "Quero dar à *Cannabis* o respeito que ela merece", proclama Jay Z. A atriz Bella Thorne, ex-estrela da Disney, é garota-propaganda e proprietária da Forbidden Flowers (Flores Proibidas), marca de baseado que desfruta em frequentes postagens para seus 25 milhões de seguidores no Instagram. Até Mike Tyson, o lendário boxeador aposentado, está construindo no sul da Califórnia um resort para apreciadores da erva — "um centro holístico destinado à saúde e ao bem-estar". Tyson, que investe pesado em maconha há vários anos, planeja futuramente inaugurar na mesma região uma universidade de ensino do cultivo e usos de *Cannabis*. "Trata-se de uma das indústrias mais atraentes da atualidade. E ela está apenas no início de um grande ciclo de crescimento", diz Michael Berger, sócio do fundo de investimentos Stonebridge Partners, voltado para o mesmo mercado.

Um dos nichos mais explorados no negócio da maconha são os produtos à base de canabidiol, substância retirada da *Cannabis* que não tem efeito entorpecente. A influenciadora Kourtney Kardashian usa o sobrenome graúdo para vender um creme antienvelhecimento confeccionado com "98% de ingredientes naturais", sendo o CBD o principal deles — mesmo atrativo alardeando por Nicole Kidman e Gwyneth Paltrow para as linhas de cosméticos que levam seus nomes. A megaempresária Martha Stewart, reabilitada depois de uma temporada na cadeia, promete aliviar o stress dos cães com petiscos à base de canabidiol.

No caso dos artistas, o investimento em maconha costuma ser acompanhado de alguma ação em prol dos menos favorecidos. Bieber doará parte da receita da venda dos cigarros Peaches a instituições que utilizam *Cannabis* para tratar traumas de veteranos de guerra. Jay Z, por sua vez, injeta uma parcela dos lucros em empresas chefiadas por negros. "Há uma evolução na forma como a maconha é vista", diz Linda Gilbert, da consultoria de marketing BDS. "Ela deixou de ser um produto para obter prazer imediato e se transformou em ferramenta da indústria do bem-estar." De acordo com a consultoria internacional BDSA, só em 2020 as vendas globais de maconha legalizada alcançaram 21,3 bilhões de dólares, um salto de 50% na comparação com o ano anterior, e prevê-se que elas tripliquem até 2026, superando os 60 bilhões de dólares. Não espanta que famosos façam fila para entrar nessa nova roda de investimentos. ■

POOSH.COM

POSTURA SAUDÁVEL
Kourtney Kardashian: o sobrenome poderoso ajuda a promover um creme antienvelhecimento "98% natural" à base de canabidiol, a substância não entorpecente retirada da *Cannabis* usada inicialmente em produtos medicinais

POTÊNCIAS VERDES

A indústria automotiva aposta em itens feitos com materiais sustentáveis para agradar a consumidores e apagar a fama de ser uma das mais poluentes do planeta **SABRINA BRITO**

ASSIM como conforto e beleza, luxo é um conceito que muda com a passagem dos anos. Casacos de pele já foram considerados símbolos de requinte. Hoje, nenhuma mulher se atreve a desfilar com a peça sob pena de ser criticada por ostentar uma vestimenta criada à custa da morte de um animal. Em certa medida, a mesma. lógica vem se aplicando aos carros produzidos por marcas que há décadas fazem parte de um pedaço do mercado aberto a poucos, mas venerado por muitos. Nomes como a inglesa Bentley, a sueca Volvo e a alemã BMW perceberam que, agora, luxo mesmo, indispensável, é fabricar modelos com materiais sustentáveis, no espírito de nosso tempo.

O setor tem se mostrado bastante criativo na incorporação de compostos verdes aos novos veículos. O Volvo XC60 T8 Inscription, por exemplo, tem acabamento feito a partir de garrafas PET recicladas. Até 2025, a marca espera que 25% dos materiais utilizados sejam recuperados e, portanto, pouco agressivos ao meio ambiente. Para 2030, a meta é não usar mais nada de couro. No BMW i3, o plástico derivado de petróleo presente no interior do carro (mais especificamente nos elegantes painéis laterais e nos bancos) deu lugar a fibras de kenaf, vegetal usado como matéria-prima na indústria de papel e que ajuda a capturar gás carbônico da atmosfera.

CONFORTO
O EXP 100 GT, da Bentley, tem forração interna com produto à base de cascas de uva

VEGETAL
O plástico do interior do BMW i3 foi trocado por material produzido a partir da planta kenaf

FOTOS DIVULGAÇÃO

A Bentley foi mais longe: o EXP 100 GT tem seu interior montado com material composto de cascas de uva. Além disso, a nova versão usará uma forração parecida com couro, mas constituída a partir da raiz de cogumelos. Utilizado também na moda, o tecido é incrivelmente resistente. Os elegantes modelos da inglesa Jaguar serão lançados com tapetes e detalhes produzidos a partir de lixo encontrado nos oceanos e em aterros sanitários, de forma que não será preciso produzir ainda mais plástico.

A virada verde das grifes de luxo da indústria automotiva é uma entre várias tentativas recentes do setor de mudar sua imagem. Há muito tempo ele é considerado uma das maiores fontes de poluição do mundo. Estima-se, por exemplo, que um carro médio emita cerca de 4,6 toneladas de dióxido de carbono todos os anos. Atualmente, o transporte rodoviário

é responsável por aproximadamente um quinto dos gases de efeito estufa que são lançados na atmosfera por todo o planeta.

A primeira grande mudança de direção dos fabricantes foi o investimento em carros elétricos, que prescindem de combustíveis fósseis. A receptividade foi ótima. De acordo com a Agência Internacional de Energia, mais de 10 milhões de veículos elétricos transitaram pelas ruas e estradas do mundo em 2020 e a procura por esse tipo de carro tem crescido a cada ano que passa, inclusive no Brasil. Uma pesquisa realizada pela consultoria HSR-Route Automotive em nove regiões metropolitanas do país revelou que 53,5% dos brasileiros consideram mudar para um veículo elétrico ou híbrido dentro dos próximos cinco anos. Por trás das transformações, há dois movimentos. O primeiro, sem dúvida, é o desejo do consumidor, hoje muito mais comprometido com a questão ambiental, como atesta o levantamento da HSR-Route Automotive. O segundo é a pressão dos órgãos regulatórios da maioria dos países. “Cada vez mais são estabelecidos prazos para que veículos com motores a combustão interna deixem de ser produzidos”, explica Marcelo Alves, professor de engenharia mecânica e membro do Centro de Engenharia Automotiva da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. Por enquanto, as respostas das empresas têm mostrado potencial para reduzir o despejo de poluentes no planeta e o uso de recursos naturais. “O emprego de materiais reciclados pode diminuir a necessidade da mineração, muitas vezes prejudicial à natureza”, diz Clayton Barcelos Zabeu, professor de engenharia mecânica do Instituto Mauá de Tecnologia, de São Paulo. É isso. Carro de luxo agora tem de ser verde. É a civilização acelerando. ■

RECICLAGEM

O Volvo XC60 T8 Inscription conta com acabamento feito de garrafas PET recicladas

ARQUIVO PESSOAL

MINHA MENTE É PURA MÚSICA

Com paralisia cerebral, Renan Veit se expressa piscando os olhos e agora é compositor de rap

ADOTEI O NOME artístico de Morcego Branco Eficiente porque tenho a pele clara e passo noites sem dormir, mas também porque acho que ele resume a história da minha vida. Quando nasci, no Rio de Janeiro, minha mãe teve complicações no parto que me deixaram sem oxigenação por quarenta minutos. Os médicos acharam que eu ia virar um vegetal, mas estou aqui, resistindo, há trinta anos. Sofri uma paralisia cerebral que me impede de falar e de ter controle dos movimentos dos braços, pernas e tronco. Eles se mexem involuntariamente. Uso cadeira de rodas para me deslocar e até peço que me prendam com firmeza, para evitar que eu acabe ferindo as pessoas em volta sem querer. Preciso de ajuda para comer, tomar banho, me locomover e fazer as necessidades fisiológicas. Minha mente, porém, está totalmente preservada. E ela é pura música.

Crescer assim não foi nada fácil, mas consegui me desenvolver graças ao esforço de minha mãe, uma mulher que deixou uma família tradicional no Paraná para viver um grande amor no Rio. O desafio maior foi me fazer entender. Primeiro aprendi a responder sim e não com a cabeça e com o olhar. Mas só conseguia me expressar sobre o que me perguntavam. Tudo começou a mudar quando entrei em uma escola especial, onde fui apresentado a um método de comunicação alternativa. Com a ajuda da professora, selecionava letras e números escritos em uma tábua para formar frases. Era um processo lento e demorava horas para juntar palavras simples. Com o tempo, aprendi a piscar para designar letras do alfabeto: uma piscada, letra A; duas piscadas, letra B; e assim por diante. Aos poucos, esse método foi ficando mais apurado e hoje consigo passar rapidamente tudo o que penso e sinto. Foi desse jeito, inclusive, que respondi à entrevista que serve de base para este texto.

Depois de alfabetizado, comecei a frequentar uma escola regular. Minha mãe me acompanhava nas aulas e me ajudava a participar. Ela fazia de tudo para que eu levasse uma vida o mais próximo do normal possível. Quando ainda era criança, inventou uma adaptação para eu soltar pipa com os pés. Na adolescência, emprestava o carro para eu sair com meus amigos. Não poupava esforços por mim, era a minha rainha. Há oito anos veio a notícia mais triste que já recebi: minha mãe havia desenvolvido um câncer no pâncreas. A doença foi fulminante e ela morreu. Não consegui nem me despedir direito. Senti um baque enorme. Entrei em depressão e cheguei a tentar me matar, fazendo movimentos com a glote que pudessem me afogar. Felizmente, minha irmã me acolheu e passamos a morar juntos.

O apoio da família é fundamental, mas o que me salvou mesmo foi a música. Havia conhecido o rap alguns anos antes e sempre gostei dos Racionais. Quando a morte da minha mãe completou um ano, fiz uma música em homenagem a ela e a partir daí comecei a compor como forma de me expressar sobre as coisas que sinto. Eu dito as palavras com os olhos e minha irmã anota. Também consigo agora escrever no computador com o uso de mouses adaptados que comando com os olhos e com o queixo. Mesmo assim, a tristeza ainda continuou sendo grande. A redenção veio quando um primo sugeriu que eu fizesse um rap para o Natal Azul, um projeto social mantido por ele. Produzimos a música com a ajuda de amigos e gravamos um clipe. Nele, um cantor interpreta minha composição usando uma máscara, como se eu estivesse cantando. Percebi que aí está meu futuro. Tenho mais de trinta raps prontos e espero que consiga lançá-los. Quero que todos saibam que as pessoas com necessidades especiais podem ser úteis à sociedade. Quem garante é o Morcego Branco Eficiente. ■

Depoimento dado a Ricardo Ferraz

THARAKA BASNAYAKA/NURPHOTO/GETTY IMAGES

O GIGANTE VOLTA AO MAR

Desaparecidas da costa noroeste da Espanha há quarenta anos e ameaçadas de extinção, as baleias-azuis recomeçaram a incluir a região em sua rota migratória **ALESSANDRO GIANNINI**

CONSIDERADO o maior animal que já habitou o planeta, a baleia-azul pode atingir até 30 metros de comprimento e pesar cerca de 200 toneladas. Só o coração desse mamífero fascinante alcança 700 quilos, um pouco menos do que o antigo carro Fusca. Espécie listada como ameaçada de extinção pela União Internacional para a Conservação da Natureza, sua população foi reduzida em 97% na virada do século XIX para o século XX, devido em grande parte a anos de impiedosa e descontrolada caça comercial. Embora fossem encontradas em todos os oceanos, exceto no Ártico, elas sumiram de circulação, por mais de quatro décadas, de um de seus hábitats mais celebrados: a costa atlântica espanhola da Galiza, no noroeste da Espanha. Recentemente, contudo, voltaram a ser avistadas na região. O reaparecimento foi festejado com euforia, embora há quem veja no comportamento migratório um sinal de preocupação.

O primeiro avistamento recente aconteceu em setembro de 2017, quando a tripulação do Paio Gómez Chariño, barco da guarda-costeira galega, encontrou uma baleia no estuário Muros y Noia. Na época, houve uma hesitação sobre se era uma puro-sangue. Quando o instituto Pesquisa e Conservação de Mamíferos Marinhos na Galiza (Cemma, na sigla em galego) confirmou que se tratava de uma autêntica azul, a descoberta foi encarada como um "feito histórico". Nos anos seguintes, houve novas ocorrências. Até que, no dia 10 de agosto, outra organização, o Instituto de Pesquisa Golfinho Nariz-de-Garrafa (BDRI, na sigla em inglês), comemorou em suas redes sociais a volta dos gigantes ameaçados à região: "Sem dúvida, é um sinal da relevância da conservação da enorme biodiversidade marinha presente nestas águas".

É uma vitória que levou muitos anos para acontecer. De janeiro a ou-

CORAÇÃO ENORME
Avistamentos das azuis: a população aumentou

tubro de 2020, o BDRI fez um levantamento nas águas do noroeste espanhol, do Cabo Finisterra até as Ilhas Cíes. No período, foram registrados quase 500 avistamentos de oito espécies de cetáceos, entre as quais estavam as baleias-azuis. No total, os pesquisadores avistaram trinta espécimes, um indício de que elas voltaram a incluir a costa galega em suas migrações. "Acredito que a moratória da caça às baleias foi um fator-chave", declarou Bruno Díaz, biólogo marinho do instituto de pesquisa ao jornal britânico *The Guardian*. "Na década de 70, pouco antes de a proibição ser introduzida, uma geração inteira de baleias-azuis desapareceu. Agora, mais de quarenta anos depois, estamos vendo o retorno dos descendentes das poucas que sobreviveram."

O otimismo, no entanto, não é compartilhado por todos os especialistas. Alfredo López, biólogo marinho do Cemma, vê esse movimento com ceticismo. Para ele, a presença das baleias na costa galega pode ser um sinal de que o aquecimento global está reduzindo o hábitat das azuis e empurrando-as cada vez mais para o norte. "Os avistamentos significam que o alimento delas, uma dieta formada em grande parte por krill, está desaparecendo. Então, o que estamos vendo é dramático, e não algo para comemorar", declarou ele, em entrevista a um jornal local.

JUBARTE
Águas nacionais: mais comum no litoral brasileiro

SÉRGIO CIPOLOTTI/PROJETO BALEIA JUBARTE

A história da pesca à baleia remonta a pelo menos quatro milênios. Entre os primeiros caçadores estão os noruegueses e os japoneses, que manejavam arpões e aproveitavam tudo dos animais, desde a carne até os órgãos internos, passando pelas barbatanas. No início do século XX, a indústria baleeira se sofisticou, movida principalmente pela busca do óleo extraído da gordura. Entre 1904 e meados da década de 60, estima-se que cerca de 360 000 baleias-azuis foram abatidas. Em 1966, com uma população reduzida a cerca de 1 000 indivíduos, a Comissão Baleeira Internacional proibiu a caça à espécie — vinte anos depois, a proibição seria ampliada. Desde então, a comunidade de azuis vem aumentando e, hoje, entidades de proteção ambiental como a World Wild Fund avaliam que há entre 10 000 e 25 000 espécimes em circulação.

As baleias-azuis não são vistas com muita frequência na costa brasileira. Por aqui, são mais comuns as jubartes, que podem ser observadas sobretudo nas águas da Bahia e do Espírito Santo, e as ameaçadas francas, avistadas na costa de Santa Catarina. Em 2018, o Brasil sediou o encontro da Comissão Baleeira Internacional e foi autor da proposta que reafirmou o banimento da caça às baleias. Um passo relevante para a manutenção da fauna e o equilíbrio de que o planeta tanto precisa. ■

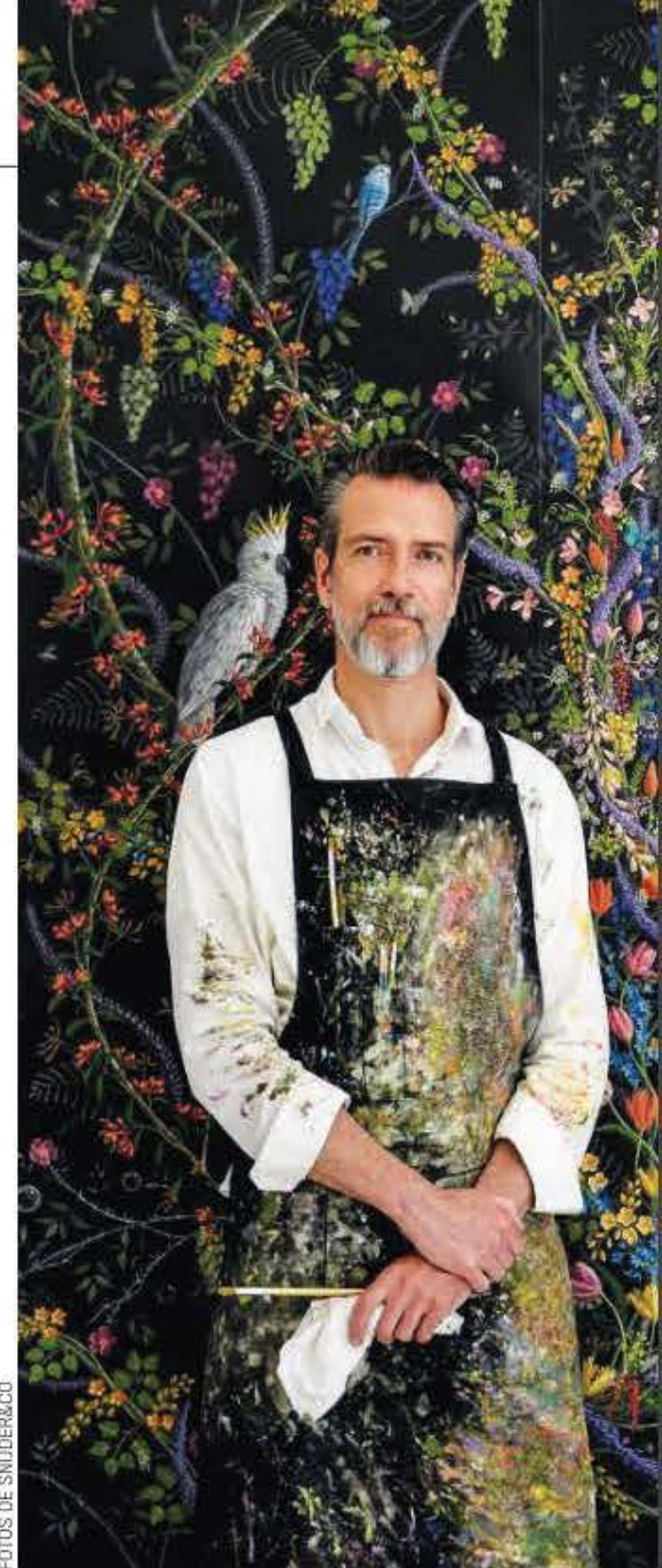
MESTRES DA BELEZA INTERIOR

Como o brasileiro Marcelo Gimenes se tornou, ao lado de seu marido holandês, artífice de um movimento peculiar: o renascimento dos papéis de parede de luxo **MALU NEVES,** de Amsterdã

FOTOS DE SNIJDER&CO

EMBORA O TÍTULO não seja unânime entre os historiadores, a Holanda se orgulha de uma contribuição peculiar para a humanidade: a invenção do papel de parede. Para entender a origem do fascinante item de decoração é necessário voltar à Idade Média, quando artistas e artesãos holandeses ampliaram as possibilidades do velho hábito herdado dos árabes de forrar cômodos com tapeçaria. O costume de pendurar — do holandês *hangen*, do qual derivou o termo *behang*, isto é, papel de parede — se tornaria oportuno não só para isolar os interiores do frio. Passou a refletir um código social: tanto quanto retratar a moda da época, o grau de elaboração dos desenhos espelhava o poder aquisitivo dos moradores. Com o passar dos séculos, o adorno caiu na vala comum dos produtos feitos em escala industrial. Depois do apogeu, esse ofício foi substituído pelos papéis em rolo, que hoje movimentam uma indústria enorme: avaliado em 2,9 bilhões de dólares (15,8 bilhões de reais), o mercado global de papel de parede impresso tem crescimento anual previsto de 21% até 2025.

Agora, eis que a mesma Holanda que foi seu berço lidera uma onda de revalorização do produto. Detalhe inesperado: coube a um brasileiro devolver ao frugal elemento decorativo seu status perdido de obra de arte. Foi à custa de um infarto que Marcelo Gimenes, paulista de Piracicaba que vive há mais de trinta anos na Europa, se tornou protagonista do renascimento da tradição decorativa. Em 2003, aos 35 anos (hoje tem 54), ele se viu entre a vida e a morte. Formado em arte, mas espremido no estressante cargo de executivo de multinacional, ele então voltou a desenhar e, instigado pela união entre arquitetura e decoração, começou a produzir papéis de parede artesanais como alternativa aos itens comuns do mercado. Atuando em dupla com seu companheiro, o holandês e designer gráfico Jaap Snijder, Gimenes imbuiu-se da missão de resgatar a excelência desse ofício. Seu ímpeto o levou até arquivos históricos que lhe revelaram um costume da segunda metade do século XVII: a arte de pintar paisagens, bichos, plantas e cenas cotidianas em desenhos contínuos que cobrem toda a parede, alterando a perspectiva e a relação do espaço.

Os dois se orgulham de ter o único ateliê do mundo que resgata esse legado holandês de valor inestimável, apresentado por eles até no Salon du Louvre, em Paris. Assim como na alta-costura, esse é também um trabalho meticuloso — por isso mesmo, mais caro. São 1 200 euros por metro quadrado (sim, 7 800 reais), em criações que levam cinco meses para ser finalizadas *in loco*. "Nosso design é criado do zero, dentro de um contexto histórico que manipula arquitetura e movimento do cômodo", teoriza Gimenes. É justamente esse preciosismo que distingue a motivação de quem procura artesãos como eles. "Todo mundo pode ter um carro ou uma bolsa extravagante, mas eles serão iguais. A quintessência do luxo é alguém manufaturar algo somente para você", completa. Para criar seus truques estupefacientes de perspectiva e ilusão de óptica, a dupla segue as técnicas descritas no *Het Groot Schilderboek* (O Grande Livro de Pintura), a "bíblia de regras" dos artistas dos Países Baixos, escrita em 1700 pelo pintor Gerard de Lairesse.

O toque brasileiro não se resume ao fato de um piracicabano estar à frente da guinada monumental dos papéis de parede: a dupla preenche suntuosos quartos, salas de estar e afins com cenas da natureza emprestadas diretamente da nossa legítima

NATUREZA Snijder e Gimenes diante de uma obra e, acima, seu detalhismo: ecos da Mata Atlântica

Mata Atlântica. São flores exóticas e pássaros exuberantes que provocam uma explosão tropicaliente de cores e formas. De olho no valor estético desse patrimônio, o museu holandês Westfries, da cidade de Hoorn, comissionou o trabalho da dupla para uma exposição em cartaz até 23 de janeiro. E mais: dias atrás os dois foram atração de um concorrido workshop no Rijksmuseum, o mais célebre de Amsterdã. “Esperamos que o valor cultural desse trabalho seja preservado para as gerações futuras”, afirma Snijder. Aos interessados que topam gastar os tubos com essas maravilhas: a espera para forrar aquela parede meio sem graça da sala é de um ano.

Por causa do confinamento, com as pessoas trancadas em casa (inclusive os ricaços), a procura por inspirações diferenciadas registrou recorde nas pesquisas do Google e do Pinterest em 2020. Não à toa, grifes lançaram coleções que não são uma pechincha — dois painéis da Gucci medindo 3,5 metros de comprimento cada um custam 410 euros (2 600 reais). A Hermès também criou sua linha do produto. Mas nada se compara — em beleza, exclusividade e preço — aos feitos sob medida pela Snijder&Co, fundada em 2010 pelo casal Gimenes e Snijder. ■

VAI ENCARAR? Cores no quarto: 7800 reais por metro quadrado e espera de um ano

GUINADA RADICAL
Lázaro Ramos: unir entretenimento e afirmação negra é o mantra do artista

PEDRO NAPOLINARIO

SOB NOVA DIREÇÃO

Em tempo de mudança, Lázaro Ramos conta a VEJA as razões de trocar a Globo pelo streaming da Amazon e fala da explosiva distopia racial que marca sua estreia como cineasta

MARCELO MARTHE

Entre os funcionários da Amazon circula um código divertido para falar das estrelas da TV nacional na mira do gigante do streaming. Para não dar bandeira em meio a contratações tocadas em sigilo, o falecido ator Paulo Gustavo era chamado de "Miami", e a recém-chegada Ingrid Guimarães virou "Nova York". De uns tempos para cá, no entanto, só se falava em "Atlanta" nas conversas entre executivos da empresa. O codinome, de fato, equivale a um troféu: semanas atrás, após doze meses de negociações, Lázaro Ramos encerrou sua relação de dezoito anos com a Globo para assumir o posto de artista da Amazon. A mudança assinala uma fase de transformação na vida de Lázaro. A troca de empregador dá uma pausa a sua associação inevitável na tela da TV com a esposa, Taís Araujo — ao lado de quem protagonizou o sucesso *Mister Brau*. Mas há mais no pacote: o ator acaba de se converter em diretor. Nessa função, tem um longa programado para estrear nos cinemas, o contundente *Medida Provisória*, visão distópica dos problemas raciais no país. A primeira missão na Amazon, já em filmagem, é também atrás das câmeras: a comédia romântica musical *Um Ano Inesquecível — Outono*. "Comecei a dirigir sem querer, mas logo senti prazer e confiança nisso", disse o ator a VEJA *(leia o quadro abaixo)*.

A guinada de Lázaro Ramos ilustra as tentações com que o streaming vem seduzindo rostos conhecidos da TV. Num momento em que a regra na Globo é não renovar contratos de longo prazo e reduzir gastos, a emissora

"EU VIREI ESSA PESSOA HÍBRIDA"

Lázaro Ramos falou a VEJA sobre a nova fase profissional e a presença de atores negros nas telas.

O que o levou a trocar a Globo pela Amazon? Na Globo, eu estava saciado com o que tinha, que era esse papel mais de ator. Mas aí o mundo do streaming apareceu e o convite da Amazon me seduziu. Demorei para tomar a decisão. Eu estava virando essa pessoa híbrida, e queria entender o que faria com meu desejo de ser não só ator, mas diretor, escritor. Minhas conversas com a Globo sempre foram transparentes e afetuosas, como tudo o que eu faço. Parte importante da minha vida foi construída lá.

Por que foi o convite tão atraente? É um contrato muito abrangente, que poucas pessoas no mundo têm, só gente como a Viola Davis, Jordan Peele, Phoebe Waller-Bridge. Significa que também posso ser conselheiro ou supervisionar novas produções. É um projeto de vida, que dá vazão à minha inquietude.

Até que ponto a distopia racial de *Medida Provisória*, sua estreia na direção de um longa, espelha o Brasil de Bolsonaro? Eu queria dizer que foi algo planejado, mas estaria mentindo. O roteiro começou a ser feito em 2013, e mudamos muito pouco. Tem o talento dos roteiristas de farejar o que poderia acontecer no futuro caso continuássemos com determinados comportamen-

se empenhou em segurar o ator (Taís, aliás, ficou lá: acaba de renovar com a casa por três anos). Mas falou mais alto um certo encanto do streaming: a possibilidade de ampliar seu horizonte criativo. O contrato de três anos com a Amazon lhe permitirá não só atuar, mas dirigir produções para o Prime Video, fazer projetos para a plataforma de música da empresa e até criar programas para a Alexa. "Agora, posso brincar com tudo isso", resume. O streaming acena, ainda, com a exposição global: já está programada sua participação em uma série com um astro de Hollywood.

LIBELO Taís e Enoch em *Medida Provisória:* visão contundente do racismo

A primeira empreitada do ator no novo emprego é uma comédia amena, mas o elenco de jovens talentos negros de *Outono* deixa entrever outro fator de atração: a aposta da Amazon em programas que espelhem a diversidade. Para Lázaro, é uma oportunidade de avançar algumas casas na qualidade da inserção do negro no cinema e na TV. Ele defende que a inclusão racial no entretenimento deve superar a fase do "mi-mi-mi" e tornar-se mais efetiva — para além da luta política, afinal, está-se diante de um mercado promissor a explorar. Em 2017, o ator convenceu a Globo a enviá-lo a Los Angeles para ver de perto como funciona a indústria das produções sobre o tema. "Lá, visitei o set de *This Is Us* e passei um dia na Black Entertainment Television. Fui ao canal da Oprah Winfrey e falei com a chefe de criação dela", diz. Unir entretenimento e afirmação virou seu mantra.

Prestes a completar 43 anos, Lázaro está mesmo na direção certa. Um exemplo disso é o seu primeiro longa como diretor. Lançado no Festival South by Southwest, nos Estados Unidos, e ainda sem data para estrear por aqui, *Medida Provisória* é uma explosiva distopia racial à brasileira. Baseado em uma peça teatral do começo dos anos 2010, o filme fala de um futuro muito parecido com o presente, no qual uma decisão do governo com o suposto intuito de "reparar" as injustiças da escravidão determina que todos os negros sejam despachados para a África de seus antepassados. Trata-se de um libelo explícito, com visão ácida da política e da polarização nas redes, mas que ganha nuances de sutileza e humor graças à direção arejada e às atuações marcantes. Nome quente do showbiz atual, o anglo-brasileiro Alfred Enoch é o advogado que encarna a resistência e sua paixão na trama é, bem, Taís Araujo. Mister Brau se separou dela na Globo, mas ninguém é de ferro. ■

tos. A fala de que mais gosto está no roteiro desde 2015. O personagem do Seu Jorge diz: "Como é que a gente não percebeu que isso ia acontecer?". Quando eu filmei, nem dei atenção a esse comentário.

Você sempre quis distância do papel com rubrica "para ator negro" na TV. Isso melhorou hoje? Há exemplos positivos, mas um salto ainda não aconteceu: o de perceber essa questão não como problema, mas potencial criativo. É isso que me mobiliza nos meus projetos da Amazon. Quero tratar de diversidade para personagens negros. Estou cansado do debate raso de só inserir negros na TV. Será um salto perceber essa questão não como limitação política, um "mi-mi-mi" de artistas negros. É um potencial gigantesco de mercado.

O presidente da Fundação Palmares, Sérgio Camargo, renega personalidades negras. Como vê a gestão dele? Ele tenta ganhar relevância em cima dos outros. Até propôs boicote a *Medida Provisória*. Mas é expediente deste governo flertar com as *fake news* e atacar pessoas por não ter projeto. Continuo meu trabalho, fazendo o que tenho de fazer.

Você foi para a Amazon, Taís Araujo ficou na Globo. Como encara a separação profissional? A gente não conversou muito. Mas para mim foi uma questão, sim. Gosto de trabalhar com Taís, temos sintonia. Nos últimos anos, muito da nossa felicidade veio junto do trabalho. Mas ela será minha parceira de qualquer modo porque, fora da TV, temos projetos no teatro e na publicidade.

O INFERNO SÃO OS OUTROS

Invasion, da Apple TV+, é uma versão intrigante de *A Guerra dos Mundos:* em vez de se apoiar em efeitos, joga com a insegurança de uma humanidade que só aos poucos percebe a destruição

APPLE TV

SINAIS Golshifteh Farahani como a mãe de origem iraniana hostilizada pelos vizinhos: o perigo nem sempre mora ao lado

PUBLICADA em 1897, a novela *A Guerra dos Mundos*, do inglês H.G. Wells, é uma espécie de planta baixa a partir da qual se têm construído variações sobre uma hipótese tão fascinante (e possivelmente longínqua) quanto aterradora: a de que a Terra se veja um dia sob ocupação de uma inteligência alienígena hostil. Popularíssimo nas décadas seguintes ao seu lançamento e motivo de histeria quando da dramatização radiofônica de Orson Welles, em 1938 (muitos americanos acharam se tratar de uma transmissão ao vivo de um evento real), o livro de Wells — ainda hoje excelente leitura — sobrevive também em um sem-número de filmes e séries, do longa clássico B de 1953 à versão de belíssimos efeitos e drama batido de Steven Spielberg, de 2005, ou ainda o *Marte Ataca!*, de Tim Burton, e uma minissérie franco-inglesa de potencial um tanto desperdiçado de 2019. A versão mais recente, e uma das mais intrigantes e bem produzidas, é a série ***Invasion*** (Estados Unidos, 2021), cujos três primeiros episódios já estão disponíveis na Apple TV+ (os seguintes entram semanalmente, até 10 de dezembro).

Invasion corre em fervura baixa, mas o clima de apreensão e a construção do inevitável são compensadores, assim como algumas atuações excelentes. Como no original de Wells, os sinais a princípio não são claros: um xerife do Oklahoma se intriga com uma cratera aberta em um campo de milho; algo atinge a estrada em que um ônibus escolar viaja, perto de Londres, provocando um acidente e deixando as crianças sós; num subúrbio americano, uma mãe de origem iraniana se obriga a fugir com o marido que a trai e as duas crianças quando sua casa é a única da rua que não sofre um atentado; a energia vai e volta em diversas partes do mundo; uma nave japonesa é atingida perto da Terra; e, no Afeganistão, soldados americanos tentam entender o que os atacou.

A série adota uma tática oposta ao habitual no gênero. Pouco mostra dos invasores ou dos célebres trípodes e naves, para sublinhar a insegurança dos personagens, que não sabem bem o que é o perigo e de onde vem, e jogar com a sensação de que estão a salvo (há margem, aliás, para uma nova temporada). Nesse sentido, é fiel à inspiração do livro, que Wells escreveu ao pensar como teria sido o extermínio dos aborígines da Tasmânia pelos colonizadores ingleses e a incredulidade com que teriam assistido à própria destruição. O inferno são sempre os outros — venham de onde vierem. ■

Isabela Boscov

FOTOS NOH JUHAN/NETFLIX

TRINCHEIRAS O financista fraudador, o inútil e a refugiada: país dividido

NÃO É BRINCADEIRA Comandos armados organizam a gincana: quem perde morre

O *SOFT POWER* QUE VEM DA ÁSIA

Round 6 já é a série mais vista da história da Netflix — e tem a cara e a garra da Coreia do Sul, a nação que disparou na bolsa da influência cultural **ISABELA BOSCOV**

"FALE DE SUA ALDEIA", disse o russo Lev Tolstói, "e estará falando do mundo." Se a "aldeia" em questão for a Coreia do Sul, são grandes as chances de que se falará também *ao* mundo. Desde o ano passado, com o Oscar ao *Parasita* de Bong Joon-ho, e agora com o fenômeno ***Round 6,*** sobre uma gincana de jogos infantis em que 456 pessoas competem até a morte por um prêmio de 40 milhões de dólares, o público está descobrindo aquilo que os cinéfilos mais atentos já sabem há uma ou duas décadas: que a produção sul-coreana de cinema e TV é única — vital, ávida, arrojada e capaz como nenhuma outra de apreender o espírito do tempo e dissecar os mal-estares que o compõem. *Round 6,* que há poucos dias se tornou a série mais vista da Netflix até hoje, elenca uma variedade de mal-estares que são distintamente sul-coreanos, mas familiares em qualquer longitude e latitude. Da insegurança financeira e a sensação de que as regras do jogo são mais do que arbitrárias — são aleatórias —, e do autoritarismo até o clima de safári humano que domina hoje parte do entretenimento, não há aspecto da série com que não seja possível se relacionar.

O que torna a Coreia do Sul um caso sem precedentes é que, com apenas 52 milhões de habitantes e cercada pelos pesos-pesados Japão, China e Rússia (além da irmã da qual foi tragicamente separada, a Coreia do Norte, que não para de testar armas nucleares à sua porta), ela detém um *soft power* — o poder de influência cultural e de ditar comportamentos — só comparável ao anglo-americano. O mundo hoje joga em massa os games coreanos, ouve fanaticamente as bandas de K-pop, assiste às suas novelinhas açucaradas e séries inovadoras e se fascina com a voluptuosidade e a complexidade do seu cinema — e, com frequência, faz tudo isso usando tecnologia de marcas sul-coreanas.

O ingrediente irreplicável da receita é, claro, a própria Coreia do Sul. Protagonista de uma transformação econômica dramática, que o levou da miséria na primeira metade do século XX à atual renda per capita anual de 31 489 dólares (a do Brasil está em 6 797), o país jogou todas as fichas na educação (obsessão nacional) e na industrialização. Mas carrega as marcas da história tumultuada — a humilhante ocupação japonesa entre 1910 e o fim da II Guerra, a separação em duas,

a guerra de 1950-1953, o fim da esperança de reunificação, ditaduras, levantes populares e uma democratização complicada, com quatro presidentes condenados por corrupção.

Em 1997, com a crise asiática, a economia de evolução meteórica — hoje a décima do mundo — tomou um tombo feio, que deixou de herança um desmonte do mercado de trabalho: embora o desemprego seja baixíssimo, boa parte dessa estatística é sustentada por altas taxas de pequeno empreendimento próprio e informalidade. Como os personagens de *Parasita* e de *Round 6*, um grande contingente de sul-coreanos só tem o emprego estável na lembrança; no dia a dia, são acossados pelo temor da insolvência, do endividamento e do desamparo. E também pela falta de perspectiva, já que os jovens têm dificuldade em encontrar trabalho que corresponda à sua qualificação. Não por acaso, o desalento é um pivô de *Round 6*.

Populações instruídas costumam ser também críticas — e tensões e contradições são ótimos fermentos para a criatividade e o arrojo. A tigela em que se bateu essa massa, entretanto, foi construída a partir dos anos 90, quando a Coreia do Sul identificou a cultura e o entretenimento como um setor estratégico. O marco oficial foi a colonização do circuito exibidor por *Jurassic Park*, em 1993. Mas o quadro é mais complexo: o que isso fez subir à tona foi a necessidade de preservar a identidade cultural coreana e de resistir nessa área à influência americana, que é grande em assuntos militares e geopolíticos e da qual os coreanos em geral se ressentem.

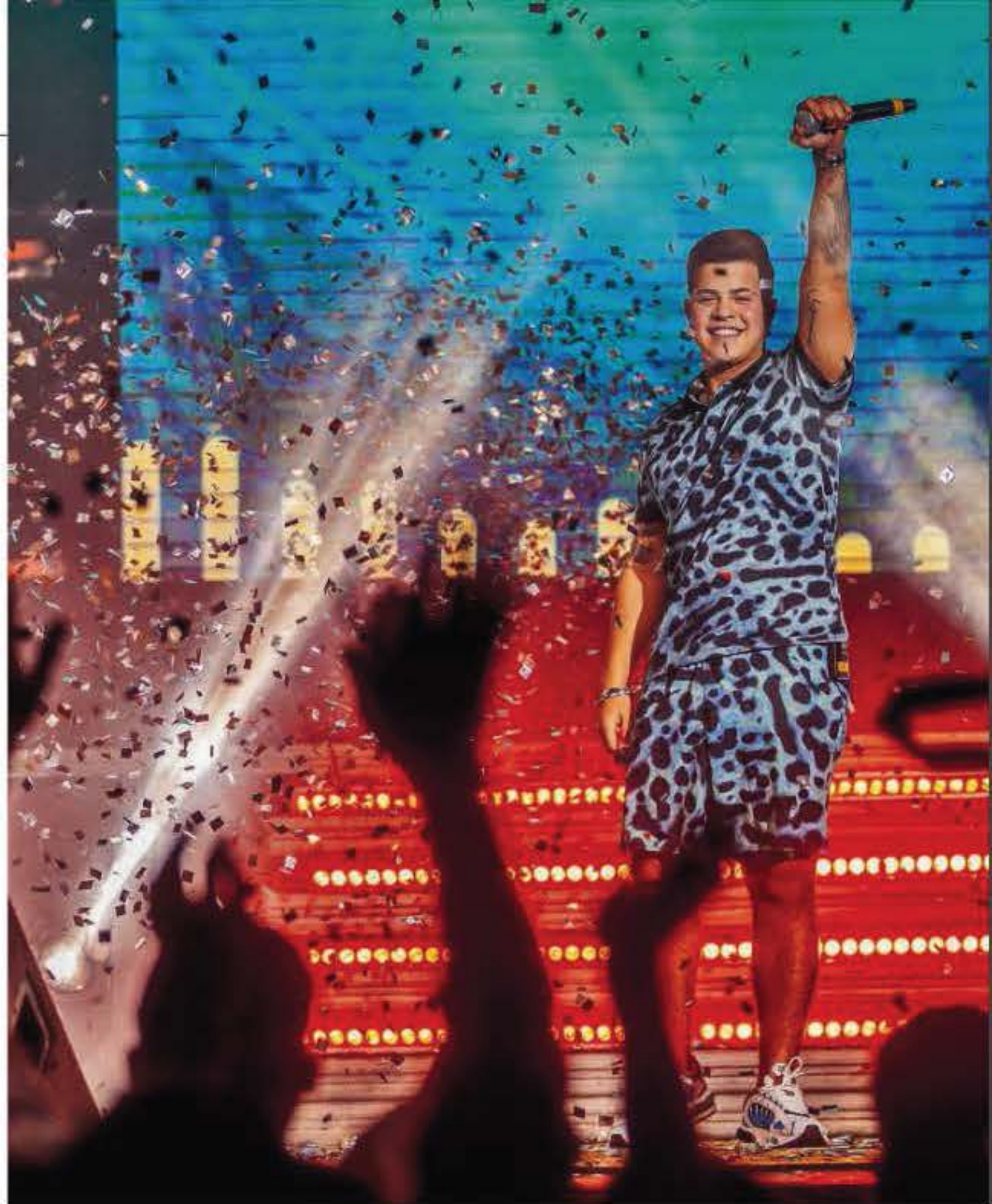
O cinema e a TV passaram a ser alvo de investimento em múltiplos flancos, desde formação universitária e festivais até cotas de tela e estímulos financeiros (corporações como Samsung e Hyundai foram convocadas a fazer sua parte). *Round 6* custou à Netflix 21,4 milhões de dólares, mas rendeu a ela um valor de impacto estimado em 890 milhões — além de 4,4 milhões de novos assinantes. Para a Coreia do Sul, o negócio também não foi nada mau. Pelo direito de instalar e operar seus estúdios no país, a Netflix tem, em troca, de financiar projetos locais e firmar colaborações com produtoras coreanas. Sem trabalho, elas não ficariam mesmo: está a pleno vapor a caçada das plataformas de streaming pelo novo (ou novos) *Round 6*. ■

TELEVISÃO

SINTONIA – SEGUNDA TEMPORADA

(disponível na Netflix)

Jovens e cheios de expectativas, os amigos Doni (Jottapê), Rita (Bruna Mascarenhas) e Nando (Christian Malheiros) buscam oportunidades capazes de transportá-los para uma nova vida. Na periferia paulistana, porém, não há como contornar uma tríade instável: o funk, a religião e o tráfico. Na segunda temporada da série criada pelo produtor KondZilla, MC Doni se embrenha no competitivo cenário musical, Rita se refugia na ideia de família proposta pela igreja evangélica, e Nando amplia sua influência numa facção criminosa. A combinação desafiará a amizade do trio. Série nacional mais vista na Netflix em 2019 — arrebanhando até elogios internacionais —, *Sintonia* cativa por seu trato honesto, leve e sem sensacionalismo ao observar, de dentro, uma realidade que a muitos escapa.

NO PALCO Doni (Jottapê): força do funk, da religião e do crime na periferia é combustível da nova fase

ACERVO LITERARIO DE ERICO VERISSIMO/IMS-RJ

LITERATURA POP Clarice: mostra traz rico acervo de *memorabilia* da autora

EXPOSIÇÃO

CONSTELAÇÃO CLARICE

(em cartaz a partir de sábado 23, no Instituto Moreira Salles em São Paulo)

Se no ano passado as celebrações do centenário de Clarice Lispector (1920-1977) foram afetadas pela pandemia, esta robusta mostra compensa amplamente a espera. Traz 300 itens, como manuscritos, cartas, fotos e até pinturas feitas por ela — que integram o arquivo do IMS e da Casa de Rui Barbosa, responsáveis pelo acervo da autora, e a coleção de seu filho, Paulo Gurgel Valente. O material, dividido em onze núcleos temáticos, será disposto junto de obras de artistas plásticas contemporâneas de Clarice, como Maria Martins e Lygia Clark. Em fevereiro, a exposição vai para o Rio.

VANS BUMBEERS/NETFLIX

DISCO

OPTIMIST,

de Finneas (Universal; disponível nas plataformas de streaming) Irmão mais velho e mente criativa por trás das músicas de Billie Eilish, o cantor e compositor Finneas, de 24 anos, agora alça voo em seu primeiro álbum autoral. Ele, no entanto, segue por um caminho mais tradicional, sem os experimentalismos sonoros que deram fama à irmã, cantando sobre um tema tão antigo quanto a música: a dor de cotovelo. A singela *A Concert Six Months from Now* foi gravada só no violão. Na eletrônica *The 90s*, ele altera sua voz no computador e lamenta como os algoritmos sabem tudo a respeito de sua vida. ■

OS MAIS VENDIDOS

FICÇÃO

1. **A GAROTA DO LAGO**
   Charlie Donlea [2 | 112#] FARO EDITORIAL
2. **É ASSIM QUE ACABA**
   Colleen Hoover [3 | 13#] GALERA RECORD
3. **OS SETE MARIDOS DE EVELYN HUGO**
   Taylor Jenkins Reid [1 | 29#] PARALELA
4. **TORTO ARADO**
   Itamar Vieira Junior [4 | 41#] TODAVIA
5. **TETO PARA DOIS**
   Beth O'Leary [0 | 42#] INTRÍNSECA
6. **BOX – GEORGE ORWELL**
   George Orwell [0 | 6#] PRINCIPIS
7. **A VIDA INVISÍVEL DE ADDIE LARUE**
   V. E. Schwab [8 | 7] GALERA RECORD
8. **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS**
   George Orwell [6 | 165#] VÁRIAS EDITORAS
9. **WIN**
   Harlan Coben [0 | 1] ARQUEIRO
10. **DUNA**
    Frank Herbert [0 | 16#] ALEPH

NÃO FICÇÃO

1. **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS** Clarissa Pinkola Estés [1 | 79#] ROCCO
2. **LADY KILLERS: ASSASSINAS EM SÉRIE**
   Tori Telfer [4 | 42#] DARKSIDE
3. **O DIÁRIO DE ANNE FRANK**
   Anne Frank [10 | 249#] VÁRIAS EDITORAS
4. **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE**
   Yuval Noah Harari [3 | 245#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS
5. **RÁPIDO E DEVAGAR**
   Daniel Kahneman [2 | 135#] OBJETIVA
6. **SOCIEDADE DO CANSAÇO**
   Byung-Chul Han [8 | 17#] VOZES
7. **ESCRAVIDÃO – VOLUME 2**
   Laurentino Gomes [6 | 19] GLOBO LIVROS
8. **POLÍTICA É PARA TODOS**
   Gabriela Prioli [5 | 9#] COMPANHIA DAS LETRAS
9. **CASOS DE FAMÍLIA**
   Ilana Casoy [0 | 2#] DARKSIDE
10. **MEDITAÇÕES**
    Marco Aurélio [0 | 12#] VÁRIAS EDITORAS

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1. **VENDAS À PROVA DE CRISES**
   Vários autores [0 | 1] GENTE
2. **MAIS ESPERTO QUE O DIABO**
   Napoleon Hill [2 | 130#] CITADEL
3. **DESOBEDEÇA**
   Mauricio Benvenutti [0 | 2#] GENTE
4. **MINDSET MILIONÁRIO**
   José Roberto Marques [0 | 1] BUZZ
5. **DNA REVELADO DAS EMOÇÕES**
   Elainne Ourives [6 | 3] GENTE
6. **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
   George S. Clason [4 | 52#] HARPERCOLLINS BRASIL
7. **REBELDES TÊM ASAS**
   Rony Meisler e Sergio Pugliese [1 | 8#] GENTE
8. **DO MIL AO MILHÃO**
   Thiago Nigro [0 | 141#] HARPERCOLLINS BRASIL
9. **DESTRAVE SUA VIDA**
   Bruno Gimenes e Patrícia Cândido [0 | 1] LUZ DA SERRA
10. **QUEM PENSA ENRIQUECE – O LEGADO**
    Napoleon Hill [9 | 2] CITADELA

INFANTOJUVENIL

1. **AMOR & GELATO**
   Jenna Evans Welch [6 | 17#] INTRÍNSECA
2. **VERMELHO, BRANCO E SANGUE AZUL**
   Casey McQuiston [2 | 32#] SEGUINTE
3. **MENTIROSOS**
   E. Lockhart [3 | 24] SEGUINTE
4. **COLEÇÃO HARRY POTTER**
   J.K. Rowling [0 | 88#] ROCCO
5. **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
   J.K. Rowling [5 | 317#] ROCCO
6. **A RAINHA VERMELHA**
   Victoria Aveyard [4 | 77#] SEGUINTE
7. **UM DE NÓS ESTÁ MENTINDO**
   Karen M. McManus [7 | 19#] GALERA RECORD
8. **MIL BEIJOS DE GAROTO**
   Tillie Cole [0 | 2#] OUTRO PLANETA
9. **A SELEÇÃO**
   Kiera Cass [8 | 91#] SEGUINTE
10. **SANGUE & MEL**
    Shelby Mahurin [0 | 1] GALERA RECORD

Pesquisa: **Yandeh** / Fontes: **Aracaju:** Escariz, **Balneário Camboriú:** Curitiba, **Belém:** Leitura, SBS, **Belo Horizonte:** Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Betim:** Leitura, **Blumenau:** Curitiba, **Brasília:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Cabedelo:** Leitura, **Cachoeirinha:** Santos, **Campina Grande:** Cultura, Leitura, **Campinas:** Cultura, Disal, Leitura, Loyola, Vozes, **Campo Grande:** Leitura, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Canoas:** Santos, **Capão da Canoa:** Santos, **Cascavel:** A Página, **Caxias do Sul:** Saraiva, **Colombo:** A Página, **Confins:** Leitura, **Contagem:** Leitura, **Cotia:** Um Livro, **Criciúma:** Curitiba, **Cuiabá:** Vozes, **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Saraiva, **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Saraiva, Vozes, **Foz do Iguaçu:** A Página, Kunda Livraria Universitária, **Frederico Westphalen:** Vitrola, **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Saraiva, SBS, Vozes, **Governador Valadares:** Leitura, **Gramado:** Mania de Ler, **Guaíba:** Santos, **Guarapuava:** A Página, **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, **Ipatinga:** Leitura, **Itajaí:** Curitiba, **João Pessoa:** Leitura, Saraiva, **Joinville:** A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí:** Leitura, **Lins:** Koinonia Livros, **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá:** Leitura, **Maceió:** Leitura, **Manaus:** Leitura, Vozes, **Maringá:** Curitiba, **Mogi das Cruzes:** Leitura, Saraiva, **Natal:** Leitura, **Niterói:** Blooks, **Palmas:** Leitura, **Paranaguá:** A Página, **Passo Fundo:** Santos, **Pelotas:** Vanguarda, **Petrópolis:** Vozes, **Poços de Caldas:** Livruz, **Ponta Grossa:** Curitiba, **Porto Alegre:** Cameron, Disal, Santos, Saraiva, SBS, Vozes, **Porto Velho:** Leitura, **Recife:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto:** Disal, Saraiva, **Rio Claro:** Livruz, **Rio de Janeiro:** Argumento, Blooks, Disal, Janela, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Rio Grande:** Vanguarda, **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Santa Maria:** Santos, **Santana de Parnaíba:** Leitura, **Santo André:** Disal, Saraiva, **Santos:** Loyola, Saraiva, **São Caetano do Sul:** Disal, **São José:** Curitiba, **São José do Rio Preto:** Leitura, **São José dos Campos:** Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **São Luís:** Leitura, **São Paulo:** Aeromix, A Página, Blooks, CULT Café Livro Música, Cultura, Curitiba, Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Nobel Mais Shopping, Saraiva, SBS, Vozes, WMF Martins Fontes, **Serra:** Leitura, **Sete Lagoas:** Leitura, **Sorocaba:** Saraiva, **Taboão da Serra:** Curitiba, **Taguatinga:** Leitura, **Taubaté:** Leitura, **Teresina:** Leitura, **Uberlândia:** Leitura, SBS, **Vila Velha:** Leitura, Saraiva, **Vitória:** MultiLivros, SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **Internet:** A Página, Amazon, Americanas.com, Authentic E-commerce, Bonilha Books, Cultura, Curitiba, Leitura, Magazine Luiza, Saraiva, Shoptime, Submarino, Vanguarda, WMF Martins Fontes

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

DORIA NO LABIRINTO

FAVORITO absoluto quando o PSDB marcou a realização de consulta prévia para escolher o candidato à Presidência da República, o governador de São Paulo, João Doria, vem perdendo terreno dentro do partido e chega a um mês do encontro marcado para 21 de novembro próximo à condição de quase azarão.

Trocou de posição com o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, um novato cuja projeção até outro dia era restrita ao âmbito regional e que entrou na disputa sob o signo do descrédito. No momento, Leite desponta como predileto. Menos por seus méritos, ainda desconhecidos, e mais pela antipatia que Doria atrai para si. Justa ou injustamente, não é essa a questão.

O governador de São Paulo tem "entregas" inequívocas e reconhecidas. Dispõe de bom mostruário do ponto de vista da administração do estado e por isso sua gestão é bem avaliada. Foi muito diligente na contratação e produção da vacina CoronaVac, tendo, assim, dado início à imunização no país e obrigado o governo federal a sair do imobilismo negacionista.

Além disso, João Doria tem o atributo essencial da vontade que vem demonstrando ao se colocar como postulante ao Planalto sem titubeios ou dissimulações. Um ativo considerável, que pela lógica deveria repercutir nos índices de intenção de votos para presidente em 2022 atraindo apoios num universo político ora ansioso pela busca de alternativas à dicotomia Jair Bolsonaro/Luiz Inácio da Silva, e carente de opções factíveis.

Mas não é o que acontece, ao contrário. O índice "nanico" nas pesquisas (de 4% a 5%) não é determinante a essa altura dos acontecimentos. Há muita água a rolar daqui até o início efetivo da campanha, a eleição ainda é assunto de políticos e jornalistas, o brasileiro não está mobilizado para a disputa. A pandemia, a inflação, o desemprego, a volta da carestia são as questões centrais.

São argumentos usados por Doria para explicar a razão de não ter deslanchado. Verdadeiras, tais alegações poderiam até relegar as pesquisas a uma condição de irrelevância temporária, não fosse um fator decisivo na construção de uma candidatura presidencial: João Doria não agrega ou, por outra, desagrega quando seu nome é posto na mesa das articulações político-partidárias. Isso dentro e fora do PSDB.

> **"Dono de forte 'capital', o governador perde terreno para o novato Leite dentro e fora do PSDB"**

Em tese, a escolha interna do candidato e as negociações com outras legendas seriam duas etapas distintas, mas no caso elas se misturam e influenciam uma à outra. No ambiente intramuros do tucanato, os dirigentes das bancadas parlamentares federais e a velha guarda, os "pais-fundadores" do partido, atuam na prévia marcada para novembro de olho no momento seguinte: o da viabilização de uma candidatura ou da formação de alianças com a possibilidade de ceder a cabeça da chapa.

Aqui residem pontos cruciais desfavoráveis a João Doria. De saída, sabe-se que ele não desistiria, se necessário, em prol de outro nome mais bem posicionado na cena, enquanto Eduardo Leite já sinalizou positivamente nessa direção.

Devido à inflexibilidade e ao que é visto como gosto pelo atrito por parte do paulista ("não precisamos de um galo de briga"), partidos como o PSD, o União Brasil (produto da fusão DEM/PSL), MDB e Solidariedade, considerando os já sondados, informaram à cúpula do PSDB que com Doria no páreo não haverá jogo.

Internamente, a situação é bem complicada para ele. São Paulo tem o maior poder no colégio da prévia, 26% dos votos. Ocorre que o diretório regional não está fechado com o governador, contra quem atua gente como José Serra e Geraldo Alckmin, ambos ex-governadores e com influência junto a prefeitos, vereadores e deputados. No restante do país, Eduardo Leite obteve compromisso do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e Ceará, de onde uma figura de peso como o senador Tasso Jereissati se empenha pela vitória do gaúcho.

Significa que a parada está perdida para Doria? De jeito nenhum. O governador de São Paulo tem recursos para, digamos, estancar a sangria. Trabalha nisso, ciente de estar diante de um desafio inimaginável para quem, dizendo-se "filho das prévias", imaginava-se imbatível.

A realidade mostrou-se adversa a João Doria, que disso, aliás, deu notícia quando "piscou" ao tentar fugir do primeiro debate e ao questionar a lisura do processo digital de votação. ■